



Alerta Vermelho, cheias no Centro e Sul

Sociedade PÁGINA 04

Pergunte a Tina

SMS
email

82 11 15

averdademz@gmail.com

TUDO O QUE VOCÊ PRECISA DE SABER SOBRE SAÚDE SEXUAL E REPRODUTIVA

goste de nós no
facebook.com/JornalVerdade

Jornal @Verdade

Armando Emilio Guebuza, Presidente de Moçambique, completa neste domingo 70 anos de idade. Parabéns!



Nico Cipultura Guilamba 70 ans roubado o povo. palhaco, ladrao Ontem às 12:53 • Gosto • 4

Ermelindo Da Conceicao camarada, que a saúde e sucesso seja um par das suas aspiracoes ,muita mola kota Ontem às 12:53

Serito Ossemame Parabens ao Chefao Ontem às 12:56

Izalia Paula Apesar d ser um corrupto, ladrao... pke ele so rouba o pOvO

cbrando impoxtos k dpos nao ns beneficiam... parabens Ontem às 12:57 • Gosto • 2



Ariel Sonto Saúde e muito mais dinheiro acima de tudo Ontem às 12:57



Beu Tembe YUUUUUUU uuuuuuuu vcs perderam a nocaao do perigo Ontem às 13:00 • Gosto • 1



De Carmo Parabéns guebas. O estado da nação É BOM. Ontem às 13:02



Fernando Nhabanga Papá Guebas, só falta mais um aniversario comemorar como presidente da Republica, faça uma accão de graça no um ultimo banquete do Estado oferecendo desfavorecidos toda a refeição... mais não disse Ontem às 13:05 • Gosto • 1



Dwayne Jr Nelson Parabens ao chefe de estado que mais tudo d bom aumente para o povo ja que come-cou Ontem às 13:05



Mohammad Hajat parabens ao nosso Presidente Ontem às 13:07



Felix Magrimuca Parabens Sr presidente. Mas tenho uma pergunta ao

presidente: qual é a dica k u senhor deixa como 1velho para k nós os jovens poxamos atingir a sua idade??? Ontem às 13:09 • Gosto • 2



Rui Narane Parabens, qual o segredo de tanta vida? Ontem às 13:13



Osvaldo Mauaie Boa cena ai ou velho, curta bem o poder porque com essa idade, da que a nada..... Feliz aniversario. Ontem às 13:16



Iderce Agostinho Muhosse Parabens,dsejo te tdu de bom +trata logo d melhor a sitwaxao vc e os seus colegas Dsejo te mtO sucexo Ontem às 13:21



Florindo Arlete Imane Ermelindo, nu teu perfil diz k kerx um pais d paz, exi teu camarada n é teu camarada..! Eu n dou felicidadx a ele pk n kru a felicidad dli, inkwant eli n dar a du meu pais! Ontem às 13:24 • Gosto • 3



Nelson Jossias 70 anos de vida, com Moçambique ao lado e com am (IN)-Corrupção no coração. Parabens papa Guibuza!!! Ontem às 13:27 • Gosto • 2



Dario Amir Ismael tas a ficar velho o Guebas, sera vas ainda conseguir governar? mas 70 anos de vida Ontem às

13:30



Orlando Maceda Parabéns! Mesmo que esta nos ajudando muito em fazer festa com nosso dinheiro, porque nao sabemos reveidica-lo... Ontem às 13:39



Narciso A. Machava Velho ja é Papá! Apesar das retissencias e virgulas na governação, parabens pelo Povo-sofredor desta Patria-aruinada pela Absoluta Pobreza fisica (nao Psíquica) como o tem dito! Ontem às 13:43 • Gosto • 2



Licinio Chambale Parabens! Maix 70 anox d corrupcao. Lol! Ontem às 13:43 • Gosto • 2



Djamey Da Jamaika Parabens big+70 anus d corrupcao gastandu a mola d povo fazendu exa festa d hoje...fazer uke nao temos palavra,voz activa Ontem às 13:54 • Gosto • 1



Basil Cuco parabens mts felessidades vovo guebuza e k desejo-te somente mais 10 anos de prq mais isso ja e mt sofrimento veja a situacao de mandela. E dizer k eu sou um ds grands seu admiradr prq pra ser o k es hj e gracias a sua copentencia. Parabens Ontem às 13:55



Irio Pinto @IrioP

Huehuahuehuahuehua RT @verdademz: Mais 61

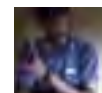
estrangeiros interditos de entrar em #Moçambique http://www.verdade.co.mz/newsflash/33858



Paulo Sithoe @pajo_mz

@IrioP @verdademz creio ser medida mas que

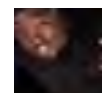
correcta!



Wizzy @TheRealWizzy

Isso é mau @verdademz CIDADÃO Leandro

REPORTA: #Cheiasmoz dramática situação no Chokwe Sul #Moçambique pic.twitter.co



FrankensteinYGil @Gill_vicent

RT @verdademz SIGA #CAN2013 @

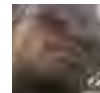
DesportoMZ: começou 2a jornada #RSA X #Angola jogo do grupo A #Afcon2013



Sérgio Fernando @

FernandoSrgio Ministério

para a Coordenação da Acção Ambiental anuncia a construção de aterro sanitário em Nacala-porto @verdademz



GeNte PoBrE AtIrAdOr @

scrap_the_moz @

verdademz tinham que dar um pulo no bairro d maxakene c a uma piscina soft #cheias



Cidadão Comum @

Paizonete Algumas

crianças passam dessa cova como caminho para inda e volta da escola. @verdademz pic.twitter.com/g2wmpGs6



Nelson Carvalho @

NelsonCarvalho @

verdademz #Nampula

#Nacala-Porto, bispo assaltado a sair da praia de Quissimajulo onde foi comprar peixe junto com a sua amante.



Bacdafucup @

TheGoonSensei @

verdademz "Democracia com fome, sem Educação e sem Saúde para a maioria, é uma concha vazia" - Nelson Mandela

Seja o primeiro a saber. Receba as notícias d'Verdade no seu telemóvel. Envie uma SMS para o nº 8440404 com o texto **Siga verdade**

Editorial

averdademz@gmail.com

A festa não é um erro, mas...

Celebrar uma festa de aniversário não é um erro. Nem na Ponta Vermelha, nem na Casa Branca. A celebração da data de nascimento de qualquer ser humano deve ser incentivada, apoiada e aplaudida. Mesmo no caso de um Chefe de Estado esse direito e incentivo devem ser garantidos. O sofrimento é tão antigo quanto a humanidade. Na história da humanidade houve sempre um espaço para as calamidades naturais. Elas, tal como o ser humano, fazem parte do mundo. E se a calamidade faz parte da essência da natureza não é menos verdade que celebrar, quando necessário, é parte intrínseca do ser humano.

Do mesmo modo sempre tivemos ricos e pobres. Num país terceiro mundista como o nosso isso é ainda mais evidente. Ainda assim, não pode ser negado aos integrantes desse país subdesenvolvido o direito à celebração de seja o que for. Mesmo os que celebram a morte dos que pereceram nas enxurradas que assolam Maputo têm direito. É, portanto, impossível coarctar tal direito. Moralmente podemos condenar, mas não lhes podemos negar esse direito. Eles podem ficar contentes pelas casas que se foram e pelas famílias que estão privadas de um tecto.

Nessa perspectiva, não há nada de errado no facto de o Chefe de Estado ter celebrado a sua festa de aniversário. Isso é até louvável. Guebuza tem o direito de ser celebrado por quem lhe quer bem. Isso não lhe pode ser negado de forma alguma. Sucede, porém, que a festa de Guebuza foi amplamente difundida pela televisão pública.

Aqui, no nosso entender, mora uma contradição tremenda entre a festa e o interesse público. E aqui levanta-se uma questão que nos parece não estar a ser considerada com a devida atenção por aqueles que acham legítimo o televisionado ostensivo de uma festa privada.

Aliás, o espaço privado dos cidadãos é um limite imposto por qualquer órgão de informação sério. Trata-se de um princípio há muito consagrado no jornalismo de qualidade e que pressupõe cuidados especiais na elaboração de notícias.

O aniversário do Chefe de Estado até pode ser noticiado. Um destaque nos serviços noticiosos é suficiente. O país não precisa de saber como e de que forma Guebuza celebra os seus aniversários.

Um aniversário não pode, de forma alguma, ocupar mais espaço de antena do que o resultado das calamidades que assolam o país. Morrem pessoas e a televisão pública oferece aos telespectadores a festa do Chefe? Será que o aniversário de Guebuza é mais relevante, por exemplo, do que as 70 mil vítimas das enxurradas em todo o país? O aniversário de Guebuza ocupou mais espaço de antena do que a explosão do paiol num passado recente. Ocupou mais espaço de antena do que a abertura do ano escolar. Teve tanto destaque quanto a apresentação do Estado Geral da Nação.

O problema não está no celebrado, mas na forma como o mesmo é celebrado. O serviço público de Televisão tem por desiderato científico o debate público e a construção de um cidadão culturalmente informado para participar da edificação da República. Não cremos que o acto de genuflexão da televisão pública tenha servido para tal. A nossa indignação não se pretende constituir a prova de que Guebuza errou ao celebrar o seu aniversário. Guebuza está mais do que certo ao fazê-lo. O que sempre dissemos e voltamos, agora a repetir, a televisão pública não tem o direito de brindar os contribuintes com horas e horas de uma festa privada. Ainda que seja a festa do Chefe de Estado. Isso é que é brutalmente errado...



Boqueirão da Verdade

“Há “críticos” que são fanáticos por Guebuza. Talvez porque são amigos ocultos de Guebuza, como diria o historiador. Para estes, criticar é falar de Guebuza e não do que Guebuza faz. Não estão interessados em falar dos maus procedimentos que são aos milhares praticados por Guebuza. Estão mais interessados em atingir Guebuza. São os ditadores da crítica. Os déspotas da análise. Por exemplo: está a chover e há famílias ao relento e Guebuza dá festas de requinte com o nosso dinheiro. Perdemos a oportunidade de atacar um problema concreto e vamos ao dicionário à procura de adjetivos para GUEBUZA!”, **Matias de Jesus Júnior**

“Se o Presidente da República tivesse feito da festa de luxo transmitida pela nossa televisão uma festa beneficente (como o tem feito a primeira-dama), alguns irmãos nossos vivendo a menos de 5km da ponta vermelha teriam comprado tendas para albergar as crianças. (O valor mínimo de convite poderia ser 10.000USD – certamente que os convidados que lá estiveram pagariam isso sem pestanejar). Isso seria realmente um gesto de um PAI que se preocupa com os seus FILHOS”, **DaBrooqa Qantchow**

“Pagamos impostos para o Presidente da República trabalhar para nós (e uma das suas atribuições é acarinhar o seu povo, em momentos negros como o das recentes cheias e inundações um pouco pelo país). Coisa que ele ainda não fez... Não pagamos impostos para a TVM transmitir a sua festa de aniversário! Senão teria também de transmitir a festa de aniversário do Primeiro-Ministro, dos demais ministros, dos deputados, do Procurador-Geral da República, do Presidente do Tribunal Supremo, dos governadores provinciais, dos presidentes municipais e até da minha própria...”, **Edgar Barroso**

“Depois das recentes chuvas na capital do país, creio que os discursos oficiais vão passar a incluir mais um chavão, a acrescentar ao “povo maravilhoso”, “pérola do Índico”, “pátria dos heróis”, “auto-estima”, e outros de que agora não recordo”, **Machado da Graça**

“Respeitamos os nossos dirigentes, nossos governantes mas jamais aceitaremos que sejam “deuses”. Não escondam a porcaria “proclamando santo” quem até pecador é. Moçambique não precisa de “heróis inventados” por uma agenda política de manutenção no poder. O culto de personalidade tão característico de regimes políticos fundados em tudo menos Democracia é um fenómeno preocupante. Em Moçambique, algumas correntes entendem de que perseguir tal forma de actuação constitui garantia de conquista de espaço político. Alguns quadrantes ou estratégias políticos consideram que a manutenção do poder deve socorrer-se das práticas declaradamente corrosivas dos preceitos democráticos”, **Noé Nhantumbo**

“Os danos causados pelas chuvas, na cidade de Maputo são elevados; de entre eles, contabilizam-se mortes, destruições totais ou parciais de casas, inundações de residências, estradas e ruas destruídas entre outros e, curiosamente, o pre-

sidente David Simango veio a público pedir compreensão, alegadamente, porque ainda estamos no período de chuvas. A comunicação social reporta uma linha férrea suspensa por erosão dos solos nas barbas da capital do país. Isto é aceitável? Devemos compreender isto? Eu recuso-me senhor presidente; no lugar de pedir a compreensão dos munícipes, peça a sua demissão”, **Adelino Buque**

“Quando li o artigo do “Canal de Moçambique”, intitulado “Podridão na Imprensa Pública”, publicado na edição de 16 do corrente mês, o qual me aponta como tendo enviado um artigo sobre a greve dos médicos à Assessoria de Imprensa do Primeiro-Ministro, Celina Henriques, apercebi-me de que este semanário precisa de contratar peritos capazes de decifrar correctamente os “e-mails” que “interceptam” ou que lhes são (re)enviados”, **Gustavo Mavie**

“Peço desculpas, mas alguns dos que pululam nas redacções não dariam sequer para serem porteiros de uma verdadeira empresa jornalística. É por isso que os pseudo-jornais têm uma tiragem insignificante e a sua existência deve-se às chancelarias que injectam dólares para a sua manutenção porque pensam que servem os seus interesses. No dia em que tais injeções pararem, não tardará muito a caírem na falência, a menos que passem a ser jornais que apenas veiculam a verdade em forma de notícia”, **Idem**

“A greve dos médicos pode ser a greve da realidade que nos alerta para os limites deste modelo insustentável. A realidade clama por maior pragmatismo, maior sentido estratégico e maior emancipação da sociedade. Não vai ser o Estado a tornar isso possível. Vai ser um maior sentido de cidadania como o que anima os médicos, justa ou injustamente, a definirem abertamente a sua relação com Moçambique pela via dos seus próprios interesses, por muito desajustados que sejam. Quem reclama assim tão alto convida a sociedade a também exigir mais dele. O desleixo e a irresponsabilidade de alguns destes profissionais vai incomodar mais ainda, pois a acontecer não será por arranjos neo-patrimoniais longe do olhar do público como é costume e hábito entre nós, mas à vista de todos. Eu acho que há algumas coisas boas nesta greve”, **Elísio Macamo**

“Não é o ministro da Saúde que é desleixado no hospital; são alguns médicos, enfermeiros e serventes. E os utentes que aceitam isso. Não é o ministro do Interior que não respeita o cidadão; são muitos agentes policiais. E os cidadãos que deixam que isso aconteça. Não é a ministra da Justiça que não tem brio profissional; são alguns procuradores, juizes e escrivãos. E os queixosos que entram em esquemas. Não é o Presidente que quer tudo para si; é quase toda a função pública, todos os deputados, todos nós que só nos sentimos realizados quando temos subsídio de telefone, combustível, arrendamento, ajudas de custo para viagens supérfluas e... passaporte diplomático, à custa dum Estado que, pelo menos por enquanto, ainda não está a produzir a riqueza que sustentaria isso”, **Idem**

OBITUÁRIO:

Fernando Couto
1924 – 2013 • 88 anos



O empresário e entusiasta italiano do motocross Silvano Fabbri, que vivia no nosso país há mais de trinta anos, morreu no último domingo (19 de Janeiro) em Maputo, na pista do Automóvel e Touring Clube de Moçambique (ATCM), num acidente de motorizada ocorrido quando ele se encontrava a fazer uma demonstração para rapazes também amantes daquela modalidade desportiva.

Fabbri, que era, segundo testemunhas, muito cuidadoso na condução das motos, tinha tomado as normais precauções para fazer o circuito. Encontrou a morte após uma queda aparatosa, à qual acabaria por não resistir mesmo depois de ter obtido socorro imediatamente.

No ramo empresarial, Silvano Fabbri era proprietário da empresa de telecomunicações SPAC Services, e era muito conhecido nas comunidades italiana e moçambicana.

O presidente do ATCM, António Marques, citado pelo Notícias, conta que Silvano Fabbri participou nos anos 80/90 nas provas organizadas pelo ATCM na pista improvisada junto à bancada velha e que competia ao lado de pilotos tais como os moçambicanos Emiliano Finoque e Bruno Brito, o seu compatriota Mauro Burate, incluindo o falecido português Luís Tário.

“Ele depois deixou de ir à pista, optando por construir uma própria nos seus terrenos na Matola, onde passou a praticar motocross. No domingo passado, como era sua prática, saíra de casa para ir treinar e teve essa queda fatal. Como se pode depreender, o desporto motorizado é de lato risco, daí os apelos que sempre fazemos para se cumprir com as regras”, disse Marques.

O corpo do malogrado, que deixa viúva, foi transladado para Itália.

Ficha Técnica

Av. Mártires da Machava, 905
Telefones: +843998624 Geral
+843998634 Comercial
+843998625 Distribuição
E-mail: averdademz@gmail.com

Tiragem Edição 219
20.000 Exemplares
Certificado pela



Jornal registado no GABINFO, sob o número 014/GABINFO-DEC/2008; Propriedade: Charas Lda; Director: Erik Charas; Director-Adjunto: Adérito Caldeira; Director de Informação: Rui Lamarques; Chefe de Redacção: Victor Bulande; Hélder Xavier (Delegado em Nampula); Redacção: Coutinho Macanandze, David Nhassengo, Inocência Albino, Nelson Miguel, Sérgio Fernando; Colaboradores: Milton Maluleque (África do Sul); Fotografia: Miguel Manguzeu; Paginação e Grafismo: Nuno Teixeira, Danúbio Mondlane, Hermenegildo Sadoque, Avelino Pedro; Revisor: Mussagy Mussagy; Director de Distribuição: Sérgio Labistour, Carlos Mavume (Sub Chefe); Administração: Sânia Tajú; Internet: Francisco Chuquela; Periodicidade: Semanal; Impressão: Lowveld Media, Stinkhoutsingel 12 Nelspruit 1200.



Os nossos leitores nomearam os Xiconhocas da semana. @Verdade traça em breves linhas as motivações.

1. Armindo Chavana

Há muito que o serviço público de televisão nacional está mergulhado numa crise propositada de ideias. Claro que os mentores desta propositada crise sempre estiveram a trabalhar para alcançar a excelência de um serviço não público de informação. Porém, brutalmente servil aos interesses de quem está no poder por via da propaganda de construção de mitos como a Frelimo ou Guebuza, por exemplo. E como a ideia é alcançar a excelência da propaganda enganosa através da TV pública, tratou-se de encontrar um perito cujo curriculum apresentasse detalhes do servilismo militante. Foi na base deste critério que, quanto a nós, se encontrou o oficial de Marketing da Frelimo, Armindo Chavana. Um tremendo Xiconhoca...

2. Director pedagógico do curso diurno da Escola Secundária da Macia

O director pedagógico diurno da Escola Secundária John Issa foi eleito Xiconhoca. @Verdade procurou saber os motivos e constatou uma verdade atroz: o pedagogo é um cidadão com profundo desconhecimento da educação. Ou seja, é um assassino da educação. Na Macia, o homem de que não vamos citar o nome para não manchar as páginas deste jornal, foi parar à esquadra local por abusar sexualmente de alunas. Os docentes que reclamam da conduta deste maníaco sexual são transferidos compulsivamente. Alguns encarregados de educação, para protegerem as suas filhas, tiram-lhes da escola. É que o homem não brinca, havendo indicações de rebentos que correm desgarrados pelos bairros sem sequer saberem de que um quadro, como o homem gosta de ser tratado, é o responsável pela sua vinda ao mundo.

3. Directora de Educação da Escola Primária 4º Congresso

Nem mais. Os encarregados de educação dos alunos da Escola Primária 4º Congresso votaram em grande e designaram a directora daquele estabelecimento de ensino Xiconhoca. A razão é simples: a abnegada estrutura cobra 110 meticais para os novos ingressos. Os pais, esses, não caíram no conto. Contudo, tiveram de pagar para garantirem que os seus filhos estudassem. Mas não se calaram e, para castigar a malfetora, elegeram-na Xiconhoca da semana.

Eles perguntam: afinal o ensino não é grátis? De onde é que a senhora directora tirou a brilhante ideia de que os 110 meticais são necessários? Xiconhoca é mesmo Xiconhoca. Não muda.

Por opção editorial, o exercício da liberdade de expressão é total, sem limitações, nesta secção. As escolhas dos leitores podem, por vezes, ter um conteúdo susceptível de ferir o código moral ou ético de algumas pessoas, pelo que o Jornal @Verdade não recomenda a sua leitura a menores ou a pessoas mais sensíveis.

As opiniões, informações, argumentações e linguagem utilizadas pelos participantes nesta secção não reflectem, de algum modo, a linha editorial ou o trabalho jornalístico do @Verdade. Os que se dignarem a colaborar são incentivados a respeitar a honra e o bom nome das pessoas. As injúrias, difamações, o apelo à violência, xenofobia e homofobia não serão tolerados.

Diga-nos quem é o Xiconhoca desta semana. Envie-nos um E-MAIL para averdademz@gmail.com, um SMS para 821111, uma MENSAGEM BLACKBERRY (pin 28B9A117) ou ainda escreva no Mural defronte da nossa sede.

Xiconhoquices

da Semana

1. Assassino à solta:

Não compreendemos como é possível que tal xiconhoquice se desencadeie sem que o sistema nacional de justiça diga ou faça alguma coisa. Num país normal, algumas cabeças já teriam rolado, mas, como estamos num rochedo à beira-mar, tudo é permitido.

O ex-agente da Polícia de Investigação Criminal (PIC), Alexandre Balate, condenado a 22 anos de prisão maior, a 11 de Junho de 2009, em consequência do assassinato do cidadão Abranches Penicelo, em Agosto de 2007, goza de impunidade que lhe permite estar constantemente fora da Cadeia Civil de Maputo, daí frequentar as barracas e cometer desmandos. Ameaça a família do malogrado com promessas de eliminar cada membro, um a um.

A família de Abranches Penicelo, residente nos bairros de Inhagoia "A", 25 de Junho e de Magoanine, todos em Maputo, anda apavorada por causa das movimentações de Alexandre Balate nas proximidades do local onde se encontra. Silvano Penicelo, Constantino Júnior, Telma Penicelo e Graciosa Penicelo decidiram recorrer à Liga Moçambicana dos Direitos Humanos (LDH) para pedir que esta interceda no caso.

Por via disso, a LDH produziu, com base nas declarações da família e noutras provas em sua

posse, uma exposição denominada "Caso Penicelo" endereçada à Procuradoria da Cidade de Maputo, na tentativa de influenciar esta e outras instâncias a intervirem no caso, uma vez que, vezes sem conta, Alexandre Balate tem estado fora da cadeia onde se acha em reclusão e anda a ameaçar e a chantagear a família

Penicelo.

2. Transmissão da festa do aniversário de Armando Guebuza:

A transmissão televisiva da festa de aniversário dos 70 anos do Presidente da República, Armando Guebuza, chocou a opinião pública e gerou um debate sobre a responsabilidade de um órgão de informação público. Vários cidadãos julgam que é um atropelo à moral e a ética, por parte da Televisão de Moçambique (TVM), dar destaque ao aniversário do Chefe de Estado quando muitas famílias choram pela destruição parcial ou total das suas residências. Morreram 35 pessoas e a TVM dedicou longas horas do seu espaço de antena a um evento privado e que só diz respeito ao Chefe de Estado, sua família e amigos. Esse desprezo pelo interesse público coloca tal transmissão no rol das xiconhoquices da semana.

Para a TVM, imparcialidade, integridade e independência em relação aos vários poderes são uma mera utopia. Ficou provado que esse é um reduto desconhecido. Uma televisão dos moçambicanos e paga pelos impostos desses infelizes 22 milhões não devia estar envolvida em tomadas de posição de carácter político, comercial, religioso, militar, clubístico ou outras que, de algum modo, comprometam a imagem de independência que um órgão que se preze deve ter.

3. Cobranças ilícitas:

Alguns funcionários das secretarias das escolas secundárias de Nampaco e Marcelino dos Santos, na província de Nampula, Norte de Moçambique, estão a cobrar, ilícitamente, dinheiro aos pais e encarregados de educação que pretendem matricular os seus educandos naqueles estabelecimentos de ensino público, contaram ao @Verdade as próprias vítimas.

Nessas escolas, o valor de matrícula varia de 160 a 215 meticais. Entretanto, segundo os queixosos, os funcionários afectos ao processo quando recebem uma nota de 200 ou 500 meticais, por exemplo, não devolvem os trocos. Há ainda aqueles que descaradamente exigem que um certo pai ou aluno lhes pague um refresco, alegadamente para agili-

zarem a inscrição.

Eugénio Dias foi uma das vítimas da referidas cobranças, que, se realmente acontecem, sugerem tratar-se de um acto de corrupção que carece de punição.

De acordo com Dias, quando ele ia matricular os seus três filhos, na 8ª, 9ª e 10ª classe, devia ter pago valores entre 160 e 195 meticais. Entregou um montante acima dos 500 meticais e os trocos ficaram no bolso de alguém da secretaria.

Na Escola Secundária de Nampaco, um aluno que acabava de regularizar a sua matrícula e que não quis ser identificado, disse que lhe pediram 200 meticais para facilitar o processo. Entregou 500 meticais, dos quais deviam ter sido cobrados 215 meticais, mas não recebeu troco.

A nossa Reportagem presenciou o processo de matrícula de um estudante que foi transferido de uma escola primária no distrito de Mecanheles, província de Niassa. Uma funcionária da Escola Secundária Marcelino dos Santos disse-lhe: "Foi transferido de Niassa, se quiser estar matriculado nesta escola depende das condições do seu bolso", afirmou e de seguida perguntou quanto é que o estudante tinha para se matricular.

Comunicado

Cidadão informado vale por dois tenha sempre @Verdade perto de si
www.facebook.com/JornalVerdade

Cheias “engolem”, Chókwè, Guijá e Xai-Xai

Repetiu-se o drama do ano 2000. A província de Gaza, Sul de Moçambique, está a ser fustigada pela água da chuva que transborda de algumas bacias e rios, sobretudo do Limpopo. As cidades de Chókwè e de Xai-Xai estão submersas. Mais de 55 mil pessoas residentes em áreas consideradas de maior risco foram evacuadas para zonas seguras.

Texto: Redacção • Foto: CIDADÃO REPORTER Leandro

Esta terça-feira (22), o Governo declarou um “alerta vermelho” para as regiões Sul e Centro. No mesmo dia foram disponibilizados 10 barcos e um grupo da Unidade de Protecção Civil (UNAPROC) para evacuar compulsivamente as pessoas que se recusavam a abandonar os locais considerados críticos, como é o caso dos bairros 1, 2, 3, 4, 5, 6 e 7, em Chókwè. Os serviços públicos e privados encontram-se encerrados.

No rio Limpopo, sobretudo na estação de Chókwè, o caudal extravasou os limites de alerta e tende a inundar completamente a província de Gaza. Centenas de famílias estão a ser movimentadas para lugares seguros. Para além do caso de Pafuri, onde 2.000 pessoas permaneceram horas isoladas devido à intransitabilidade das vias de acesso locais, muitas pessoas foram sitiadas pela água esta quarta-feira e algumas desaparecidas.

A ligação entre Chókwè e Macarretane está interrompida



porque a água alagou tudo. Para além de destruição de hectares de culturas diversas, há relatos de muito gado morto. A situação é descrita como deveras crítica. A água já atingiu os distritos de Guijá e Chibuto. Na bacia de Incomati, A estação de Magude inspira grande preocupação. Na madrugada desta quarta-feira (23), mais de 60 doentes internados no Hospital Rural de Chókwè foram evacuados para outros centros hospitalares porque Xai-Xai, capital provincial, está também inabitável. Segundo o Instituto Nacional de Gestão de Calamidades (INGC), no Limpopo (onde já foram ultrapassados os cinco metros de alerta) a água está próxima dos oito metros e as cheias irão abranger igualmente as aldeias de Chihaquelane, Chiguidela, Chalucuan, Chinangue, Conhane, Marrambandjane, Malhazene, Mapapa, Muianga, Muzumuia, Sangene e Zuza.

Na bacia do Zambeze, o caudal do rio continua acima do nível de alerta, mas com tendência a baixar nas estações de Mutarara e Caia, e para subir em Marromeu. A bacia do Save apresenta também com uma tendência crescente.

A porta-voz do Conselho Técnico de Calamidades, um órgão subordinado ao INGC,



Rita Almeida, disse que, apesar do abrandamento da chuva em alguns pontos do país, “vamos continuar com cheias nas províncias de Gaza e Inhambane e um pouco mais para o Centro. O “alerta vermelho” foi lançado porque as bacias do Incomati, Save, Púnguê e Zambeze atingiram níveis de alerta.” O Governo apela à população para que mantenha a calma e observe os avisos que estão a ser emitidos pelas autoridades competentes.

40 pessoas morreram em todo o país e outras 25.557 estão afectadas pela chuva que cai desde Janeiro em curso. Destas, 8.500 vivem em centros de acomodação. Foram ainda contabilizadas 5.230 casas e 79 salas de aulas destruídas parcialmente. Ainda de acordo com os dados do INGC, em Maputo, cerca de quatro mil pessoas foram vítimas da chuva, das quais 2.740 se encontram albergadas em 10 centros de acomodação.



África do Sul: Subida do caudal do rio Limpopo provoca a morte de seis pessoas

A subida do caudal do rio Limpopo, causada pelas intensas chuvas que têm vindo a cair no território sul-africano, já provocou a morte de seis pessoas, de acordo com o Departamento do Governo Cooperativo de Limpopo.

Texto: Milton Maluleque

“Operações de resgate nas áreas ribeirinhas estão concluídas. Temos a lamentar a morte de seis pessoas. Na bacia de Mapungubwe, próximo do Kruger Park, resgatámos 44 pessoas.

Ainda não consolidámos os dados porque estamos à espera dos da polícia”, disse a porta-voz do departamento provincial, Dieketseng Diale, em declarações à Imprensa.

Na noite do último domingo, equipas de resgate tiveram de observar uma pausa depois de terem resgatado 45 das 334 famílias em perigo, e as operações foram retomadas nas primeiras horas de segunda-feira.

Entretanto, os residentes das zonas a jusante do rio Limpopo tiveram de se refugiar no tecto das casas e nas montanhas devido às inundações.

“Muitas casas foram danificadas, mas não podemos apresentar o número exacto na medida em que certas áreas estão inacessíveis”, afirmou Diale.

A directora provincial da Saúde e do Desenvolvimento Social, Norman Mabasa, visitou na segunda-feira o Hospital de Musina e as vítimas das cheias, e no fim disse que “este desastre coloca os serviços de saúde sob pressão, daí que tenhamos visitado o Hospital de Musina para nos assegurarmos do bom funcionamento da mesma e para que ela acomode as vítimas das enxurradas”.

Previsão de mais chuva

Os Serviços sul-africanos de Meteorologia prevêem a ocorrência de mais chuva para as províncias de Limpopo e de Mpumalanga nos próximos dias. Nesta última, as estradas e certos pontos do Kruger Park estiveram intransitáveis no início desta semana.

Em Limpopo, três crianças perderam a vida quando as suas respectivas casas desabaram durante a queda da chuva no fim-de-semana. Segundo o porta-voz do município de Vhembe, Matodzi Mulaudzi, a equipa municipal de

gestão de calamidades recebeu esta informação nas primeiras horas de domingo.

As Forças Armadas de Defesa da África do Sul prestaram a sua assistência nas missões de busca e resgate nas duas províncias, que resultaram no resgate de 60 pessoas nas zonas de Makhado e Hoedspruit.

Estragos da chuva

No que diz respeito aos danos causados pelas chuvas, a região de Tonga, nas proximidades de Komatipoort, foi a mais afectada, tendo sido registado o desaparecimento de três viaturas, que se acredita tenham sido arrastadas pelas águas do rio Nkomazi (Incomati, que passa por Moçambique e vai desaguar no oceano Índico).

Das viaturas arrastadas constam uma pertencente à Polícia de Trânsito, com um número não actualizado de ocupantes, uma ambulância com dois paramédicos, e uma particular na qual se faziam transportar duas pessoas.

Os paramédicos acabariam por ser resgatados pela Polícia Marinha, e os que estavam na particular por elementos das Forças Armadas de Defesa.

Os outros sobreviventes foram salvos depois de terem permanecido em árvores ao longo da estrada até a chegada das equipas de socorro.

O porta-voz da província de KwaZulu-Natal, Lennox Mabaso, disse que algumas estradas estavam intransitáveis no último sábado, depois de as chuvas terem danificado o sistema de drenagem.

Já na província de North West, concretamente em Kanana, cerca de 31 casas encontravam-se inundadas.

O porta-voz provincial, Lesiba Kgwele, afirmou que a equipa de gestão de calamidades estava a monitorar a situação, e que ainda não se tinham registado grandes incidentes.

Surto de diarreias em Maputo, Nampula e Pemba

A chuva que cai no país desde princípios de Janeiro em curso está a causar diarreias devido à deterioração das condições de higiene. As autoridades de saúde da província de Nampula, Norte de Moçambique, apontam que nos últimos dois meses mais de 35 mil pessoas deram entrada em diferentes unidades sanitárias, contra 67 registadas em Pemba e 45 em Maputo.

Texto: Redacção

Nampula, principalmente a cidade com o mesmo nome, está em estado de alerta por causa do receio de uma eventual eclosão de cólera, o que tem sido frequente nesta época chuvosa.

A maior parte dos doentes vem dos bairros de Muatala, Mutawanha, Muhala e Namutequeliua, onde há problemas sérios do saneamento do meio, aliados ao fornecimento de água.

Leonel Namuquita, director dos Serviços de Saúde Mulher e Acção Social na cidade de Nampula, disse ao @Verdade que ainda não há registo de casos relacionados com a cólera, mas as diarreias agudas, cujo número de doentes no centro de tratamento varia de sete a oito casos por dia, é uma realidade. Nenhum óbito foi registado.

Face à situação, já estão disponíveis, em todas as unidades sanitárias, quantidades suficientes de medicamentos, quer para os doentes internados, quer para os que estiverem a receber tratamento ambulatório.

De acordo com Leonel Namuquita, esta semana houve um encontro com a comissão multisectorial de combate à cólera, que envolve os líderes comunitários, representantes da Polícia da República de Moçambique, Fundo de Investimento do Património e Gestão de Água (FIPAG), Conselho Municipal, dentre outros.

Debateu-se a possibilidade de reactivação das campanhas de sensibilização à população sobre os cuidados básicos

de higiene, sobretudo de tratamento de água, saneamento do meio, combate à desinformação, entre outros.

A problemática do saneamento do meio, segundo o nosso entrevistado, verifica-se com maior frequência em quase todos os mercados, escolas e alguns bairros, e está associada ao deficiente sistema de remoção e tratamento do lixo na cidade de Nampula.

Até finais do ano passado, conforme palavras do nosso interlocutor, a cidade de Nampula registou 39.039 doentes de diarreia, tendo havido um óbito. Em relação à cólera, em 2012 não houve nenhum caso. Em 2011, pelo menos nove pessoas perderam a vida devido à mesma doença.

Refira-se que a cidade de Nampula tem mais de cinco mil habitantes, dos quais a maior parte vive em bairros críticos.

Relativamente à capital do país, para além da diarreia, foram diagnosticados 780 casos de malária, de 01 a 13 de Janeiro corrente, sem nenhum óbito.

Em Pemba, capital da província de Cabo Delgado, foi aberto um estabelecimento designado Centro de Tratamento de Diarreias (CTD) para descongestionar o Hospital Provincial. Até o último domingo (20), estavam internados 22 doentes, de um total de 67 casos já notificados.

As autoridades de saúde no país apelam à população para que observe rigorosamente as medidas de prevenção de doenças, como a cólera e a malária.

Reactivado movimento de solidariedade para com as vítimas das enxurradas

O movimento de solidariedade para com as vítimas das enxurradas em Moçambique, em particular na cidade de Maputo, criado em 2011 por um grupo de jovens, na rede social Facebook, está reactivado, e pretende angariar roupa e alimentos para ajudar os compatriotas que, em consequência da chuva da semana passada, na capital do país, perderam as suas casas e vários bens.

Texto: Redacção

Chama-se “Movimento Solidário do Facebook” e conta com aproximadamente três centenas de membros movidos pela mesma causa. Outros jovens estão a ser mobilizados para fazerem face às necessidades daqueles que neste momento precisam de ajuda para minimizar o sofrimento por que passam ou mesmo para se reerguerem dos efeitos nefastos da chuva.

Edgar Barroso, um dos membros fundadores do movimento, é considerado grande mobilizador para as causas sociais. Ele disse a um jornal da praça que, numa primeira fase, os jovens acordaram que o grupo não vai receber valores monetários, pelo que qualquer pessoa que deseje contribuir por via de valores monetários deverá converter esse valor em cadernos, roupa e comida, por exemplo. A ideia é ter um grupo cuja actuação seja levada a cabo a nível nacional porque a chuva já está a fazer estragos noutras províncias.

“Numa primeira fase, vamos trabalhar com a cidade de Maputo, onde já estão identificadas as necessidades de ajuda urgentes. Vamos trabalhar com a Cruz Vermelha e o Instituto Nacional de Gestão de Calamidades Naturais”, disse. Amelina Nachungué, uma das integrantes do “Movimento Solidário do Facebook”, disse a um canal radiofónico que os moçambicanos que se encontram fora do país e que queiram ajudar as vítimas das cheias têm a opção de enviar o dinheiro para as lojas em que os produtos possam ser comprados, como é o caso de papelarias, supermercados ou ferragens.

Para além deste movimento, há outro constituído por empresários e organizações da sociedade civil a trabalhar com o município de Maputo na angariação de produtos para as pessoas que vivem em centros de acomodação. Alguns partidos políticos, como é o caso do Movimento Democrático de Moçambique (MDM) e da Frelimo, estão igualmente a juntar diversos produtos para auxiliar as vítimas das enxurradas nas cidades de Maputo e Matola.



O impacto alastra-se por todo o país

Em tudo isso, o mais agravante é o facto de, de acordo com as palavras de Alvim Cossa, o coordenador do grupo, quando o GTO-Maputo entra em crise, a mesma alastra-se em toda a sua esfera de influência. Ou seja, “nós trabalhamos com pouco mais de 100 grupos de teatro que são informais. Nós é que os representamos jurídica e financeiramente. Por causa disso, os financiamentos dos projectos que eles realizam vêm através do GTO-Central. Isso significa que se um grupo que está em actividade em algum distrito e o seu relatório mergulhou na água, em Maputo, não há como fazê-lo aprovar por parte do doador e, imediatamente, tal colectividade entra em colapso. As nossas crises, aqui, estendem-se em tempo real a todos os grupos que trabalham connosco”.

Grandes objectivos

Referindo-se a esse respeito, Alvim Cossa, que coordena as actividades do GTO, afirmou que “o grande objectivo do nosso grupo é contribuir para a criação de uma sociedade activa e interventiva. Queremos ter pessoas capazes de olhar para a realidade e intervir. A situação que não suportamos é o receio que as populações têm de intervir. Abespina-nos o défice de intervenção que prevalece no país”.

Previsão do Tempo

Sexta-feira	
Zona SUL	
	Céu pouco nublado passando a muito nublado. Possibilidade de ocorrência de chuvas fracas locais. Vento de sul a sueste fraco a moderado.
Zona CENTRO	
	Céu nublado com períodos de muito nublado. Possibilidade de ocorrência de chuvas em regime moderado em Zambezia e Tete. Vento de sueste a sudoeste fraco a moderado.
Zona NORTE	
	Céu geralmente muito nublado. Períodos de chuvas em regime moderado a forte por vezes acompanhadas de trovoadas. Vento de noroeste fraco a moderado.
Sábado	
Zona SUL	
	Céu nublado com períodos de pouco nublado. Possibilidade de ocorrência de chuvas fracas em Maputo e Gaza. Vento de sul a sueste fraco a moderado.
Zona CENTRO	
	Céu geralmente muito nublado. Períodos de ocorrência de aguaceiros por vezes acompanhadas de trovoadas em Zambezia, e chuvas fracas a moderadas nas restantes províncias. Vento de sueste a sudoeste em regime moderado por vezes com rajadas.
Zona NORTE	
	Céu geralmente muito nublado. Períodos de chuvas fracas a moderado em Niassa e Nampula. Vento predominante de noroeste fraco a moderado.

Domingo

Zona SUL	
	Céu nublado com períodos de pouco nublado. Possibilidade de ocorrência de chuvas fracas a moderadas em Maputo e Gaza. Vento de sul a sueste fraco a moderado.
Zona CENTRO	
	Céu geralmente muito nublado. Possibilidade de ocorrência de aguaceiros acompanhadas de trovoadas em Zambezia e Sofala, e fracas a moderadas nas restantes províncias. Vento de sul a sudoeste fraco a moderado.
Zona NORTE	
	Céu nublado a pouco nublado. Períodos de chuvas fracas locais. Vento de noroeste a nordeste fraco a moderado.

Fonte: Instituto Nacional de Meteorologia

Chuvas arruinam o “Oprimido”

Se nada for feito, em breve, para a reposição dos equipamentos do Grupo de Teatro do Oprimido (GTO), nos próximos tempos, as actividades daquela organização cultural funcionarão de forma deficiente. É que as chuvas que, de há uns tempos para cá, caem no país, destruíram parte significativa do seu património material.

Texto: Redacção • Foto: GTO

Em resultado das chuvas torrenciais com as quais os maputenses – e os moçambicanos no geral – se debatem, na quarta-feira da semana passada, dia 16 de Janeiro, a equipa do Grupo de Teatro do Oprimido (GTO-Maputo) começou o dia aos prantos. É que, como corolário do fenómeno, se fragilizou a sua capacidade de intervenção social. Numa nota enviada ao @Verdade, os artistas explicam que “todo o nosso arquivo áudio e vídeo, equipamentos de escritório, secretárias, computadores, armários, cadeiras, documentos diversos, incluindo relatórios de pesquisa e de actividades, ficaram completamente destruídos”. A verdade é que com este incidente, “ficámos sem condições para caminhar e manter a acção que temos vindo a desenvolver pelo país e contribuir através das artes e cultura – com maior ênfase na linguagem do teatro interactivo – para uma reflexão conjunta e busca colectiva de alternativas para os diversos constrangimentos enfrentados pelas comunidades. A nossa acção está amputada”, consideram os artistas que clamam por apoio.

“Pedimos apoios”

É neste sentido que, a par do pesar em que se encontram, as dificuldades suplantam as esperanças, movendo os artistas a solicitarem toda a ajuda possível de modo que “possamos repor a nossa capacidade activa e operativa. Todo o apoio – com enfoque para o material de escritório – como, por exemplo, papel, pasta de arquivo, computador, secretária, cadeira, armário, é bem-vindo”. Refira-se que o GTO-Maputo realiza actividades em quase todo o território nacional, congregando mais de 120 grupos de teatro em 93 distritos de Moçambique. Nas suas actuações promove a mobilização e sensibilização social em diferentes frentes como, por exemplo, a Saúde, a Educação, o Ambiente, a Governação e Cidadania, o Acesso à Informação e Prestação de Contas, Direitos da Criança, Mulher, entre outras áreas de interesse comunitário.

Diga-nos quem é o XICONHOCA

Envie-nos um SMS para **821111**
E-Mail para **averdademz@gmail.com**
ou escreva no **Mural do Povo**

Famílias queixam-se de más condições no centro de acomodação da Força do Povo

As mais de 80 famílias que vivem no centro de acomodação instalado na Escola Secundária Força do Povo, no Distrito Municipal KaMavota, em consequência da destruição das suas casas pela chuva que na semana passada assolou a capital moçambicana, queixam-se das condições deploráveis a que estão sujeitas naquele lugar.

Texto: Redacção/Alfredo Manjate • Foto: Miguel Manguze

O @Verdade visitou o centro e testemunhou in loco as lamentações daquelas famílias, que consideram caóticas as condições a que são submetidas. Durante o período em que permanecemos no local, a acompanhar o decurso das suas vidas, as reclamações subiram de tom, sobretudo por causa da alimentação que se resume a feijão-manteiga, farinha de milho, sardinha e arroz. Não há tempero para o carril e muito menos cebola.

Quem visita naquele centro, a primeira coisa com que depara são rostos sofridos de crianças e idosos a denunciarem com a tristeza a incerteza do seu futuro. No salão onde as vítimas da chuva foram albergadas é possível ver, junto às paredes, um misto de amontoados de roupa, electrodomésticos como congeladores e televisores, utensílios de cozinha, dentre outros bens que algumas pessoais puderam salvar. Tudo está no mesmo espaço.

Enquanto uns estudam, outros, crianças dos “novos inquilinos” da Escola Secundária Força do Povo, brincam e o barulho dela interfere no decurso normal das aulas.

Bicha para as refeições

A hora das refeições é um momento de grande agitação no centro de acomodação da Escola Secundária Força do Povo. É preciso formar bicha, diga-se, longa, para ter direito a um prato de farinha acompanhada com sardinha ou então com feijão. Felizmente, as crianças têm prioridade.

Aquelas famílias reconhecem que não estão em condições de poder escolher o que comer, mas disseram-nos que a alimentação é de baixa qualidade. Às vezes, só é servida uma refeição ao dia, numa hora não fixa. Ou seja, pode ser no período da tarde ou ao princípio da noite. E o menu é sempre o mesmo.

Esta segunda-feira (21), por exemplo, a única refeição do dia foi servida por volta das 18 horas. De manhã houve só chá (água e açúcar). Quem quis comer pão teve de fazê-lo por conta própria. No dia seguinte, comeram algo às 12 horas e meia.

Dormir ao relento

O centro de acomodação da Escola Secundária Força do Povo continua a receber gente. Durante o dia há espaço para todos e tudo. Mas, na hora de dormir, o salão no qual as famílias foram albergadas fica demasiado pequeno. Por isso, algumas pessoas dormem ao relento. Os cobertores são insuficientes. “Eu cheguei há poucos dias. Não tive espaço lá dentro e passei a noite no ginásio”, contou-nos António.

Quem dorme no salão não se pode dar por satisfeito, pois deve estar atento para evitar que o seu espaço seja ocupado outrem. Uma das “artimanhas” usadas é cada



um garantir que o seu lugar esteja arrumando, como se quisesse dormir, logo que amanhecer. “A partir das 17 horas vou estender a minha capulana e guarnecer o meu espaço. Se não faço isso fico sem onde me deitar”, disse Carolina Mathe.

Os utentes daquele centro de acomodação disseram também que têm o receio de contrair algumas doenças como a malária porque há muito mosquito e faltam redes mosquiteiras, principalmente para as crianças e mulheres grávidas. As casas de banho colectivas, em particular a dos homens, estão descuidadas. Face a esta situação, pediram assistência médica ao Centro de Saúde 1 de Junho, do bairro Ferroviário, no Distrito Municipal KaMavota. Este enviou ao local 10 técnicos. A equipa destacada para o terreno efectuou testes de malária, tensão arterial e outras doenças. Administrou vacinas aos recém-nascidos e realizou uma palestra sobre os cuidados com a alimentação e higiene.

Crianças sem aulas

Algumas crianças em idade escolar que se encontram naquele centro interromperam as aulas alegadamente porque o seu material escolar foi destruído pela chuva, a escola já fica longe e devido à fome. José Manuel é um dos petizes nessa situação. Este devia frequentar a sexta-classe na Escola Primária Completa das Mahotas.

As vítimas na primeira pessoa

Carolina Mathe, residente no bairro de Laulane, bairro 01, é uma das pessoas que vivem no centro de acomodação da Escola Secundária Força do Povo. Segundo as suas palavras, “a desgraça nunca vem só. Antes da chuva, já andava preocupada porque o meu marido está internado no Hospital Geral de Mavalane, em estado de coma, há um mês”. A sua casa desabou quando ela se encontrava no centro. Porém, o seu sofrimento agravou-se naquela fatídica terça-feira. O seu filho, de sete anos de idade, morreu afogado quando regressava da Escola Primária Completa das Mahotas. O enterro da criança só foi possível graças ao apoio de familiares e vizinhos que disponibilizaram algum dinheiro para comprar o caixão. Carolina tem outro filho, de 13 anos de idade, que estuda na mesma escola onde andava o falecido.

Há oportunistas

Celeste Massingue interpelou a nossa Reportagem e pediu para desabafar. “A minha preocupação é que já não tenho casa. Vivía com o meu marido e os meus três filhos. Agora estou sem nada. Perdi tudo”, sublinhou e acrescentou que a roupa que ela usa foi-lhe oferecida por pessoas de boa vontade.

Ela é também do bairro de Laulane. Aquando desta reportagem, o marido estava no trabalho. As crianças estão com os familiares que se ofereceram para cuidá-las. A sua maior inquietação tem a ver com o oportunismo que existe durante o cadastro das pessoas que perderam as suas casas e outros bens no dia da chuva.

“Quando é para preencher as listas alguns dizem que perderam tudo quando é mentira. Aqui conhecemo-nos porque quase todos viemos do mesmo bairro e éramos vi-

zinhos. Dessa forma, algumas pessoas conseguiram bens fornecidos pela Cruz Vermelha de Moçambique no dia em que esteve aqui no centro. Distribuiu, por exemplo, baldes e mantas, embora não tenha chegado para todos”, contou.

A nossa entrevistada informou que vendia roupas em segunda mão, vulgarmente “calamidades”. Os seus fardos foram todos levados pela água da chuva e não sabe por onde e nem como recomeçar. Os filhos também perderam todo o material escolar, incluindo o uniforme.

A outra vítima da chuva da passada terça-feira é Hermínio Castelo. Este não quis entrar em detalhes sobre a sua vida pessoal, mas disse que perdeu duas casas, uma do tipo 3 e outra do tipo 2. O seu carro, que ficou soterrado, já não tem proveito.

Tereza Roberto é deficiente física. Ela disse-nos que a sua casa não desabou. Todavia, encontra-se no meio de uma grande cratera. Alguns bens pessoais ainda estão lá.

Ninguém tem coragem de ir buscá-las. Podia fazê-lo pessoalmente mas o seu estado físico não lho permite. Ela tem um filho de sete anos, que estuda na Escola Primária 10 de Novembro.

A criança perdeu também todo o material escolar. Os amigos solidarizaram-se com ele, tendo-lhe oferecido calças do conjunto que constitui o uniforme, enquanto aguarda pela camisa.

Tantas horas sem ocupação

Segundo os nossos entrevistados, o tempo naquele centro passa lentamente para a maior parte das pessoas. Esta sensação deve-se ao facto de não haver nenhuma ocupação para quem quer que seja.

É só acordar, comer e dormir. Todos evitam sair do centro uma vez que a qualquer altura do dia pode haver necessidade de actualizar as listas referentes aos que devem receber ajuda.

Entretanto, como forma de matar o ócio, foram criadas equipas de trabalho com funções devidamente determinadas.

Há, por exemplo, um grupo responsável pela limpeza do quintal, outro para velar pelas casas de banho e um terceiro para cozinhar.

Adolescente com pernas arqueadas sofre de limitações na locomoção

Há pais que negligenciam a saúde dos próprios filhos. Quando estes ficam doentes ou são apoquentados por alguma anomalia numa das partes do corpo, não se preocupam em consultar um médico. Existem outros progenitores para os quais ir ao hospital chega a ser um exercício forçoso. Assim aconteceu com Carlos Souto, um adolescente que, aos 13 anos de idade, ainda frequenta a segunda classe. Fala com dificuldade e os seus membros inferiores são anormalmente arqueados, não conseguindo, deste modo, percorrer longas distâncias.

Texto: Coutinho Macanandze • Foto: Miguel Manguze

Carlos Souto vive no bairro da Matola "A", quarteirão 50, na província de Maputo. Em relação aos seus membros inferiores, a avó, Helena Guambe, contou que é um problema que começou quando o rapaz tinha um ano e cinco meses de idade. Os pais não se preocuparam porque pensavam que era algo passageiro.

Mas não foi assim, pois o defeito agravou-se com o tempo. Ninguém imaginava as consequências das mazelas que hoje apoquentam o adolescente, dentre elas a dificuldade de articulação das palavras e de aprendizagem.

Alberto Souto e Angélica Alberto são os seus pais. Helena Guambe disse ao @Verdade que quando os sinais da doença vieram ao de cima, o petiz manifestou, a partir daí, dificuldades na locomoção, não conseguindo rebolar nem dar os primeiros passos.

Os pais, embora desconfiassem que algo errado se passava com o menino, não consultaram nenhum médico. Hoje, talvez o sofrimento fosse menor e não seria vítima das troças dos seus colegas de escola. O pequeno Carlos não sabe ler nem escrever o seu próprio nome.

Na escola dizem que não tem domínio de quase nada, o que sugere que, para além dos problemas até aqui constatáveis, haja outros, segundo a visão da avó.

Carlos Souto nasceu em 2000 e permaneceu dois meses numa incubadora porque veio ao mundo com um peso abaixo do recomendado.

À medida que crescia, os problemas motores e a dificuldade na fala manifestaram-se intensamente, mas, mesmo assim, os seus progenitores continuaram a encarar tudo como normal.

Por causa da negligência dos pais, hoje dar alguns passos é um verdadeira "batalha" para o adolescente.

Às vezes fica revoltado porque as dificuldades de fala parecem causar-lhe também algum nervosismo quando tenta fazer algo e não consegue.

Aliás, contrariamente ao que tem acontecido



com as outras crianças, ele só começou a dar os primeiros passos, marcados por quedas constantes devido ao arqueamento e desequilíbrio dos membros inferiores, em 2007, ou seja, aos 7 anos de idade. A situação ainda prevalece. A comunidade descrimina-o. Os colegas da escola também, segundo a própria avó.

Os pais separaram-se

Apesar do agravamento do problema que apoquentava o filho, Alberto Souto e Angélica Alberto nunca se preocuparam em levá-lo ao hospital a fim de ser examinado, até que um dia se separaram, em 2008.

Ele ficou sob os cuidados do pai e da avó, Helena Guambe. A mãe juntou-se ao outro homem e mora no bairro da Polana Caniço. Mas sempre que pode visita o rapaz.

A perda do pai

Em 2012, Carlos Souto ficou órfão de pai. Neste momento está sob os cuidados da avó, que não trabalha. A sua fonte de sobrevivência é uma machamba, que a qualquer momento vai ser tomada pelo município.

Desde o que pai do adolescente morreu, a avó vive preocupada em relação ao futuro do seu educando, que estuda na Escola Primária Completa do Lígamo.

O que mais a angustia, de acordo com as suas palavras, é o facto de os colegas o agredirem fisicamente e, por vezes, ser expulso da sala de aulas sob o olhar passivo dos professores.

Por isso, ele fica acanhado e isolado do convívio social. Passa horas sem conversar com os outros meninos.

Este problema agrava as dificuldades de aprendizagem de Carlos Souto, que continua na escola mas ainda não sabe ler o abecedário. Ele tem um sonho: um dia ser professor.

Caros leitores

Pergunta à Tina... A minha namorada diz que quando está perto de mim sente um calor estranho.

Esta semana foi trágica para o País. Na cidade de Maputo, por exemplo, uma mera chuva de um dia conseguiu destruir casas, estradas e tirar vidas de crianças e adultos. Não é impressionante essa força da natureza? É como qualquer risco em que nos colocamos. Imaginem que há pessoas que pensam: "Se eu fizer sexo sem preservativo uma vez, só uma vez... não vou ficar infectado com uma ITS; é uma vez só!" Nem sempre as coisas correm como nós pensamos, mostrou-nos a chuva desta semana. Por isso é que estamos aqui todas as semanas a responder às tuas dúvidas sobre saúde sexual e reprodutiva..

envia-me uma mensagem através de um sms para **821115**
E-mail: **averdademz@gmail.com**

Olá tina. Aqui Dêrcio, de 17 anos de idade. A minha namorada diz que quando está perto de mim sente um calor estranho. Diz que da última vez que estivemos juntos ela ficou excitada. Será que isso é normal?

Olá meu querido. Essa é uma idade interessante que vocês estão a cruzar. É a idade da puberdade. Nessa idade começa a ficar acentuado o desejo sexual. O desejo sexual é uma força energética, é uma energia e uma reacção química das hormonas no nosso corpo. Nesta altura começamos a desejar sexualmente outras pessoas. Talvez por isso é que a tua namorada diz que ela sente calores. Muitas vezes dizem "há uma química entre nós". Por isso arrisco-me a dizer-te que é normal sim. E tu também sentes a mesma coisa? Agora, daí para o que vocês vão fazer há várias coisas que devem considerar. Se vocês querem iniciar uma vida sexual, devem pensar em todos os resultados e consequências disso. Não é urgente que iniciem uma vida sexual, até porque vocês ainda são novos. O início da actividade sexual vem com alguns riscos, incluindo a transmissão de infecções sexuais e a gravidez indesejada. Por isso, se quiserem começar mesmo assim, eu aconselho que vocês procurem informar-se mais sobre a prevenção de doenças e sobre o uso correcto do preservativo (feminino e masculino) num SAAJ (Serviço Amigo dos Adolescentes e Jovens), ou numa Unidade de Aconselhamento e Testagem de Saúde, ou serviço similar, para se protegerem. Cuidem-se.

Oi. Tenho 17 anos, e sou casada há um ano e três meses. Até agora não engravidei. Não tomo nenhum tipo de remédio e nem uso camisinha. Quero muito ser mãe. Ajuda-me. Valentina

Olá linda. 17 anos? Percebi bem? Mmm...fico sem saber exactamente o que te dizer porque és tão novinha. Ao mesmo tempo que entendo o teu desejo forte de ter filhos, fico a imaginar que podes aproveitar mais a tua adolescência e juventude para fazer muitas coisas boas, na companhia do teu marido. A minha experiência como mamã mostra que ser mãe necessita que nos entreguemos completamente aos filhos, o tempo passa e a adolescência vai-se. Mesmo assim posso dizer-te que há vários testes e exames que são feitos pelo/a médico/a ginecologista para saber as causas da tua incapacidade de conceber. Entretanto, com dezassete anos tu ainda és considerada uma criança pela lei Moçambicana, e os médicos não te vão ajudar. Quando tiveres acima dos 21 anos podes voltar ao hospital, e consultar um ginecologista para que ele examine o teu útero e realize outro tipo de exames para saber se és infértil, ou se há algum problema temporário com o teu aparelho reprodutivo (o útero, os ovários, os próprios óvulos, o teu ciclo menstrual, as tuas trompas, etc.). Alguns problemas de infertilidade são temporários e outros são permanentes. Mas só depois de exames é que se pode saber. Cuida de ti e curte a tua juventude, sempre com responsabilidade.

MozMed A plataforma virtual de saúde em Moçambique

Manda tuas questões através de SMS para **6640** ou Internet **http://mozmed.com/** e recebe resposta dos especialistas de saúde e de outros cidadãos

Polícia desconhece paradeiro de um jovem agredido na Avenida da Marginal em Maputo

Na manhã da quinta-feira (17) passada, na Avenida da Marginal, capital moçambicana, um jovem cuja identidade e idade ainda não foram apuradas, foi violentamente agredido com recurso a armas brancas por um grupo de desconhecidos. A Polícia diz que não recebeu nenhuma queixa sobre o caso e nem ouviu falar do mesmo.

Texto: Redacção • Foto: facebook.com/mazondo.mudhlovo

Entretanto, a Cruz Vermelha de Moçambique (CVM) afirma que teria sido chamada para socorrer a vítima, mas quando chegou ao local do crime uma ambulância acabava de levá-la. Até hoje não se sabe qual é o seu paradeiro.

O referido jovem foi agredido nas proximidades do Instituto Superior de Ciências Náuticas. Na altura, o facto foi reportado ao @Verdade por um cidadão.

Na sua descrição, a vítima “estava a ser esquartejada por desconhecidos munidos de catanas, debaixo do viaduto da Avenida da Marginal”, também conhecido por “corredor da morte” devido aos acidentes de viação que ali ocorrem.

A nossa reportagem deslocou-se ao local, mas já era tarde. Horas depois, um vídeo amador, com duração de um minuto e vinte segundos, no qual é possível ver o jovem em causa, todo ensanguentado, estatelado, de costas, no meio de uma das faixas de rodagem daquele troço, estava a ser exibido na rede social Facebook. Ele parece inanimado mas,



a dado momento, mexe, levemente, a perna direita e um dos braços. Ele está com a cabeça virada para o viaduto, para quem vem do Clube Naval em direcção à baixa da cidade de Maputo. Testemunhas oculares informaram ao nosso jornal que a vítima foi socorrida por uma ambulância cuja chapada da matrícula não foi possível registar.

Durante o período em que a vítima permaneceu estatelada no meio da estrada, o cidadão que produziu o vídeo conseguiu registar o movimento de carros que passavam bem próximo ao corpo aparentemente sem vida.

Instantes depois, um dos automobilistas que passava do local estaciona a sua viatura e, desesperado, olha para os lados como quem procura ajuda.

A escassos metros da cabeça do jovem vê-se sangue no asfalto. O vídeo exibido pode ser visto em <https://www.facebook.com/photo.php?v=3830296690319&set=vb.1664932673&type=2&theater>. De seguida, o mesmo automobilista, visivelmente transtornado com o estado do jovem, retorna à viatura da qual retira

algo que pelas imagens não se percebe bem do que se trata. Mas parece querer ajudar.

Polícia desconhece o caso

Entretanto, o porta-voz do Comando da Polícia da República de Moçambique (PRM) a nível da cidade de Maputo, Orlando Madumane, quando questionado pelo @Verdade sobre o caso respondeu que nenhuma informação a respeito do assunto chegou à corporação.

Nem tem conhecimento do vídeo em que o jovem aparece todo ensanguentado.

Cruz Vermelha de Moçambique recebeu um pedido de resgate

A nossa Reportagem dirigiu-se à CVM para obter mais informações, tendo ficado a saber que na manhã daquela quinta-feira recebeu um pedido de socorro. Contudo, a equipa destacada para o terreno chegou tarde. A vítima já havia sido socorrida por uma ambulância.

O estranho é que no Hospital Central de Maputo (HCM), segundo a informação fornecida ao nosso jornal por alguns funcionários, não há registo de um caso similar a este que tenha dado entrada no dia em alusão.

Criminosos aterrorizam moradores do bairro Mussumbuluco na Matola

Os residentes do bairro Mussumbuluco, arredores da cidade da Matola, vivem momentos de terror devido à criminalidade que tende a aumentar naquele ponto da província de Maputo, Sul de Moçambique. Segundo as vítimas, as noites são um autêntico martírio. Os amigos do alheio fazem e desfazem porque não encontram uma resposta policial à medida dos seus malefícios. Agridem, violam sexualmente, sobretudo crianças, e assaltam residências e pessoas na via pública até em plena luz do dia.

Texto: Coutinho Macanandze

O @Verdade visitou aquele bairro e ficou a saber que algumas ruas já são consideradas “corredores de morte” e expressamente proibido usá-las para chegar onde quer que seja na calada da noite ou durante o dia. Para lograr os seus intentos, os criminosos andam em grupos para reduzir a possibilidade de resistência dos seus alvos e usam instrumentos contundentes, tais como catanas, facas e paus.

Alda Gracinda disse-nos que a criminalidade na zona está a crescer. Ocorre, inclusive, à luz do dia. Os pais e encarregados de educação são obrigados a acompanhar os filhos para a escola porque os malfeitores andam à solta, vigilantes e prontos para agir e desgracar.

“São vários os casos que ocorrem no bairro contra as nossas crianças por serem indefesas. São violadas sexualmente, espancadas, tirados os seus telefones e pastas quando regressam sozinhas da escola.

De há uns tempos para cá temos de acertar o horário de saída da escola dos nossos filhos porque qualquer atraso pode ser uma oportunidade para eles (os amigos do alheio)

maltratá-las”, disse Alda Gracinda, para quem “as pessoas que aterrorizam o bairro são de zonas circunvizinhas.”

No bairro Mussumbuluco há um posto policial. De acordo com os residentes, apesar de o efectivo ser reduzido trabalha-se para garantir a segurança, mas com dificuldades.

O patrulhamento é feito pelos agentes da Polícia de Protecção e pela Polícia Comunitária. Alguns elementos desta corporação são acusados de ser os informantes dos malfeitores. Celina Mandlate, que reside naquele bairro desde 2002, disse que já sofreu duas tentativas de assaltos frustrados num espaço de um mês.

Numa das incursões, os assaltantes tentaram, com recurso a objectos contundentes, arrombar a porta da sua casa. Mas por sorte, a irmã regressava do mercado e evitou que o pior acontecesse. Os assaltantes puseram-se em fuga e deixaram os instrumentos com que tentaram invadir a sua residência. “O outro assalto foi à mão armada em plena via pública quando estava a caminho de casa. Sofri agressões que me deixaram com sequelas. Apertaram-me o pescoço

e feriram-me na perna direita”, disse a nossa interlocutora. A falta de iluminação pública em algumas ruas tem, em parte, favorecido a acção dos criminosos, na opinião dos nossos entrevistados. Moradores não colaboram para se estancar a criminalidade no bairro

O porta-voz do Comando Provincial da Polícia da República de Moçambique (PRM) em Maputo, João Machava, reconheceu que o crime recrudescer no bairro Mussumbuluco.

É uma realidade. Por isso, a Polícia tem apelado aos moradores para colaborarem, mas estes não o fazem. Dificultam o trabalho da corporação e não denunciam os malfeitores.

João Machava acrescentou que os casos mais frequentes são os assaltos à mão armada, roubos, inclusive de viaturas na via pública, com recurso a objectos contundentes, segundo os relatos que chegam dos residentes. Por ser uma zona residencial conflituosa foi intensificada a vigilância através da criação de brigadas de patrulha móveis e fixas.

Comunicado

Cidadão informado vale por dois tenha sempre @Verdade perto de si
twitter.com/@verdademz

Livro de Reclamações d'Verdade

O acto de apresentar as suas inquietações no **Livro de Reclamações** constitui uma forma de participação dos cidadãos na defesa dos seus direitos de cidadania. Em Moçambique, assistimos de forma abusiva à recusa ou omissão, em muitos estabelecimentos comerciais e em instituições públicas, da apresentação do **LIVRO DE RECLAMAÇÕES** aos clientes, mesmo quando solicitado. Na ausência de uma autoridade fiscalizadora dos Direitos dos consumidores, tomámos a iniciativa de abrir um espaço para onde o povo possa enviar as suas preocupações e nós, o jornal @Verdade, tomámos a responsabilidade de acompanhar devidamente o tratamento que é dado às mesmas.

Reclamação

Bom dia, Jornal @Verdade. Somos trabalhadores da empresa de segurança privada S.O.S, na cidade de Maputo. Vimos por este meio pedir ajuda: o esclarecimento do atraso do salário de Dezembro. O patronato não diz o que está a acontecer.

Os trabalhadores daquela empresa passaram a quadra festiva sem salário, o que fez com que recorressem aos vizinhos para pedir emprestado algum dinheiro de modo a evitar que as suas famílias não tivessem o que comer.

Quando contactámos a direcção para exigir o que é nosso por direito, todos andavam furtivos porque não tinham nenhuma resposta para a nossa inquietação. O tempo passou e os seguranças que, dia e noite, faça chuva, frio ou sol, garantem a ordem e tranquilidade nas instalações não viram nenhum sinal positivo.

Estamos na segunda semana do mês de Janeiro e nada existe sobre o salário. A nossa maior preocupação tem a ver com o facto de termos contraído dívi-

das com a promessa de pagar até a primeira semana. O tempo combinado com os nossos amigos e vizinhos já passou e estes já nos estão a cobrar. Onde vamos buscar o dinheiro para reembolsá-los?

Os nossos chefes passaram as festas tranquilamente, sorte que a maior parte dos seguranças não teve. Essa atitude do patronato demonstra falta de valorização dos trabalhadores. Se assim não fosse poderia no mínimo dar uma explicação sobre as causas do atraso do salário para amainar os ânimos e a ansiedade de cada um de nós.

Sabemos que as empresas de segurança nacionais passam por dificuldades financeira, mas quando assim acontece há necessidade de o corpo directivo dar a cara e colocar os seus trabalhadores a par do assunto.

Quando é que vamos ter o salário porque não estamos a ter sossego nas nossas casas? Não temos o que comer e, a cada dia que passa, cobram-nos o que devemos.

Resposta

Ciente da pertinência da inquietação destes trabalhadores, o @Verdade deslocou-se àquela empresa de segurança privada, localizada na Avenida Salvador Allende, na capital do país.

Uma senhora afecta ao Departamento dos Recursos Humanos, que não se quis identificar alegadamente porque a pessoa indicada para tratar do assunto estava de férias, explicou que o atraso no pagamento do salário referente ao mês de Dezembro deveu-se a problemas relacionados com o défice financeiro por que a empresa passa. Todos os trabalhadores foram afectados.

Segundo ela, o pagamento estava previsto para a primeira semana de Janeiro, o que não aconteceu por causa de

algumas restrições no sistema do banco que a empresa usa. Entretanto, os trabalhadores começaram a receber no dia 18 do mês em curso para evitar que haja acumulação de dívidas, o que, a suceder, poderia ter repercussões negativas para a empresa.

Segundo a nossa interlocutora, espera-se que até o fim desta semana todos os trabalhadores tenham sido pagos. Reconhecemos que não devíamos sacrificar a nossa mão-de-obra, mas perante a limitação financeira que tivemos não se podia fazer nada sem fundo.

Nas suas palavras, já existe o dinheiro. Apela aos trabalhadores para que sempre que houver um problema igual a este recorram a meios pacíficos para resolvê-lo.

As reclamações apresentadas neste espaço são publicadas sem edição prévia, e da exclusiva responsabilidade dos seus autores. O Jornal @VERDADE não controla ou gere as informações, produtos ou serviços dos conteúdos fornecidos por terceiros, logo não pode ser responsabilizado por erros de qualquer natureza, ou dados incorrectos, provenientes dos leitores, incluindo as suas políticas e práticas de privacidade.

Escreva a sua **Reclamação** de forma legível, concisa e objectiva, descrevendo com pormenor os factos. Envie: por carta – Av. Mártires da Machava 905 – Maputo; por Email – averdademz@gmail.com; por mensagem de texto SMS – para os números 8415152 ou 821115. A identificação correcta do remetente, assim como das partes envolvidas permitir-nos-á que possamos encaminhar melhor o assunto à entidade competente.

Coveiros dos cemitérios de Maputo e Matola recebem presentes

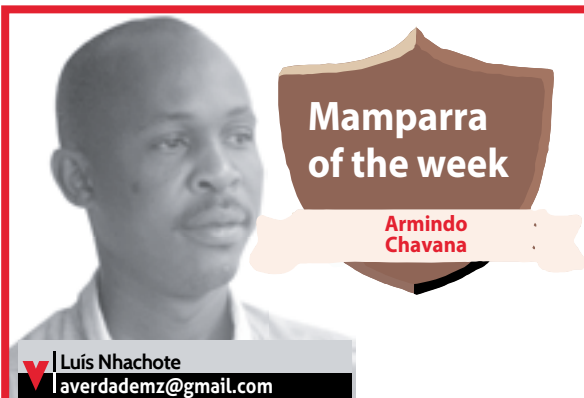
146 coveiros afectos aos cemitérios de Lhanguene, Mahotas, Michafutene, Ndlavela e São Francisco, nos municípios de Maputo e Matola, receberam, recentemente, presentes do Natal no âmbito de uma campanha de solidariedade levada a cabo por um grupo de pessoas de boa vontade.

Texto: Coutinho Macanandze

O referido grupo foi liderado por quatro mulheres. Os coveiros receberam diversos produtos alimentares e artigos de vestuário angariados numa campanha que tinha como finalidade oferecer-lhes um dia de alegria. A responsável do grupo, Ester Zandamela, disse que o gesto visava reconhecer o trabalho feito por aqueles que diariamente lidam com morte de forma natural e abrem as covas nas quais quase todos nós repousamos eternamente. Por sua vez, Simão Tovela, representante da Manica Service, disse que a sua instituição abraçou a iniciativa como uma forma de valorizar os coveiros. Estes garantem a última moradia de todos nós. Tomás Felisberto, um dos beneficiários, disse que há sete anos que trabalha no Cemitério de Lhanguene. O seu rosto reluziu de emoção. Visivelmente emocionado com o gesto daquelas mulheres, referiu que o momento demonstrava que os coveiros têm valor na sociedade. Aproveitou a ocasião para agradecer o gesto: “não importa a quantidade do que recebemos. O mais valioso é o

gesto solidário e o respeito que fica com esta oferta que vai atenuar a falta nas famílias.

Adriano Mequicha é coveiro há 20 anos. Disse estar satisfeito com aquele gesto nobre, solidário e generoso. “O apoio veio num bom momento. Fico feliz por saber que há pessoas que reconhecem o nosso trabalho, sobretudo o sofrimento e as dificuldades por que passamos no Foram patrocinadores desta iniciativa as seguintes instituições e pessoas: Kalipesca, Spade bissins, Erik Charas, Musagay Mussagay, Anvar, Solgal-Osman, Equipesca-Sarl, Maria Simbine, TVM, Imobiliária “X”, Jornal @Verdade, Florista Byotina, Comercial Português; Travessia Lda, Pepsi, Maeva Plast, Riz Indústria, Manica Service, Bem Bom Internacional, Lda, Benvinda Tamele-savana, Polana Casino, Teresa Tavares, Ester Nhantumbo, Rabia Valgy e Celso Hassane, Casa Jovem, Clara Soeiro, Polana Casino, Soraia Pires, dentre outras.



Meninas e Meninos, Senhoras e Senhores, Avôs e Avós

O Mamparra desta semana é o presidente do Conselho de Administração (PCA) da Televisão de Moçambique (TVM), Armando Chavana Júnior, que, com os impostos dos cidadãos moçambicanos, nos brindou com mais de sete horas de emissão da cerimónia de celebração do 70º aniversário do “filho mais querido”, o Presidente da República, Armando Guebuza, no canal de todos nós.

Mas esta mamparrada está eivada daquele princípio segundo o qual “quando a esmola é grande o pobre desconfia”, pois dias antes, numa dessas visitas que o Primeiro-Ministro, Alberto Vaquina, efectuou a alguns órgãos de comunicação social, o senhor PCA da TVM foi abertamente denunciando como um gestor catastrófico, extemporâneo, caduco, fora de época... e por aí em diante.

Mas o Presidente Guebuza, como não é pobre, não “desconfiou” desta mamparrada, já deveras noticiada como um culto à sua personalidade (dizem que quem não recusa é porque o cultiva) e esteve lá, contando o seu percurso depois do banquete de 1000 convidados servido no palácio da Ponta Vermelha, partilhando os seus 70 anos com o testemunho do Armando Chavana, para seu gáudio. Quicá lhe salve o pão...

Para que se saiba, o PCA da TVM é um jornalista daquela casa, desde os idos anos 80, tendo subido gradualmente a escada das categorias profissionais até ser nomeado ao cargo que ocupa, em substituição de um colega seu de primeiras horas (Simão Anguilaze), que esvoaçou muito cedo do posto, assim como voam os patos que acabam de ser degolados.

Chavana, que por acaso também é membro fundador da Mediacoop, a empresa proprietária dos jornais MediaFAX e SAVANA, conhece melhor do que ninguém as prioridades dos factos noticiáveis.

Dias antes, a chuva caiu a granel e deixou milhares de seus cidadadãos ao relento, à deriva, no desespero, mas o aniversário do “filho mais querido da pátria” foi o evento mais importante que os que perderam os seus pertences e não têm o que comer. Eles foram relegados para segundo plano...

Esta mamparrada sem igual e que deverá constar, no futuro, dos manuais da bajulação, do “lambebotismo militante”, da “escova”, só pode encontrar paralelo em regimes ditatoriais, no monopartidarismo de que Chavana parece sentir saudades pois o repórter Cremildo Lipangue, na visita do Primeiro-Ministro àquele órgão, engasgou-lhe em nome dos nossos impostos que têm sido maltratados naquele canal, que se espera seja público e não dividido em fatias com o “filho mais querido da pátria”.

E alguns de nós que pensavam que “Nós Matamos o Cão Tinhoso”, como é que devem pensar agora???

Basta deste tipo de Mamparras, mamparras e mamparras.

Até para a semana!

Cidadania

goste de nós no
facebook.com/JornalVerdade

Jornal @Verdade

CIDADÃO REPORTA: Quem paga a conta da festa dos 70 anos do cidadão Armando Guebuza?



Dino Albino Narciso O POVO... há 23 horas



Joaquim Joao Correia ja questioneei... há 23 horas



Nécio Nicangara É o cidadão! há 23 horas



De Carmo É o povo. Logo eu também contribui nessa festa. há 23 horas · Gosto · 1



Onorio Beto Carlos Nhansue D guebuza e de mim. há 23 horas



Pedrito Santos Todos nós! há 23 horas



Delmerio Vilanculos Somos nós há 23 horas



Preço Justo Moz Cuidado perder credibilidade do jornal. foco na verdade e nao em fofokinas. há 23 horas · Gosto · 1



Erika Costa Entao vamos todos a festa do guebuza há 23 horas · Gosto · 1



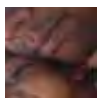
Julai Jube mao pago conta pra corrupto há 23 horas



Jaqueline Massingue Se e o povo entao podemos ir la participar. Nao seremos chamados de djekadores... Hahahaha há 23 horas · Gosto · 1



Preço Justo Moz Cuidado perder credibilidade do jornal. foco na verdade e nao em fofokinas. há 23 horas



Rui Narane devia dar feriado amanha kaka há 23 horas · Gosto · 1



Edgar Kamikaze Barroso QUE MORRA LOGO! há 23 horas · Gosto · 3



Narzya Francelyna tdo o cidadao k paga imposto neste pais.este e' unico momento k me orgulho pk n trabalho.logo n pago festas pra esses gajos sem nocao. há 23 horas



Christel Ingerid Villanger É o povo! há 23 horas · Gosto · 1

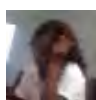


Manaf Padjolas O povo claro há 23 horas



Gildo Ramos Zefanias Chichongue Kem paga imposto

há 23 horas



Nininha Gove Infl-zment é o povo há 23 horas



Stela Celeste Paulo Celeste O povo que trabalha como escravo há 23 horas



Voz Activa Obvio que é o povo.... O nosso suor que paga os comes e bebes do 70º aniversario do cidadao ex vendedor d patos há 23 horas · Gosto · 2



Bush Alfredo Manhique ele pagou com o salario dele... nao andem a especular há 23 horas · Gosto · 1



Jeronimo Antonio M O povo. há 23 horas



Muhamad Idrisse Yussuf A ideia é desejar feliz aniversario e é tudo. há 23 horas



Amelia Sembeia Sao os magros salarios do povo reduzidos a impostos. há 23 horas · Gosto · 1



Alberto Mucauro Coitado do povo... há 23 horas



Ali Mário Charamatane É o povo! há 23 horas



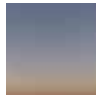
Joanita Andre Sinto muito pork eu sou funcionaria publica, estou a estudar e me descontam 25% do meu salario e nessas festas ond o meu salario vai.se eu pudesse mandava todos esses ao inferno corruptos sem vergonha. há 23 horas



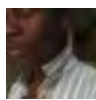
Lopes Muianga Algm duvida k é o povo? há 23 horas



Edson Naiene Ele mesmo é mas rico que todos moçambicano há 23 horas



Tania Rodolfo Os que votaram!!! há 23 horas



Blacka Zacarias Aslaam Mubarak É o dinheiro das minas e madeira juntamente com os impostos do povo há 23 horas

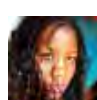


Tchutcho Oxy N sejam ignorantes pah !!! Muito antes de ser presidente ele ja tinha dinheiro , santa ignorancia pah !!! E tbem espero que saibam que o cargo de presidente tbem da direito a um salario... há 23 horas · Gosto · 1



Joanita Andre Sinto muito pork eu sou funcionaria publica, estou a estudar e me

discontam 25% do meu salario e nessas festas ond o meu salario vai.se eu pudesse mandava todos esses ao inferno corruptos sem vergonha. há 23 horas



Luluck Oliveira quem paga é o povo. há 23 horas



Maria Calhosa Somos nos dos nossos impostos, mas k fazer ele e k manda! há 23 horas



Amarilda Da Pasqua É noxa mola d tdas as taxax k combirm e nem fazm nada. há 23 horas



Ariel Sonto Acaba de ganhar os estatutos de Mamparra e Xiconhoca, bem como o selo de xiconhoquices da semana. há 23 horas · Gosto · 1



Francysco Lyrico Da Vila U pOvO há 23 horas



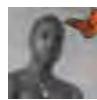
Leonesia Matola Nós o povo é que somos patronos desta grande festa e nem sequer fomos convidados? injustiça. há 23 horas · Gosto · 1



Fernando de los Rios que naooo..... é ele mesmo que paga, com o suor do trabalho dele.... até foi mesmo ontem quando lhe vi encomendar o seu bolo... perguntou quanto o kilo.... hehehe há 23 horas



Joao Tiago Junior ish hh , calma joanita. Ca entre nos sabemos d onde vem o dinheiro pra td ixo. Bxj há 23 horas



Mateus Cuamba e meu dinheiro!! Aquele pah há 23 horas · Gosto · 1



Preço Justo Moz Eu k m concidero critico nesse pais sinto muito pela vossa visao, um presidente da repub completa 70anos de vida e nao merece uma homenagem ao tamanho? acordem e olhem para tanta merda k a nesse pais. se desejam alguma mudanxa nisso.vosso problema ne eh a festa. pork nao vejo nada nakela festa. vosso problema esta com guebuza, mais guebuza se fez oq eh pork tm um povo dorminhoco capaz de nao ver a buracos nas estradas k usa, k falta habitaxao num pais, educaxao, nao tem olhos para ver k ele eh homem mais rico de moz. k tem accoes em mais de 30 empresas nesse pais. k ele detem furtuna k pode manipular a economia nacional a seu criterio., vces so conseguem ver oq a midia vos mostram.e esquecem k a midia esta toda manipulada.pensem grande, oh povo há 23 horas

goste de nós no
facebook.com/JornalVerdade

Jornal @Verdade

EDITORIAL: Guebuzaismo-pagão

(...) A televisão pública, TVM, é exemplo mais acabado de uma máquina de estupidificação da sociedade moçambicana. Fazendo o usufruto dos nossos impostos, condena milhares de moçambicanos a assistirem...



Bertino Gove Chiconhoca da semana. Guebuza e tvn há 17 horas · Gosto · 1



Olimpio Langa Uk podiam sperar da tvn. há 17 horas · Gosto · 2



Lopes Muianga Nx 15anx d mandato d Chissano parec k n cmpleto nenhnm anvrsars. Esa atitud d Guebuziana n e d surprendr...mas sao vcx k votam há 17 horas



Edson Persio E uma pena quanto a isso que vem a demonstrar o quanto mau uso dos nossos IMPOSTOS, por parte dos Administradores. há 17 horas



Alex Cardoso aguardo a transmissão do aniversário do Dhlakama, do Ya-Cub Sibindi, do Simango, e porque não... da Lizha James? há 17 horas · Gosto · 3



Jofrice Albino Eu tenho dito, e mais uma vez irei dizer: MOAMBIQUE uma vergonha, e o dito chefe de estado nem falo... há 17 horas



Lopes Muianga Coisax d vergnha, Chissano no seux mandatx parec k em nenhnm ano teve anvrsar. Guebuzianx vox provo k vcx n sao d nda. Gxtei xo falt na data d anvrsar d cnhada vermx em direct gagag há 17 horas · Gosto · 2



Cliff Jazz triste esbanjado milhoes em directo na televisão publica num momento em que familias choram por um teto há 17 horas · Gosto · 1



Sidonio Antonio Velez so acontece no pais do pandza, onde tudo acontece e nada estranhaxo. há 17 horas · Gosto · 1



Cremildo Húo hi mas vocês (jornal verdade) tem djelass poxa poh, qtas vezes vimos eventos identico nas televisoes? Se recordam nos dias passados ja assistimos varias ceremonias d casamentos dos famosos num dos canais mas ninguem abriu a boca. Mas hoje k TVM transmitiu a festa do Guebuza ih p vocês é o motivo d boca boca, "mabiwa", aliás da proxima k a TVM 1 transmitir algo que gostam ligam TVM 2, enfim "mu biwa mais" e os MAMPARRAS desta semana sao voces (jornal verdade)... há 16 horas · Gosto · 6



Belton Sonhador K vergonha pra alem d termx um presidnte comerciante é tbm um sem vergnha pk é k ã alugaram uma tlvíxao privada cmo tem feito as igrejax e maix. Sao noxox imposto k deviam servirem d ajuda as familiax desalojadas há 17 horas



Jlmassango Lucas Mesmo Obama que preferiu reduzir a cerimonia de tomada de posse, essa que é de maior legitimidade, em uma pequena cerimonia e privada, um grande exemplo tendo em conta aos momentos em que estão. E isto, não passa mesmo de falta de carácter, olhando para aquilo que se vive nestes dias. há 17 horas · Gosto · 1



António Edson Agostinho Lhamine Epah, na verdade tdos seculos q Joaquim Chissano nao conheci o dia do aniversario dele, dizem que os pandzeiros nada tem por a ver, da nisto meus caros!! há 17 horas



Belton Sonhador Crimildo se ã tenx nada a falar cala-te pk tw cmparax uma tv publica cm uma privada. Ah ve la se peça antex d falar pha. Ninguem ta cntra max k seja nax tv'x privadas há 17 horas · Gosto · 2



Orlando Luis Nuvunga Temos que dxar d votar na f.da mudaxa. há 17 horas



Jofrice Albino Cremildo esses famosos fazem e desfazem nas televisões privadas e não numa TVM k vive as custas dos impostos do pacato cidadão k ganha uma miseria no final do mês... há 17 horas · Gosto · 1



Kiki Rungo Nao temos a kem reclamar neste pais e kem manda na tvn e o governo comemorando o bem dos impostos e o sofrimento do povo mocambicano. há 17 horas



Melody-wj Cema Soleil Crimildo estás fora de contexto. Estamos a falar de TVM, uma televisão que é paga as custas do suor do povo e não de uma privada. Ele que pague uma privada para fazer essas brincadeiras ai. Quem não completa anos neste mundo, não sejas lambe botas. há 17 horas · Gosto · 1



Jasso A Jasso Felizmente ja nao vejo

a TVM a bastante tempo, farto de tanta hipocrisia. há 16 horas · Gosto · 1



Belton Sonhador Meu caro inacio aki ninguem xta cntra a comemoraxao muit ao cntrario eu até k dsjo max anxox d vida, max k ax cmemoraxo-ex sejam nas tv's privadas entendex. Pra ja aproveito mandar meus grande PARABENS AO MEU GRANDE E IMCOMPARAVEL GUEBAS há 16 horas



Rijay Amur OMG o pais vai d Mao a pior mjm...xi com tanta coisa pa se fazer pelas familias k perderam tdo (ó pouco k tinham) com as chuvas tem kem tem cabeça para penxar em festa vendo tantas familias desalojadas sem ter um copo H2O pa beber uma tenda improvisada k foxe para dormir ...e a realidade do nosso Moz ... A fRELIMO e K FEZ A FRELIMO e K FAZ ... há 16 horas



Mura Vara Agora so falta montarem cameras na casa branca para agente ver todo o que eles fazem, claro, transmitido pela porra de televisao TVM há 16 horas · Gosto · 1



Nieol Bitone a TVM nao presta como televisao muito mens como publica! eu soment aquela fantochata qto nao tenho opxao há 16 horas



Olga Natingue E o mais triste deste cenario e mostrarem fartura e cenario luxuoso, onde nenhum dos nossos governants se quer mencionou aos q ate agora se encontram em abrigos e cm falta de comida e estando o pais cm esta situacao devia ser comemorado em familia e ainda por cima o canal e visto internacionalmente onde anunciam se cheias e inundacoes em Mocambique.... há 16 horas · Gosto · 5



Zuleica Ribeiro Khan gente ninguém é contra mas puxa aquele banquete pareceu me um almoco numa tenda,td bem,que nao nos mostrassem em pleno telejornal,depois do cenario que ha menos de uma semana tem pessoas que nao tem por onde dormir,akele bolo do tamanho sei la que,bem dividido uma fatiazinha,pelo menos algumas criancas do centro d acolhimento iriam se lambuzar... entendam n sou contra,apenas k nao mostrassem...e olha a chuva nao parando. há 16 horas · Gosto · 1

Cidadania



Golpes

No mundo, existem, ou melhor, desde adolescente, habituei-me a ouvir falar de 3 tipos de golpes: *Golpe de Estado*, *Golpe do Baú* e *Golpe da Barriga*.

1. Na Guiné-Bissau, o golpe que mais se pratica é o de Estado:

Golpe de Nino Vieira sobre Luís Cabral, em 1980. Tentativa falhada de se golpear Nino Vieira em 1985. Em 1994, já havia 3 tentativas falhadas de golpe de Estado contra Nino Vieira. Revolta das forças armadas chefiadas por Ansumane Mané, em 1998, e, em 1999, Nino Vieira exila-se em Portugal – golpe de Estado consumado. Em 2003, golpe de Estado sobre o Presidente do barrete vermelho, Kumba Yalá. Assassinato do Presidente Nino Vieira, a tiro e a catana, em 2009. Tentativa de golpe de Estado, em 2010, para se depor o Primeiro-Ministro Carlos Gomes Júnior. Em 2012, um golpe de Estado derruba o governo de Carlos Gomes Júnior e o Presidente interino Raimundo Pereira.

Como se pode ler, de entre todos os países falantes da Língua Portuguesa, a Guiné-Bissau é o único lugar onde se leva a sério o golpe de Estado. Em cada 5 anos, dá-se ou falha-se um golpe de Estado naquele país.

2. O Golpe do Baú, aquele em que uma mulher (ou homem) se casa com um homem (ou mulher ou os dois géneros) para se dar bem na vida e, posteriormente, ficar com as posses do cônjuge, é um golpe que é da especialidade dos brasileiros. As novelas e os noticiários das redes de televisão e jornais brasileiros, quase que regularmente, oferecem-nos uma história dos golpes do baú brasileiros.

E os brasileiros até matam, por exemplo, quando se apercebem de que a pessoa a quem deram o golpe está a demorar a morrer – se for velho – ou quando não obtêm o que estava nos seus planos – se o marido for jovem.

Denize Soares, brasileira de 43 anos, matou o marido, Sébastien Brun, francês de 31 anos. Esvaziou as suas contas bancárias, recolheu o dinheiro de dois seguros de vida e ainda vendeu o carro do homem. Posteriormente, foi condenada, na França, a 17 anos de prisão pela morte do marido, que levou a cabo pelos caminhos subtis e menos trabalhosos do envenenamento – o que foi “decente”, num país onde se esfaqueia, dá-se tiros e se esquarteja os cônjuges.

3. Em Moçambique, o forte é o golpe da barriga. Se se for a andar pelos lares moçambicanos, não faltará, em cada 10 casas,

pelo menos, um homem ou mulher que confessará ter sido vítima do golpe da barriga – sim, os homens também dão golpes da barriga, ao engravidarem propositadamente uma mulher que não queiram perder ou que queiram segurar.

Contudo, por influência brasileira, cuja cultura cada vez mais se vai imiscuindo e promiscuando com a moçambicana, e também com a proliferação, nos últimos tempos, das chamadas *góias* e dos ditos *bonitões*, raças que vivem apenas para se dar bem socialmente e economicamente às custas do esforço alheio, em Moçambique, mais e mais vai-se praticando o Golpe do Baú.

O Golpe de Estado? Nem sinal. Os moçambicanos actuais, que são feitos de uma madeira muito diferente daquela que se usou para fabricar Samora Machel, andam ocupados e preocupados com *coisas mais sérias e mais democráticas*, e levam a vida mais a protestar do que a agir...

4. Dizem as más-línguas que o General Sebastião Marcos Mabote era o único moçambicano especializado no ramo do Golpe do Estado. Infelizmente, o bom General Mabote morreu sem que tivesse dado um único golpe de Estado – bom, pelo menos, oficialmente. Coincidentemente, o General morreu em 2001, 3 anos antes da subida de Armando Guebuza ao poder.

Ora, desde que Guebuza subiu ao poder, Moçambique tornou-se um terreno muito fértil, senão tentador, para se praticar o golpe de Estado. Nestes quase 9 anos em que o homem tem estado no poder, explodiu o Paiol de Mahlazine (em Março de 2007), houve incêndio no Ministério da Agricultura por duas vezes (Maio de 2007 e Outubro de 2008), houve um outro incêndio num departamento do Ministério das Finanças (Outubro de 2008), eclodiram duas greves violentas (Fevereiro de 2008, pelo aumento do preço de chapa, e Setembro de 2010, pelo aumento dos preços da água, luz e pão), realizou-se o X Congresso da Frelimo, partido no poder (no ano passado, 2012, de 23 a 28 de Setembro, congresso que praticamente paralisou o país e tirou toda a massa governativa de Maputo para Pemba) e o custo de vida subiu violentamente.

Em todos estes acontecimentos, o governo demonstrou clara e penosa incompetência para reagir e gerir os mesmos – acima de tudo, o que ficou exposto foi o desnorte e a desconcertante falta de ideias dos membros do governo de Guebuza. Quem se interessou, e até mesmo quem não se interessou, pôde ver e medir o quanto este governo era vulnerável, previsível, lento e fraco para reagir às crises e/ou situações complicadas. Mas nada aconteceu. Não se deu nenhum golpe de Estado. Nem um

golpinho sequer se tentou ensaiar nos respectivos momentos e posteriormente. E, pior, parece-me que ninguém está a pensar em dar um.

Enfim, na altura em que mais se ia precisar de um golpe de Estado, o especialista moçambicano em golpes de Estado morreu. E não deixou nenhum ensinamento nem nenhum escrito sobre como se dar o seu golpe de Estado.

Se as más-línguas estiverem certas em relação às habilidades do General Mabote, este tipo de situação só é mesmo possível em Moçambique: *haver um especialista do Golpe de Estado que morre sem ter dado um golpe de Estado – pelo menos oficialmente – e que não deixa nenhum manual escrito com os seus ensinamentos*.

5. E não há-de ser preciso ser-se muito inteligente para se descobrir a razão de os moçambicanos serem especialistas do golpe da barriga e, ultimamente, do golpe do baú: *não têm o estofo nem as bolas nem a competência para dar um golpe de Estado*.

Quem alguma vez conviveu o bastante com a raça moçambicana sabe que em assuntos onde haja risco de vida e que, para sua execução, seja necessário derramamento de sangue, nenhum moçambicano é descoberto. Os moçambicanos fogem dos assuntos que precisam de coragem à mesma velocidade com que os machistas puritanos fogem dos *paqueradores* homossexuais.

6. Entretanto, o valor dos homens de um povo sofredor e miserável é medido de acordo com a sua participação e entrega nos golpes que dão para melhorar as suas vidas. E, sinceramente, não se pode levar a sério um povo *golpeador* do baú e da barriga.

Olhe-se para a diferença entre um Estado e um baú: é muito grande! Entre um Estado e a barriga: é insondável!

Um povo sofredor que se atreva a dar um golpe de Estado é um povo que, se não for sério, pelo menos, merece respeito. É corajoso.

Os moçambicanos, estes, preferem o modesto título de “povo maravilhoso” ou “boa gente” ou “pessoas pacíficas e hospitaleiras”. Não querem pensar com grandeza e agir com violência nem querem viver com honra e morrer com glória. Aliás, não lhes agrada muito a ideia de morrer. Preferem viver na covardia do que morrer. Decididamente, não querem morrer. Nem pela mais nobre das causas: o bem-estar das gerações do futuro..

A dupla frustração do sociólogo

1 - O sociólogo é provido de um conjunto de técnicas, métodos e teorias para estudar e compreender as várias dimensões da realidade social. Por conseguinte, posiciona-se num lugar privilegiado que lhe permite compreender (constrangido) os males que enfermam a nossa sociedade: o grande fosso entre o rico e o pobre; as construções desordenadas que mesmo num ambiente de paz e com instituições que se dizem competentes, continuam a se multiplicar em diferentes bairros e regiões do país; *onde as organizações humanitárias prevalecem muito tempo para perceberem que não ajudam em nada; onde certas igrejas ganham mais dinheiro que algumas empresas vocacionadas para a maximização de lucro*; onde valores éticos e morais são proeminentemente suplantados por valores monetários;

Uma sociedade onde mulheres grávidas, idosos e deficientes não têm assento garantido nos “chapas”; onde miúdas em idade escolar transformam os seus corpos em micro-empresas; onde anualmente dezenas de editais de instituições de ensino superior oferecem milhares de vagas e em contrapartida os concursos públicos de ingresso ao mercado de emprego disponibilizam lugares que não excedem os dedos das mãos; onde a taxa de crescimento económico é altamente desproporcional à qualidade de vida, ao acesso à habitação condigna, aos serviços básicos estatais, ao acesso ao transporte; onde o atendimento eficiente e eficaz nas diversas instituições públicas observa a raça, cor da pele, género, filiação partidária e tamanho do bolso; onde o funcionário do Estado finge ser servidor público,

sendo autêntico e evidente que serve a si próprio; onde a ausência do Estado na vida do pacato cidadão se reflecte por este desenvolver uma micro actividade comercial nos passeios públicos, fazer justiça pelas suas próprias mãos, anexar uma pequena infra-estrutura residencial no terraço, procurar uma cesta básica no contentor de lixo, estudar numa “sala descapotável” sujeito a intempéries;

Onde os megaprojectos só tornam os ricos em mega-ricos aumentando a importação de carros de luxo e viagens de lazer (*bronzear no Estoril, fazer compras na África do Sul, etc.*); onde a mente da polícia está engatilhada para sancionar ou multar que corrigir e ajudar; onde mineiros legais moçambicanos no estrangeiro são sujeitos a trabalhos penosos a baixo salário, ao mesmo tempo que estrangeiros ilegais, no nosso país, pilham incessantemente os nossos recursos minerais ganhando valores astronómicos; onde cantores queixam-se de não ser convidados para actuar no estrangeiro, porém, imitam tudo da música do próprio estrangeiro do qual esperam o convite; onde empresas de telefonia móvel oferecem, nos seus concursos, automóveis para quem na verdade precisa de comida e casa em primeiro.

2 - O sociólogo é multissetorial, podendo encontrar enquadramento em qualquer instituição que se preze (*é incompreensível o desemprego do sociólogo*). Só para citar alguns exemplos: o sociólogo pode assessorar o governo, a turma legislativa e a judicial através de pesquisas sociais, meio ambiente, processos excludentes, planeamento ur-

banístico, conflito de terras, violência doméstica, igualdade de género; política científica, desenvolvimento rural, pobreza urbana, providência e previdência sociais, organização e desenvolvimento desportivo, estratégias de combate ao crime, mudança comportamental, e impacto das campanhas cívicas; a coexistência do direito consuetudinário e legal; na vertente comercial o sociólogo pode pesquisar o mercado, *media* e opinião; pode assessorar sindicatos, trabalhadores rurais e ONG’s por intermédio de intervenções sociais; pode prestar suporte aos partidos políticos e empresas, principalmente no que tange ao desenvolvimento social, políticas de ensino; relações de trabalho e mediação de conflitos; o sociólogo pode ser professor da sua própria disciplina no ensino médio como se verifica noutros países.

Por fim, o mais perigoso e o menos recomendado de tudo o que este profissional pode fazer: assessorar organizações criminosas (sequestradores, assaltantes à mão armada, falsificadores e traficantes). Sim, porque o sociólogo é um produtor inesgotável de teorias explicativas e de relações de causalidade e efeito, argumentos dialécticos, comparativos e analíticos resultantes de observações e pesquisas de factos correlacionados. Através de uma análise estratégica do crime, o sociólogo pode descortinar e trazer à luz a radiografia criminal permitindo qualquer leigo compreender todas as circunstâncias favoráveis à prática do crime, hierarquizar as decisões racionais, aprimorar planos e técnicas de execução, suprimir pistas, etc.

Diálogo: Um programa que pretende mudar a mentalidade dos munícipes

Com vista a envolver os munícipes de cinco cidades, nomeadamente Maputo, Beira, Nampula, Quelimane e Tete, na tomada de decisões sobre a governação municipal, foi criado recentemente o Programa Diálogo. Segundo Hermenegildo Manuel, facilitador do programa, o objectivo é melhorar a situação dos cidadãos e criar a cultura de prestação de contas por parte das autoridades municipais, capacitando a população na produção dos manifestos eleitorais a serem usados pelos partidos que vencerem as próximas eleições autárquicas.

Texto & Foto: Redacção

@Verdade – O que é o Programa Diálogo?

Hermenegildo Manuel – O Diálogo é um programa patrocinado pela Agência Britânica para o Desenvolvimento que tem como objectivo apoiar os municípios a concretizarem a iniciativa de envolver os munícipes nos processos de participação da governação numa perspectiva activa.

@V – Quando é que surge?

HM – O Programa surgiu em 2012, do ponto de vista de desenho e 2013 será o ano de implementação e terá quatro anos de duração.

@V – Quais são as áreas de actuação?

HM – Existem três áreas de actuação, nomeadamente o engajamento a nível municipal do cidadão em parceria com as redes dos assuntos prioritários, o aparecimento dos *media* independentes cobrindo assuntos de governação municipal, e, por último, a advocacia baseada nas evidências e pesquisa de políticas para informar e estimular o debate a nível dos municípios.

@V – Em quantos municípios será implementado o Programa?

HM – Nesta primeira fase foram escolhidos cinco municípios, nomeadamente Maputo, Beira, Quelimane, Tete e Nampula. A escolha desses municípios deve-se aos seguintes aspectos: densidade populacional, município urbano, densidade regional e participação política.

@V – O que ditou a inclusão dos municípios da Beira e Quelimane?

HM – Teve a ver com a participação política da população. Além disso, por se tratar de municípios governados pela oposição. Nestes municípios há alternância política e isso contou muito para estes municípios beneficiarem do Programa. Com a população vamos ilustrar vários modelos de governação. Veja que temos três municípios governados pela Frelimo e dois pelo MDM, e logo esta também é uma das formas que encontramos para escolher e diversificar o fenómeno de participação destes cinco municípios.

@V – Na sua opinião as políticas aplicadas pelos municípios estão de acordo com as necessidades dos munícipes?

HM – O primeiro desafio é o processo de descentralização gradual. Os municípios não têm o poder pleno porque dependem muito do poder central. Paulatinamente, a nível de Nampula estamos a verificar que há indícios e traços de participação, afirmo isso porque fizemos um estudo de base e temos algumas evidências em que existe um embrião de participação a nível municipal. Por exemplo, os fóruns de consulta municipal em que os planos são feitos com base na consulta dos Conselhos Consultivos.



Acreditamos que com o Programa Diálogo vamos dinamizar e desenvolver estas capacidades de participação dos cidadãos na tomada de decisões, pois neste ponto acreditamos que muitos cidadãos não conhecem esse assunto de participação. Um dos exemplos de falta de espírito de participação da população é a não participação nas sessões municipais e isso tem a ver com a falta de conhecimento dos seus direitos como cidadãos de participar naquele espaço e dar a sua opinião para o bem-estar dos munícipes. A outra situação está ligada à estratégia de envolvimento da população em relação aos trabalhos das Assembleias Municipais que não divulgam as suas actividades e, consequentemente, há pouca informação para a abertura do diálogo entre os dirigentes e os munícipes.

@V – Os Conselhos Consultivos Municipais têm influído na tomada de decisões para a realização de algumas actividades com vista ao melhoramento de vias de acessos e abastecimento de água nos bairros?

HM – Não há muitas evidências mas os relatórios que recebemos relatam que têm dado alguns contributos. Acredito que a maioria deles é usada para lavar a camisa do patrão, visto que poucas actividades são realizadas nos bairros, é só olhar para a situação de lixo, erosão, falta de melhoramento do saneamento e outros serviços básicos.

Os Conselhos Consultivos que existem simplesmente trabalham com o Programa Estratégico de Redução de Pobreza Urbana (PERPU). Ou seja, quando fomos fazer a nossa pesquisa, descobrimos que quase todos os membros dos Conselhos Consultivos estão virados somente para a procura de mutuários e para a monitoria das actividades ligadas aos “sete milhões” alocados aos municípios. Nas outras actividades onde deviam tomar decisões, julgamos que não lhes é permitido porque se tivessem espaço para isso não existiria lixo e outras situações que degradam o ambiente nos seus bairros. Mas nós queremos que eles sejam incorporados em todas as actividades de tomada de decisões para a melhoria dos serviços básicos das comunidades municipais.

@V – Como é que será feito o vosso trabalho de monitoria e promoção da cidadania?

HM – Primeiro, queremos criar parcerias com as autoridades municipais, segundo, trabalhar com as instituições de pesquisa de modo a fazerem o levantamento das evidências e publicá-las de tal maneira que o cidadão possa ter acesso. Nesse processo o nosso braço direito será os meios de comunicação social, pois a ideia é reforçar a capacidade dos órgãos de informação, tanto do ponto de vista de capacitação como do ponto de vista de recursos, de tal maneira que

todo o cidadão tenha acesso à informação e todos os assuntos levantados pelos munícipes sejam vinculados nos *media*.

Faremos o acompanhamento directo das associações existentes a nível municipal. Poderemos dar treinamento, sensibilização e envolver em alguns programas de desenvolvimento. Este é um dos pressupostos, pois achamos que podemos envolver todo o cidadão nos processos de participação de modo que ele tenha uma atitude efectiva como cidadão deste município.

@V – Quais são as estratégias a serem usadas de modo que os munícipes exerçam a sua cidadania?

HM – Temos uma componente que é muito forte de treinamento e sensibilização, o que significa que o nosso foco é trabalhar com os *media* para que possam divulgar estratégias com vista a tornar as pessoas mais próximas delas e que contribuam com as suas ideias para as decisões do Governo. Estamos a pensar em divulgar os direitos e deveres dos cidadãos para que o munícipe saiba o que é certo ou errado e comece a participar nos processos de decisão dentro do seu próprio município.

Grande parte das pessoas não

Democracia

vai votar porque não sabe que votar é um direito, por um lado, é uma questão de ignorância e, por outro, é a falta de alternância na componente de partidos políticos. O Programa Diálogo vai investir na sensibilização e treinamento dos munícipes para que possam participar nas eleições e nas sessões das Assembleias Municipais. O grande problema que temos é que a maioria das universidades não ajuda a fazer perceber a população o que deve fazer para desenvolver as suas vidas. Os académicos não falam e parecem galinha de avícola, que mesmo depois de libertas das capoeiras continuam no mesmo lugar.

@V – Como serão esses treinamentos?

HM – Temos duas linhas, uma de implementação directa que consiste em acompanhar as associações de base e a capacitação dos *media* existentes e a sociedade civil para que estes consigam divulgar informações, direitos ou serviços, e capacitação do Conselho Municipal de modo que tenha alternativas de como dialogar com os seus cidadãos. Por outro lado, temos os ditos *challenges found* que se baseiam no financiamento, em dinheiro ou material, as associações e os meios de comunicação social para a produção de programas ou notícias ligados à educação do cidadão do ponto de vista dos direitos e serviços do município, alternativas de painéis de discussão e levantamento de boas práticas.

Temos outra parte ligada à advocacia. Neste ponto priorizaremos os assuntos polémicos do município. Caberá às instituições de investigação como as universidades e os meios de comunicação social investigarem e publicarem informações que afectam a população como, por exemplo, as causas da cólera, falta de remoção de lixo, erosão, falta de água, criminalidade, violência doméstica e falta de energia, entre outros.

@V – O que se pretende, na verdade, com o Programa Diálogo?

HM – Nós queremos que os manifestos eleitorais não sejam feitos pelos partidos ou membros que concorrem às eleições autárquicas, mas sim pela população. Deve ser o munícipe a dizer que quer ver o melhoramento do sistema de abastecimento de água, a remoção dos resíduos sólidos, o fornecimento de energia eléctrica, unidades sanitárias e escolas. Queremos que os cidadãos exponham as necessidades do seu bairro e os partidos façam os seus respectivos manifestos tomando em conta as preocupações dos munícipes.

“Os munícipes desconhecem os seus direitos”

@V – Que análise faz em relação aos direitos dos munícipes?

HM – Os munícipes desconhecem os seus direitos. Em Moçambique, há um problema relacionado com o analfabetismo político e democrático. Algumas pessoas não conhecem os seus direitos porque existe um punhado de gente que quer que elas não tomem conhecimento. Os académicos que temos são os mais analfabetos, não têm estratégias para combater a pobreza mental e o analfabetismo político e democrático no seio da população.

@V – O que se espera dos municípios nos próximos quatro anos?

HM – Nós vamos reforçar o processo de participação. O nosso sonho é que possamos ver, tanto as autoridades municipais, como a população mais carenciada a participarem nas tomadas de decisões de uma forma activa. A nossa campanha vai envolver todas as organizações da sociedade civil que possam influenciar a mudança da mentalidade do cidadão.

A nossa missão não é política. Não vamos perseguir pessoas e, muito menos, os partidos. Nós vamos atacar os assuntos que preocupam o cidadão, e isto é consensual tanto para o Governo como para o munícipe. Vamos mexer alguns pelouros, se calhar toda a estrutura do Conselho Municipal poderá sentir-se ameaçada, mas o nosso objectivo é melhorar a vida da população.

@V – Quais serão as áreas prioritárias em Nampula?

HM – Fizemos um estudo de base e os actores que trabalharam connosco vão tomar em consideração o fraco acesso à água potável a nível dos bairros, saneamento do meio, limitação e gestão de resíduos sólidos, problema de atribuição dos Direitos de Uso e Aproveitamento de Terra (DUAT), estradas, energia eléctrica, deficiência dos serviços públicos de transporte, criminalidade, desemprego, especialmente para os jovens. Estes são os principais assuntos que preocupam a população, e poderão nortear-nos do ponto de vista de advocacia nos próximos dias.

Queremos introduzir a questão de divulgação de alguma anormalidade por via de SMS. Por exemplo, suponhamos que alguém viu um poste de energia caído, essa pessoa poderá enviar uma mensagem para o município ou num órgão de informação. Queremos também que as pessoas participem activamente na tomada de decisões através das redes sociais e possam criar redes sociais comunitárias nos bairros para ajudar a divulgar irregularidades.

@V – O que é que o projecto vai trazer de novo tendo em conta que existem linhas verdes em diferentes sectores de actividade?

HM – As linhas verdes existentes pouco funcionam e o que queremos é ver as coisas a serem feitas pela população. Queremos fazer algo parecido com o que o Jornal @Verdade tem feito. Notamos que há uma maior adesão da população e seria bom que ao nível dos municípios por nós escolhidos pudessem melhorar na participação activa e promoção da cidadania. As pessoas já não usam as linhas verdes e os livros de reclamações. É preciso que haja diálogo para que se entenda a pretensão entre os dois lados, quer as autoridades municipais assim como a própria população. E deve-se montar um piquete que funcione 24 horas por dia nos diferentes sectores para que sejam atendidas as pessoas e as suas reclamações.



@V – Não têm receio de serem confundidos com um determinado partido político?

HM – Nós não vamos falar de algum partido, nem de ninguém, mas sim de assuntos que mexem com as pessoas. E mesmo na escolha dos municípios houve critérios. Escolhemos Beira e Quelimane devido à alternância política. Se falarmos dos assuntos da Beira, não estamos a falar do Daviz Simango e muito menos do MDM, mas das questões que preocupam os cidadãos. Não podem pensar que estamos contra o partido no poder.

@V – Como é que olha para a situação política em Moçambique?

HM – Não gostaria de comentar sobre este assunto, mas tenho a dizer que a população tem todo o instrumento para forçar a mudança. A título de exemplo, as eleições. Olhemos para a situação das cidades da Beira e Quelimane. Os munícipes tomaram a decisão de mudar o rumo das coisas e mudaram. Em Nampula, tivemos algumas evidências. Existem municípios que pertenceram à Renamo. A população tem a faca e o queijo nas mãos, e a nossa Constituição da República dá uma abertura em relação à alternância política, participação e promoção da cidadania, portanto, não vejo nenhum problema em um dia um outro partido governar o país.

@V – Acha que os partidos políticos moçambicanos, ao desenharem os seus manifestos eleitorais, irão incorporar as propostas da população?

HM – Penso que sim, porque a ideia a nível da Assembleia Municipal tem em vista as mesmas propostas, bastando apenas que as populações exponham as suas preocupações. Os munícipes têm maturidade suficiente para dialogar com as autoridades municipais.

As Assembleias Municipais estão abertas e interessadas no processo, pois a questão de participação não é apenas uma preocupação da população mas também do Governo central. A situação de envolvimento e participação afecta as duas esferas, o Governo e a população, porém, ainda há muito trabalho a ser feito em relação a essa última no que respeita à cidadania. Veja que o município alocou contentores de lixo, mas os resíduos sólidos são depositados no chão, degradando o meio ambiente. Isso também choca o próprio Conselho Municipal, na medida em que nas estratégias de educar o cidadão a valorizar os contentores, os poucos recursos que foram investidos para ele usá-los de uma maneira efectiva estão a falhar. A edilidade está muito interessada no programa. O cenário de urinar nas acácias é também um problema conjuntural e falta de ética. Mas o grande problema é a inexistência de casas de banhos públicas.

@V – Esta situação não tem a ver com a pobreza e falta de meios?

HM – Por um lado, diga-se que sim, mas, por outro, não. Na verdade, é o resultado da falta de políticas eficazes. Por exemplo, a questão de venda de produtos alimentares nas ruas é fruto da falta de organização. Os locais não oferecem condições para a tal prática e o resultado disso são os acidentes de viação e a criminalidade. Isso não tem a ver com a questão de pobreza, mas de cidadania.

Comunicado

Cidadão informado vale por dois tenha sempre @Verdade perto de si
www.facebook.com/JornalVerdade

Democracia

Verónica Macamo confere posse aos membros da Comissão de Ética Pública

A Presidente da Assembleia da República, Verónica Macamo, conferiu posse ontem, quinta-feira, aos membros da Comissão Nacional de Ética, criada ao abrigo da Lei de Probidade para garantir e fiscalizar a aplicação das normas relativas a conflitos de interesses.

Texto: Redacção

Trata-se de Mário Evaristo Salomão, Adriano Silvestre Sénvane e Elsa Roia Alfaia, indicados pelo Governo; Rafael Sebastião, Davide Zefanias Silvano e Sinai Josefa Nhaitima, indicados pelos Conselhos Superiores da Magistratura Judicial, Administrativa e do Ministério Público; e Jamisse Taímo, Carlos Machili e André Magibire, eleitos pelo Parlamento.

Este órgão é composto por nove elementos, sendo três designados pelo Parlamento, três pelo Governo e três pelos Conselhos Superiores das Magistraturas Judicial, Administrativa e do Ministério Público, respectivamente, cujos mandatos são de três anos, podendo apenas serem reeleitos por mandatos intercalados. A presidência deste órgão é exercida de forma rotativa, por cada um dos designados de cada um dos poderes, para um mandato anual.

A Comissão Nacional de Ética é responsável pela administração do sistema de conflitos de interesses, estabelecimento de regras, procedimentos e mecanismos de prevenção de conflitos, divulgação e promoção

dos princípios e deveres éticos do servidor público, orientação e coordenação das comissões de ética provinciais e distritais, e por receber e dar andamento às denúncias públicas relativas a situações de conflitos de interesses, devendo deliberá-las ou remetê-las aos órgãos competentes para promover um procedimento disciplinar ou criminal; garantir a protecção dos denunciantes de conflitos de interesses, de acordo com o regime geral de protecção das testemunhas, vítimas, denunciantes e outros operadores processuais, dentre outras atribuições.

De acordo com a Lei de Probidade, qualquer cidadão interessado pode requerer à Comissão de Ética Pública ou ao superior hierárquico do agente público em causa a declaração de existência de conflito de interesses.

A Lei de Probidade, aprovada a 15 de Outubro do ano passado, é um instrumento que estabelece as bases e o regime jurídico relativo à moralidade pública e ao respeito pelo património público, por parte do servidor público.

Sede do MDM vandalizada em Chókwè

Uma delegação do Movimento Democrático de Moçambique (MDM), da qual fazia parte o presidente do Conselho Municipal da Cidade de Quelimane, Manuel de Araújo, que procedia à inauguração da nova sede daquele partido no distrito de Chókwè, província de Gaza, foi agredida no último fim-de-semana por um grupo que, para lograr os seus intentos, usou pedras, paus e instrumentos contundentes.

Texto: Redacção • Foto: Ernesto Pedro

Segundo Manuel de Araújo, citado pelo Canal de Moçambique, o acto aconteceu em plena cerimónia de inauguração da representação do MDM naquele ponto da província de Gaza, quando jovens supostamente da Frelimo, liderados pelo chefe de Mobilização e Propaganda e vereador do Conselho Municipal de Chókwè, atacaram os presentes.

“Fomos atacados com pedras, paus e outros instrumentos contundentes e tivemos que pedir socorro à Polícia na nossa própria delegação. Os nossos membros foram esbofeteados, e de seguida vandalizaram a nossa sede e tiraram o mastro sem explicação nenhuma. Fomos humilhados como se não fôssemos moçambicanos”, explicou Manuel de Araújo.

Entretanto, o edil de Chókwè, também citado pelo Canal de Moçambique, Jorge Macuácu, confirmou a vandalização das instalações do MDM mas refuta as acusações segundo as quais tal acto teria sido protagonizado por membros da Frelimo, partido ao qual ele pertence.

Para Macuácu, a sabotagem foi perpetrada por “residentes” que, ao notar a existência de uma bandeira de um partido político hasteada numa residência sem terem



sido contactados, optaram por se dirigir ao local para exigir explicações. “Não foi um ataque, mas sim um protesto dos munícipes de Chókwè contra a existência de uma bandeira hasteada numa residência localizada num dos bairros do município de Chókwè”.



Voz da Sociedade Civil

Moçambique: Campeãs contra todas as ortodoxias, mas não supermulheres!

Milton Machel

Maputo, 31 de Dezembro de 2012 – As vitórias internacionais do basquete feminino moçambicano colocam o desporto, o jornalismo, a sociedade e a política doméstica perante um desafio: o da equidade, ou se quisermos, da justiça de género.

O basquetebol feminino é, de longe, a disciplina olímpica colectiva que mais vezes prestigiu o nome de Moçambique a nível internacional. Com a recente conquista pela Liga Muçulmana de Maputo da Taça dos Clubes Campeões Africanos, Moçambique tornou-se o recordista do Continente em títulos de clubes seniores femininos, com cinco taças conquistadas contra quatro do gigante Senegal.

Em Abidjan (Costa do Marfim), onde a Liga venceu a prova, a experiente poste a evoluir no basquetebol profissional europeu, Clarisse Machanguana, confirmou a sua condição de reforço especial na fase final e foi eleita a Melhor Jogadora do Torneio. Clarisse foi ainda escolhida para o “Cinco” Ideal da prova, a par as suas colegas Leila Dongue e Deolinda Ngulela. A base armadora Deolinda tornou-se recordista de campeonatos, ao levantar a sua terceira taça dos campeões, e por três equipas moçambicanas diferentes.

Uma ocasião, vamos lá ser oportunistas, para colocar o basquete na agenda do género em Moçambique.

Clarisse Machanguana, aos 39 anos, é profissional de basquete há pelo menos 20 anos, actuando e vivendo fora de Moçambique há duas décadas, entre os Estados Unidos e a Europa – logo, longe da terra e da família – e é

mãe de duas crianças.

Jogadoras de basquete a tempo parcial, trabalhadoras e mães também o são na equipa da Liga: Rute Muianga, Deolinda Gimo e Valerinda Manhonga.

O preconceito masculino generalizado que contamina igualmente a mente jornalística moçambicana, encontra expediente fácil no tocante ao sucesso destas mulheres no desempenho desses múltiplos papéis sociais na excusa de que elas não passam de supermulheres.

Tal atribuição pretende (podemos aqui traduzir de forma corrupta o to *pretend* - fingir em inglês) colocá-las num pedestal de especiais, estereotipando aliás uma visão que ainda é dominante – não necessariamente maioritária – na nossa sociedade de que mulher com profissão ou ocupação profissional de elevada responsabilidade, visibilidade e elevado esforço físico e intelectual, ou mulher de múltiplas ocupações e desligada do papel social de dona-de-casa ou doméstica só pode ser supermulher, ou seja, uma mulher “não-normal”.

Recuemos um pouco ao passado recente do desporto moçambicano. Para além da chamada geração de ouro do basquete, quem elevava ao mais alto nível do desporto mundial o nome de Moçambique? A “menina” de ouro, Maria de Lurdes Mutola. Como é que as qualidades futebolísticas e atléticas de Lurdes Mutola eram consideradas, desde o seu berço quando jogava com os rapazes até o ponto de ser colocada a jogar nas equipas juvenis do Águia d’Ouro? Foi apelidada Maria-rapaz!

Sem pretender generalizar, amiúde, os patrióticos, incrédulos com as façanhas mundiais de

Lurdes Mutola, justificavam-no simplesmente apanhados na “inércia do preconceito”: é homem “aquele”, você não vê os músculos dela?

Com o basquete é também assim, habituámo-nos a glorificar os feitos das nossas basquetebolistas com os “Bravo, Meninas!”, “Obrigado, Meninas!” – um, dia desses, no âmbito desta agenda de género, temos de debater também esta designação de “meninas” atribuída a desportistas maiores de idade. Todavia, jornalisticamente e desportivamente masculinizados, voltamos no dia seguinte ao “normal” e investimos mais nas competições de masculinos, desencorajamos a existência de treinadoras no basquete feminino de alta competição e continuamos a dedicar maior e prioritária cobertura ao basquete masculino.

As nossas basquetebolistas, algumas mães (solteiras, vivendo maritalmente ou casadas, isso não importa), muitas profissionais em outros ramos, para além da sua dedicação horas a fio ao basquete, são verdadeiras campeãs quanto à arte de como se a ganha a bandeira da equidade do género e sabem muito bem o que custa a liberdade de serem desportistas, profissionais e mães.

Quero com isto disputar a atribuição preconceituosa de supermulher a basquetebolistas como Ana Flávia Azinheira (que um dia chegou a ser treinadora da equipa sénior feminina da Universidade Politécnica, contra todas as ortodoxias), Diara Dessai (que para Quelimane se transferiu seguindo o seu esposo e se afirmou como treinadora ao ponto de granjear respeito em Maputo por comandar uma equipa de juniores femininos em campeonatos nacionais), Zinóbia Machanguana (que, para

além de profissional na área de desenvolvimento social, não deixou de jogar basquete só porque foi mãe duas vezes).

Em simultâneo, rendo-me a elas pelo jogo de superação quotidiana que as leva a vencer barreiras familiares, societárias, profissionais, relacionais, desafiando todas as ortodoxias machistas enraizadas mas não eternizadas em Moçambique.

Concordo com a cantora americana Kharyn White quando cantou *I’m Not A Superwoman* (Não Sou Uma Supermulher). Sou contra todas as ortodoxias que procuram deusificar os feitos de um grupo de mulheres moçambicanas, atribuindo-lhes qualidades especiais, como se de uma excepção elas se tratassem, somente para manter o “status quo” de que é anormal a mulher evidenciar-se em tantos domínios.

Sem respostas e sem ideias conclusivas, deixo as seguintes questões com desafios da equidade e justiça de género para o próprio desporto e para o jornalismo: porque não temos treinadoras em equipas seniores femininas? Porque não se investe prioritária e maioritariamente, a nível interno, no basquete feminino? Porque as coberturas jornalísticas, das secções desportivas, dão mais espaço e tempo ao basquete masculino do que ao feminino?

Milton Machel é jornalista investigativo freelancer, oficiando como Especialista de Mídia Para Capacitação Profissional no Programa Para Fortalecimento da Mídia em Moçambique na IREX e ex-jornalista desportivo. Este artigo faz parte do Serviço Lusófono de Opinião e Comentário da Gender Links

Obama inicia segundo mandato com apelo contra o “absolutismo”



O Presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, incitou na segunda-feira (21) os norte-americanos a rejeitar o “absolutismo” político e o rancor partidário, e usou o início do seu segundo mandato para fazer um inflamado apelo por acção colectiva e para adoptar um tom mais assertivo diante dos desafios que ele enfrentará nos próximos quatro anos.

Texto: Redacção/Agências • Foto: AFP

A cerimónia de posse no Capitólio teve toda a pompa tradicional, mas foi muito mais modesta do que na histórica festa de 2009, quando ele se tornou o primeiro negro a ocupar o cargo de Presidente dos EUA, personificando os desejos de esperança e mudança do país. Cerca de 700 mil pessoas assistiram ao evento, menos de metade de 1,8 milhão que esteve presente em Washington há quatro anos.

Para o segundo mandato, as expectativas sobre Obama estão atenuadas por causa da persistente fragilidade económica do país e das divisões políticas em Washington. Apesar disso, Obama fez uma listagem confiante dos seus planos, abrangendo temas como mudança climática, imigração e direitos dos homossexuais.

“Não podemos confundir absolutismo com princípio, substituir a política pelo espectáculo, nem tratar insultos como um debate racional”, disse Obama, num dia de muito frio, sobre o palanque montado nas escadarias do Congresso, com vista para a avenida National Mall. “Devemos agir, sabendo que as vitórias de hoje serão apenas parciais.”

Falando em termos mais específicos do que se previa, Obama prometeu “escolhas difíceis” para reduzir o défice federal, e propôs uma reforma tributária e do Governo.

O democrata chega à sua segunda posse com bons números nas pesquisas e com a oposição republicana na defensiva, depois de um primeiro mandato marcado por realizações como a reforma da saúde pública, o fim da guerra no Iraque e a morte de Osama bin Laden.

Mas ele terá pela frente batalhas a respeito do orçamento, do controlo de armas e da imigração. Os republicanos mostram-se dispostos a fazer oposição cerrada, e Obama, aparentemente,

ainda não descobriu como convencê-los a negociar.

Juramento repetido

Ao erguer a mão direita para prestar juramento no Capitólio diante do presidente da Suprema Corte, John Roberts, Obama estava na verdade a tomar posse do seu mandato pela segunda vez em 24 horas.

Na véspera, Obama havia protagonizado o mesmo acto formalmente num evento reservado na Casa Branca, atendendo à exigência constitucional de que o mandato presidencial comece em 20 de Janeiro. Mas os organizadores da festa concluíram que adiar a parte pública da cerimónia para segunda-feira seria mais conveniente.

Aos 51 anos, com os cabelos mais grisalhos do que há quatro anos, Obama procurou angariar o apoio popular para concluir as tarefas ainda pendentes.

“Preservar as nossas liberdades individuais, em última análise, exige uma acção colectiva”, disse o democrata, que enfrenta um cenário de desemprego persistente, grande endividamento público e profundas divisões partidárias.

A cerimónia pública teve lugar no mesmo dia do feriado nacional que homenageia o líder negro Martin Luther King, e o Presidente abraçou o simbolismo.

Ele prestou juramento com as mãos sobre duas Bíblias – uma delas do Presidente Abraham Lincoln, que aboliu a escravatura, e a outra do reverendo King. Myrlie Evers-Williams, viúva de outro activista dos direitos civis assassinado, Medgar Evers, teve a honra de proferir a evocação na cerimónia.

Publicidade

I LEGAL

NÃO PASSES A LINHA, SE CONDUZIRES NÃO BEBAS



A CERVEJAS DE MOÇAMBIQUE ACONSELHA O CONSUMO RESPONSÁVEL DE ÁLCOOL

Mwaladzi: O sonho que se transformou em pesadelo

As famílias reassentadas em Mwaladze, no distrito de Moatize, na província de Tete, ameaçam regressar às suas zonas de origem, nomeadamente Capanga Mphala, Capanga Njangajo, Capanga Guro, Capanga Nzinda e Capanga Luane, na região de Benga, caso a mineradora anglo-australiana Rio Tinto não resolva as inquietações por elas apresentadas, que estão ligadas à fome e à falta de emprego e água.

Texto & Foto: Redacção

Geraldo Raide* é um jovem de 29 anos de idade e reside em Mwaladze desde o ano passado, quando a Rio Tinto transferiu as primeiras 89 famílias de Capanga Mphala e Capanga Njangajo para aquele local. À sua família foi atribuída uma residência Tipo 1, mas teve de cedê-la à mãe, já idosa, e aos quatro filhos. Ele e a esposa tiveram de transformar a cozinha, construída ao lado da casa, em quarto.

Quando amanhece, por ser o chefe de família (composta por sete pessoas), há duas perguntas às quais tem de responder: o que fazer? O que comer? Esta não é a realidade vivida só por Geraldo, mas por 89 famílias que até agora vivem em Mwaladze, onde os dias são uma incógnita.

Geraldo vive no desemprego desde que chegou àquele local. Embora não tenha estudado o suficiente para reivindicar um posto de trabalho (só tem a 5ª classe feita), diz que, diferentemente de Capanga, onde ele residia, em Mwaladze não há condições para a prática de actividades de geração de rendimento, tais como a agricultura, o fabrico de tijolos, a produção de carvão vegetal, entre outras.

“Há o problema de emprego nesta zona. Quando nos transferiram, disseram que todos teríamos trabalho. Este é um bairro novo, dista dezenas de quilómetros da vila sede de Moatize. Por mais que queiramos fazer algo na vila para sustentar as nossas famílias, não temos hipóteses. Nem transporte há”, diz.

Quem teve sorte diferente foi Joaquim Sebastião*, de 31 anos de idade e pai de cinco filhos, que trabalha na Rio Tinto como servente de obras há cinco meses. Ele fez parte de um grupo de 50 jovens que beneficiaram de formação em diversas áreas. Destes, apenas 10 foram recrutados, sendo Joaquim um deles.

“Não posso dizer que estou satisfeito por estar a trabalhar porque o contrato é por tempo determinado e um dia as obras vão terminar. Fora disso, não me sinto bem porque os meus companheiros estão em casa. Estaria a ser egoísta. Viemos juntos para esta zona e passámos pelas mesmas dificuldades. Actualmente, a única coisa que (muitos) fazem é consumir bebida fermentada para ver o tempo passar, e isso é muito mau”, conta.

“Não queremos viver de mão estendida”

Geralmente, nas zonas rurais, onde predomina o desemprego, as pessoas dedicam-se à agricultura, cuja produção é destinada ao consumo e à venda, ou à pastorícia. Foi com esta esperança que as famílias aceitaram ser transferidas para aquela zona, diga-se, nova e desconhecida. Mas o que foram encontrar foi uma terra arenosa e cheia de pedras, ou seja, imprópria para o cultivo. “Nas nossas machambas, só podemos produzir feijão-nhemba. A terra é improdutiva”.



Por reconhecer este facto, a Rio Tinto introduziu, através do Instituto Nacional de Gestão de Calamidades, um programa de assistência alimentar básica, que consiste na atribuição de açúcar, óleo, feijão, arroz, peixe, amendoim, entre outros produtos. Mas este “acção de beneficência” não deixa os residentes tranquilos, muito menos satisfeitos, pois afirmam que não estão habituados a viver de “mão estendida”.

“Nós queremos viver do nosso suor. Ao darem-nos estes alimentos, pretendem desviar-nos do principal problema. Nós queremos que eles cumpram o que prometeram, ou seja, condições de habitabilidade. Lá onde estávamos, desenvolvíamos as nossas actividades normalmente. É claro que eram informais, mas não íamos bater à porta de ninguém para reclamar”, dizem, e acrescentam que “até para termos água dependemos deles. Trazem-na em camiões cisterna e cada família tem direito a uma certa quantidade”.

“Preferimos regressar às nossas antigas casas”

Perante este cenário, e caso ele persista, os residentes aventam a hipótese de regressar às antigas casas, localizadas na zona de Benga, onde a Rio Tinto está a explorar o carvão mineral, por lá haver condições para levarem uma “vida digna”, em que “não dependemos de ninguém para comer”.

“Sabemos que as nossas casas já foram destruídas, mas nós estamos dispostos a voltar. Lá vivíamos bem, tínhamos dinheiro e nunca dormíamos sem comer. Não havia trabalho formal, mas as nossas actividades eram rentáveis”.

“Nada se produz, por mais que chova”, secretário do bairro Capanga Mphala

Entretanto, o secretário do bairro Capanga Mphala, Virgílio Cussaia, afirma que o que deixa os reassentados em Mualadze de costas voltadas com a Rio Tinto é o facto de esta não lhes ter indemnizado. “A empresa prometeu pagar pelas machambas, e quando cá chegámos só recebemos as casas e os terrenos para

a prática da agricultura, que são impróprios. Mandaram-nos aguardar, e em Setembro vieram dizer que já não teríamos direito à indemnização. Nem fizeram questão de explicar os motivos”.

“Talvez pensem que as actuais machambas equivalham às anteriores. Se for isso, estão enganados porque esta terra é improdutiva. Nada se produz aqui, por mais que chova. Este ano plantámos mapira mas não sabemos se vai germinar. O terreno não é próprio, é arenoso e está cheio de pedras”.

Em relação à zona, Cussaia considera que a mesma é boa, mas aponta a questão de desemprego como o principal problema. “Falta-nos emprego. A cidade está distante. Apesar de termos todo o tipo de infra-estruturas, o emprego faz muita falta, e isso torna a vida difícil. O pior é que nem temos alternativas, tal como acontecia na nossa antiga zona. Quando chegámos, como as casas ainda estavam em fase de construção, foram contratadas muitas pessoas, mas foi sol de pouca dura. Mal as obras terminaram, todos foram despedidos”.



Destaque

“Projectos de geração de rendimento serão implementados à medida que as outras famílias forem transferidas para Mwaladzi”, afirma a Rio Tinto

Entretanto, quando questionada sobre se estava a par dos problemas com que se debatem os residentes de Mwaladze, tais como o desemprego e falta de condições para a prática da agricultura, a Rio Tinto, através do seu gabinete de comunicação, diz que estão em curso vários projectos de geração de rendimentos e outros serão implementadas à medida que outras famílias forem transferidas para Mwaladzi.

“Neste momento, existem, em Mwaladzi, viveiros, programas de criação de frangos e de suínos. Para este programa de geração de rendimentos, há uma capacitação que é feita às associações de moradores, no sentido de aprenderem as técnicas de criação/produção, bem como de gestão dos seus negócios de forma a assegurar a sua sustentabilidade. Outras iniciativas, como, por exemplo, o projecto da produção diária de 2500 ovos, cuja construção de infra-estruturas já iniciou, vão ser implementados. Isso irá permitir a criação de mais postos de emprego”.

No que à produção de comida diz respeito, “estão igualmente em curso programas de restauração de práticas agrícolas. Com efeito, está a ser desenvolvido um programa de assistência técnica para a prática de actividades agrícolas, através do estabelecimento de uma unidade de extensão agrária. Para tal, foram criados campos de demonstração de resultados com tecnologias melhoradas e adequadas”.

Relativamente à questão das indemnizações, levantada pelo secretário do bairro Capanga Mphala, a Rio Tinto diz que “todas as famílias que já se encontram reassentadas em Mwaladzi foram, na altura, devidamente compensadas de acordo com o pacote acordado e aprovado, no âmbito do qual cada família teve direito a uma casa de alvenaria (as casas variam de tipo 1 a tipo 4), um terreno de no mínimo 2 hectares para agricultura, insumos agrícolas e assistência alimentar básica. As famílias recebem esta assistência alimentar básica até hoje, enquanto trabalham e preparam as suas terras.



Segurança

Infra-estruturas

Ainda de acordo com a Rio Tinto, a zona de Mwaladzi beneficiou de diversas infra-estruturas sociais, tais como escola primária completa, casas para professores, centro de saúde, edifício administrativo, mercado, infantário, posto de polícia, cemitério, campo de futebol, sistema de abastecimento de água e rede de energia.

A comunidade reconhece a existência destas infra-estruturas mas nega que esteja a beneficiar de todas elas. Por exemplo, em relação à energia eléctrica, diz que a sua falta tem levado a que as pessoas recorram à região de Cateme, onde há uma moageira. “Se tivéssemos energia nas nossas casas, não teríamos necessidade de ir a Cateme. Há energia na via pública, no centro de saúde, no infantário, etc. A moageira funciona à base de energia eléctrica, e nós não a temos. Algumas infra-estruturas ainda não foram inauguradas, por isso ainda não podem abrir as portas”.

Na altura em que o @Verdade visitou Mwaladze, havia agentes da Força de Intervenção Rápida que procedia à patrulha nas ruas. No princípio, pensámos que se tratava de elementos afectos à zona para garantir a segurança dos seus residentes, mas não. A sua presença tinha como objectivo responder a uma onda de roubo de vidros e aros das casas ainda em construção, perpetrados por desconhecidos.

Porém, os acontecimentos de Cateme, caracterizados por levantamentos populares e que culminaram com o espancamento e detenção de alguns manifestantes, levam os residentes a desconfiar da manutenção daqueles homens.

“Temos a Polícia de Protecção, que podia muito bem estar aqui a velar pelas casas que ainda não foram ocupadas, não entendemos porque é que mandaram a FIR para cá. Para nós, eles estão aqui para responder a uma possível manifestação, o que é provável face ao nosso descontentamento. É a única justificação. É constrangedor conviver com eles porque andam de arma em punho”, queixam-se.



Perdas em Moçambique ditam afastamento do presidente executivo da Rio Tinto

Na semana Passada, a Rio Tinto anunciou a demissão, por mútuo acordo, de Tom Albanese, do cargo de presidente executivo, depois de terem sido descobertas reduções de valor contabilístico de activos na ordem de dois mil milhões de euros relativas à exploração de carvão mineral em Moçambique devido, alegadamente, à falta de capacidade de escoamento.

Por isso, a mineradora considera que “uma redução desta dimensão em relação à recente aquisição em Moçambique é inaceitável”, embora reconheça que a mesma possa, em última análise, “ser um negócio valioso”.

A empresa alega que a produção de carvão em Moçambique (ainda) não atingiu níveis satisfatórios porque os projectos de construção de infra-estrutura para o seu

escoamento, previstos aquando da sua implantação, não tiveram a aprovação do Governo, pelo que ainda está a identificar rotas alternativas de transporte.

“A Rio Tinto continua a trabalhar com o Governo de Moçambique no desenvolvimento de alternativas de infra-estruturas de transporte. A conjuntura de volumes inferiores de carvão metalúrgico recuperável e a impossibilidade de aumentar a produção como originalmente projectada devido aos constrangimentos de infra-estrutura, conduziu à redução do valor escriturado da Rio Tinto Coal Mozambique e o registo de uma imparidade nas contas da Rio Tinto”, refere um comunicado da empresa.

Em resposta, o Governo moçambicano diz que aguarda

pelos dados técnicos que provam que a revisão em baixa dos volumes de carvão mineral explorado pela Rio Tinto em Moçambique tem a ver com questões ligadas à falta de infra-estruturas de escoamento. “Esperamos que eles nos apresentem dados técnicos sobre estas constatações para nós fazermos a nossa verificação”, disse Abdul Razak, vice-ministro dos Recursos Minerais, citado pela Agência Lusa.

Ainda sobre esta questão (da falta de infra-estruturas para o transporte de carvão), Abdul Razak reconhece que tem havido respostas imediatas, mas afirma que serão criadas condições, não a curto prazo, não só para o escoamento do carvão, mas também para outros produtos, através da linha de Sena, de Nacala e de outras que estão por construir.

Investimentos impulsionam a classe média africana

Os investimentos no sector de serviços de África, o aproveitamento dos seus vastos recursos naturais e as sólidas políticas económicas dos governos nas duas últimas décadas impulsionaram a expansão da classe média no continente a um ritmo mais rápido do que o próprio crescimento populacional.

Texto: Fred Ojambo/IPS

Os investimentos em sectores importantes – como o bancário, o imobiliário, as telecomunicações, as tecnologias da informação, e os transportes e turismo – fizeram crescer a classe média do continente, explicou à IPS o pesquisador Lawrence Bategeka, do Centro de Estudos sobre Políticas Económicas, com sede em Uganda. “A liberalização das economias africanas significou maior eficiência e um rápido crescimento do sector de serviços. O crescimento, impulsionado pelo sector privado, teve como consequência a ampliação da classe média do continente”, afirmou Bategeka.

A classe média na África é definida como o grupo populacional que apresenta um consumo diário por habitante entre 2 e 20 dólares (60 a 120 meticais), segundo o informe The Middle of the Pyramid (O Meio da Pirâmide), elaborado no ano passado pelo Banco Africano de Desenvolvimento (BAD). Segundo este estudo, a classe média africana passou de 27% da população do conti-

nente, em 1980, para 34% em 2010. África conta hoje com cerca de um bilião de habitantes. Isto significa uma taxa de crescimento de 3,1%, contra a de 2,6% da população em geral do continente no mesmo período, diz o BAD.

A classe média é considerada fundamental para o futuro de África, já que é crucial para o seu desenvolvimento económico e político. Mas é difícil determinar exactamente os que entram nesse grupo e, portanto, definir a sua constituição, segundo o BAD. No Uganda, uma pessoa é considerada de classe média se tem boa instrução, pode alugar ou comprar uma boa moradia, tem acesso à Internet, faz compras habituais em supermercados e gasta o equivalente a 15 dólares (450 meticais) por dia, explicou à IPS o administrador associado da companhia privada de estudos Alpha Partners, Stephen Kabovo.

Joseph Nsubuga, agente imobiliário num local próximo de Kampala, capital de Uganda, aproveitou bem a expansão da classe média. “O aumento da renda de muitas pessoas fez disparar a procura por terra e vi nisso uma oportunidade para fazer os meus próprios ganhos. Comecei a vender o que havia herdado dos meus pais, e agora o meu trabalho é comprar e vender terras. O meu ganho melhorou e posso enviar os meus filhos para boas escolas”, contou à IPS.

O pedagogo James Babalanda, de Kampala, também viu uma oportunidade para melhorar a sua qualidade de vida. Ele disse à IPS que, “desde que as pessoas começaram a ganhar mais, passaram a comprar melhores equipamentos electrónicos. Então, decidi abrir várias lojas desse ramo na capital e, acredite, tenho uma boa vida. O meu negócio cresce porque há um bom mercado”.

Bategeka afirmou que há espaço para um crescimento ainda maior da classe média, mas ressaltou que o Governo deve investir mais em infra-estruturas. “Uganda é um bom exemplo de como as reformas económicas melhoram a renda das pessoas, e este crescimento seria ainda maior se houvesse mais investimentos em infra-estruturas. A maioria dos países tem um lento crescimento do sector privado devido ao défice em infra-estruturas”, acrescentou.

Reduzindo o controlo estatal e adoptando políticas favoráveis ao sector privado, as economias africanas estimularam o crescimento da classe média, e ainda há espaço para uma expansão maior se houver mais investimentos públicos em infra-estruturas, insistiu Bategeka. Na década de 1990, as economias africanas adoptaram os programas de ajuste estrutural exigidos pelo Banco Mundial e pelo Fundo Monetário Internacional (FMI), com políticas de livre mercado.

“A liberalização, que se concentrou num crescimento do sector privado, foi essencial para a expansão da classe média do continente”, afirmou Bategeka, acrescentando que “os países adoptaram políticas económicas sólidas que controlaram a inflação, beneficiando os investimentos nas suas economias”. Para

este especialista, “os investimentos no sector de serviços são parte do motor do crescimento da classe média no continente. As sólidas políticas macroeconómicas, ao mesmo tempo, atraíram investimentos estrangeiros directos, que contribuíram para o crescimento da classe média”, ressaltou.

Os países do Norte de África são os que têm uma maior classe média. A Tunísia regista a maior proporção de população nesse sector socioeconómico, com 89,5%, seguida do Marrocos com 84,6%. A Libéria é o país que tem a menor concentração de classe média entre os países estudados, com apenas 4,8% da sua população, seguida de Burundi, com 5,3%.

“A classe média africana é uma fonte fundamental do crescimento do sector privado em África, pois representa uma grande parte da demanda efectiva de bens e serviços”, segundo o BAD. A África subsaariana continua protegida dos factores negativos que afectam o crescimento em muitas nações em desenvolvimento, e a actividade económica na região é, em geral, sólida. Espera-se que o crescimento no período 2012-2013 seja igual ao do período anterior, afirma o FMI nas suas perspectivas para a região, apresentadas em Outubro do ano passado.

Linchamentos tornam-se habituais na Serra Leoa

Numa noite de névoa e sem estrelas da capital de Serra Leoa, um adolescente corre desesperadamente pela rua antes de ser violentamente atirado ao solo por um transeunte. Imediatamente, espalha-se a notícia de que foi detido um ladrão, chegando imediatamente pessoas de todos os lados.

Texto & Foto: Tommy Trenchard/IPS

Num minuto a estreita rua enche-se de gente e o rapaz, que afirma não ter roubado um telefone celular, como é acusado, recebe o primeiro de uma série de golpes que continuarão por cerca de 40 minutos.

Os atacantes usam paus, tijolos e pedras. “Vamos matá-lo”, diz um homem excitado, balançando no ar um pesado pedaço de pau e atingindo a cabeça do jovem, que sangra profundamente e tenta proteger-se. Finalmente, desnudo e quase não conseguindo manter-se de pé, o traumatizado adolescente é expulso do lugar pela multidão e fica à mercê da sua própria sorte. “Esse vai morrer durante a noite. É um ladrão, uma pessoa má”, afirma um homem.

A justiça pelas próprias mãos está a aumentar neste país da África ocidental de quase seis milhões de pessoas. O fenómeno tem vários factores, como a ineficiência do sistema judicial, a propaganda falta de confiança na polícia e o legado de grupos de autodefesa que operaram durante a longa guerra civil. Dez anos depois de terminado o conflito interno, a Serra Leoa é um país pacífico. As últimas eleições presidenciais caracterizaram-se por campanhas maciças contra a violência e aconteceram sem incidentes. Contudo, enquanto a violência política é condenada de forma generalizada, os ataques espontâneos contra supostos delinquentes recebem poucas críticas.

Ibrahim Tommy, director executivo da organização não governamental Centro de Responsabilidade e Estado de Direito, afir-



ma que o aumento da vigilância para além da policial está directamente relacionado com o mau funcionamento do sistema judicial. “O que a população faz é responder à debilidade do sistema, à falta de capacidade de fazer justiça num período razoável de tempo”, disse à IPS. “Então, o que fazem é bater na pessoa. Enquanto alguém puder por um tempo suficiente bater no suspeito, sentir-se-á satisfeita”, afirmou. Como disse um homem enquanto batia no adolescente acusado de roubar um celular, “se o entregarmos à polícia, estará aqui novamente no dia seguinte”.

Tommy destaca em especial as demoras burocráticas, que são obstáculos à participação de testemunhas nos julgamentos. “O que acontece é que alguém é preso, levado à polícia, processado, mas ninguém vai testemunhar. Nesse momento, ao juiz não resta outra opção a não ser libertar o acusado. Para uma condenação são necessárias testemunhas”, afirmou.

“As pessoas neste país não vão aos tribunais testemunhar”, concordou Ibrahim Samura, superintendente adjunto da polícia. Muitos recusam-se a perder o seu tempo em casos que demoram muito. Outros temem ser alvo de represálias por causa dos seus depoimentos. Nem as próprias vítimas vão aos tribunais, contou à IPS. Segundo Tommy, a falta de participação de testemunhas é apenas um dos factores por trás da baixa taxa de sentenças. Para ele, alguns dos criminosos fazem acordos com as autoridades policiais para não serem acusados. “Na maioria das vezes, são detidos pelos polícias e, após um dia ou dois, depois de o público esquecer o ocorrido, são libertados secretamente”, afirmou.

Além disso, a cultura de “justiça de rua” tem as suas raízes na guerra civil, quando surgiram grupos de autodefesa diante do fracasso dos militares em dar-lhes segurança contra os ataques da rebelde Frente Revolucionária Unida. “A vigilância popular começou realmente durante a guerra”, explicou Tommy. “Aconteceu quando membros da população perderam a fé nas forças de defesa e pensaram que deveriam fazer algo para sua própria protecção e segurança. Assim, tentaram preencher o vazio deixado pela lamentável conduta dos militares”, acrescentou.

Hoje os casos de ataques por parte de vigilantes cidadãos são comuns em Freetown. No hospital principal da cidade, a enfermeira Dura Kamara está acostumada a tratar vítimas da violência de rua. “Chegam ao menos uma ou duas vezes por semana, em condições muito sérias. As pessoas atiram-lhes ácido, batem e quebram os seus ossos, atacam-nas com facões”, acrescentou.

Alguns nem mesmo chegam vivos ao hospital, vão directamente para a casa mortuária da cidade, onde trabalha Alhaji Kanjeh. “É muito comum. Aqueles que são surpreendidos a roubar apanham até morrer”, contou à IPS. Kanjeh mostra a foto de um adolescente que foi assassinado por uma multidão perto do estádio nacional, que tentou roubar a um motorista e pagou com a vida. “Nunca soubemos o seu nome”, disse o empregado do necrotério, onde chegam vítimas da justiça de rua de apenas 15 anos. Os ladrões que morrem às mãos da população raramente são identificados ou reclamados por familiares, que temem ser estigmatizados como delinquentes.

“Quando a polícia vem aqui com o cadáver, este entra como desconhecido”, indicou Kanjeh. Se nenhum familiar reclamar o corpo, é enterrado na vala comum. Para Owizz Koroma, chefe forense do Governo, a justiça pelas próprias mãos tornou-se rotina, e isto significa novos desafios para o seu escritório, responsável pelos cadáveres. “Realmente estou sob enorme pressão para fazer coisas para as quais não tenho orçamento... Os enterrados e o combustível” para queimar os corpos. “Soa horrivelmente, mas esta é a realidade”, afirmou.

RSA: Aliança Democrática quer explicações sobre a reabilitação das casas dos ministros

A Aliança Democrática, DA, a maior força da oposição da África do Sul, defende que o ministro das Obras Públicas, Thulas Nxesi, deve justificar como foram gastos os cerca de 65 milhões de randes destinados à reabilitação das casas dos ministros.

Texto: Redacção

“Alguns valores gastos na remodelação de uma casa são, em muitos casos, astronómicos. O ministro Nxesi deve dizer como foi tomada a decisão de alocar altas verbas para reabilitações, e deve providenciar informações detalhadas em torno deste assunto”, defendeu a deputada da bancada parlamentar da DA, Anchen Dreyer, que apelidou as despesas de obscenas.

“Este dinheiro poderia ter sido bem gasto na reabilitação de diversas infra-estruturas de capital importância, tais como a degradação cadeia policial de Carletonville e os postos policiais em Durban, locais visitados por mim no ano passado”, defende.

O semanário sul-africano Sunday Times refere na sua última edição que, em resposta às questões levantadas pela DA no dia 14 de Dezembro do ano passado, o ministro Thulas Nxesi já admitiu o uso de avultadas somas na reabilitação das residências protocolares dos ministérios, cujo orçamento previa a alocação de 15 milhões de randes para a remodelação da casa da ministra do Desenvolvimento Rural, Gugile Nkwinti, localizada na Cidade do Cabo; 10.67 milhões para a casa a ser usada pela vice-ministra dos Transportes, Lydia Chikunga, e cerca de cinco milhões para a da ministra da Agricultura, Tina Joemat-Pettersson.

Entretanto, a vice-ministra dos Transportes, Lydia Chikunga, considerou de “infeliz e injusta” a relação que tem sido feita entre o seu nome e os valores exorbitantes envolvidos na reabilitação da sua casa. “Eu nunca pedi uma remodelação de 10 milhões”.

Refira-se que o Ministério das Obras Públicas foi duramente criticado no ano passado devido ao facto de ter usado cerca de 250 milhões de randes na renovação da residência privada do Presidente Jacob Zuma, em Nkandla, na província de KwaZulu-Natal.

Quando questionado sobre o facto, Thulas Nxesi alegou, no Parlamento, que a instituição que dirige só implementou o plano concebido pela Agência de Inteligência Estatal.

Violador condenado a pena de morte na Índia

Um homem que violou em 2011 uma menina de três anos que acabou por morrer foi condenado na Índia à pena de morte. Esta é a primeira decisão apenas dez dias depois de o país ter criado a figura dos “tribunais rápidos” para os julgamentos que envolvam crimes de agressão sexual.



Texto: Redacção/Agências • Foto: AFP

O juiz que acompanhou o caso, julgado no distrito de Dwarka, a oeste de Nova Deli, qualificou o crime como o “mais horrível e diabólico” que viu em toda a sua carreira, justificando que por isso decidiu condenar o réu, de 56 anos, à pena de morte e a pagar uma multa de cerca de 1400 euros. “Esta é uma mensagem para toda a sociedade”, acrescentou Virender Bhat, citado pelo diário espanhol El Mundo.

O crime remonta a 10 de Abril de 2011, quando a menina regressava a casa, no distrito de Kapas Hera, a sudoeste de Nova Deli. A petiza foi interceptada pelo condenado, Bharat Singh, um caseiro que nesse dia estava a trabalhar sozinho e que a violou até à morte.

De acordo com as informações judiciais, a criança foi violada de forma tão agressiva que alguns dos seus órgãos internos ficaram de fora do organismo, acabando por morrer ainda antes de o acto terminar. O corpo da menina foi depois abandonado no campo. O pai da criança deu-a como desaparecida e o cadáver foi descoberto dias mais tarde devido ao odor da decomposição, adianta o jornal Times of India.

A defesa de Bharat Singh ainda tentou alegar que este não tinha qualquer intenção de matar a menina, mas de nada serviu. “Estas pessoas são uma ameaça para a sociedade e não merecem clemência”, contrapôs o juiz. E acrescentou: “Há um forte aumento dos crimes contra mulheres e em particular contra as mulheres menores de idade. Chegou o momento de a justiça ser inflexível com tais crimes e de aplicar os castigos mais severos”.

A decisão surge poucas semanas depois de uma outra violação colectiva ter indignado o

país e de ter gerado várias manifestações. Seis homens foram acusados de terem violado, durante mais de uma hora, uma estudante de medicina de 23 anos de Nova Deli a 16 de Dezembro, que veio a morrer num hospital de Singapura.

A sucessão de casos de violação acordou o país para este problema. Têm-se, por isso, multiplicado protestos para apelar às autoridades que sejam mais vigilantes e sensíveis perante o aumento dos crimes sexuais contra mulheres. Nova Deli é considerada a “capital das violações da Índia” – a cidade registou em 2011 mais do dobro de casos de agressões sexuais do que Bombaim, por exemplo – e as mulheres estão agora mais alerta quando andam na rua à noite ou nos transportes públicos.

Um olhar sobre a bola de cristal energética em Abu Dhabi

Tentar prever o sector da energia é como adivinhar o clima em Londres nesta época de aquecimento global. Mas foi isso que fizeram os delegados na Cimeira Mundial sobre a Energia do Futuro, que decorreu na capital dos Emirados Árabes Unidos.

Texto: Redacção

Entre muitas possibilidades, prevêem a emergência de novos líderes mundiais no sector, o desenvolvimento de formas inovadoras de armazenar a energia renovável e a criação de super-redes para transportá-la, tudo isso entre uma série de “enormes” desafios, nas palavras de um dos delegados.

O encontro em Abu Dhabi aconteceu durante a Semana da Sustentabilidade que também incluiu a Cimeira Internacional da Água e a assembleia-geral da Agência Internacional das Energias Renováveis. “Nunca reconhecemos aquilo que muda as regras do jogo até que, efectivamente, o faça”, disse Morten Mauritzen, presidente da ExxonMobil em Abu Dhabi. Mauritzen prevê um dia em que os Estados Unidos se converterão em exportador de

energia graças à sua tecnologia em fractura hidráulica (injecção de substâncias químicas que destroem as rochas) para extrair gás de xisto.

Como representante da maior companhia de petróleo e gás do mundo, Mauritzen afirmou que, num “conjunto de soluções integradas”, será necessário atender às necessidades da crescente população mundial, que, segundo estimativas, estará em torno dos nove biliões até 2050. Para ele, os combustíveis fósseis são parte inevitável da futura mescla energética. Porém, muitos outros delegados vêem outras possibilidades, especialmente a de um aumento no número de países que se voltarão para as fontes renováveis.

“Não precisamos de esperar por nenhuma tecnologia inovadora. Podemos começar já”, afirmou Bjorn Haugland, vice-presidente executivo e chefe do escritório de tecnologia e sustentabilidade da Det Norske Veritas (DNV), uma fundação norueguesa de gestão de riscos. Nos últimos três anos, a DNV incrementou as suas actividades contra a mudança climática, e Haugland anunciou a criação de uma nova unidade de pesquisa na Holanda sobre “redes inteligentes” e “super-redes”. Para ele, a tecnologia das baterias e das super-redes de energia é a chave para se ter êxito no desenvolvimento das fontes renováveis.

“O armazenamento tem a ver com a eficiência”, afirmou Haugland ao TerraViva. “A demanda de energia cresce e cresce, por isso, para sermos eficientes, devemos ter a capacidade de armazená-la quando a temos em quantidade suficiente e usá-la quando quisermos”,

acrescentou. Mas a tecnologia de armazenamento está a ficar atrasada em relação a outras áreas do sector “verde”. As baterias ainda são muito caras e o seu transporte continua a ser uma preocupação dos ambientalistas, explicou.

É aqui que entram as redes inteligentes. “Estas serão essenciais para a energia renovável nos próximos 20 anos”, opinou Haugland. “Vemos as super-redes a desenvolver-se na Índia, China e em algumas zonas da Europa”, acrescentou. As super-redes serão usadas para transportar grandes quantidades de energia por longas distâncias, e isto revolucionará o sector verde, porque a energia solar produzida numa região poderá ser levada para outra, enfatizou.

Cameron promete referendo sobre a UE depois de 2015



David Cameron, Primeiro-Ministro britânico, prometeu na última quarta-feira ao seu eleitorado um referendo “sim ou não” sobre a permanência do Reino Unido na União Europeia (UE), a realizar depois das próximas eleições legislativas de 2015.

Texto: Público • Foto: David Jones/PA

Num muito esperado discurso sobre a sua posição sobre a Europa, virado sobretudo para o eleitorado conservador, Cameron especificou que o referendo ocorrerá apenas se continuar como Primeiro-Ministro depois de 2015, prometendo realizá-lo no início da próxima legislatura.

Antes do referendo, o chefe do Governo britânico quer uma renegociação dos termos da participação do Reino Unido na UE, deixando implícito que quer uma devolução de algumas competências da esfera europeia para a nacional. Apesar disso, não disse que áreas tem em mente, mas frisou que os novos termos da presença do país na UE terão “o mercado interno no seu coração”.

Pelo caminho, atacou as regras de protecção social – que em sua opinião “prejudicam o mercado de trabalho” britânico –, o método de decisão comunitário “esclerosado e ineficaz”, a UE “burocrática”, “o gigantesco número de dispendiosas instituições europeias periféricas” e a Comissão Europeia que “se torna cada vez maior”.

Segundo Cameron, a sua “preferência” é convencer a totalidade da UE a mudar e a evoluir da forma que considera adequada. No entanto, se não for possível, então o país deverá renegociar com os parceiros uma situação especial para si em função dos seus interesses, defendeu.

Neste contexto, a questão que pretende colocar aos britânicos em referendo será “uma escolha real entre sair ou permanecer parte de um novo acordo no qual a Grã-Bretanha define e respeita as regras do mercado interno mas está protegida por salvaguardas justas e livre das regulamentações espúrias que prejudicam a competitividade da Europa”. A escolha será entre “ficar na UE com base nos novos termos, ou sair pura e simplesmente”. Ou seja, “será um referendo “dentro ou fora”, vincou.

Esta renegociação, disse, deverá ser concretizada no quadro da alteração dos tratados europeus que Cameron acredita que será levada a cabo pelos países da zona euro para aprofundar a integração necessária para resolver a crise da dívida.

Se conseguir o que pretende dos parceiros, Cameron

garantiu que fará campanha “com todo o (seu) coração e alma” para o país permanecer na UE. O calendário que propôs permitirá o tempo necessário “para um debate adequado e fundamentado”. “No final deste debate, o povo britânico decidirá”, enfatizou.

Ao invés, frisou, a realização do referendo imediatamente, como é pedido pelos eurocépticos do partido conservador, sobre a permanência ou saída do país da UE, “seria uma escolha totalmente falsa”.

Cameron teve o cuidado de deixar claro que uma eventual decisão de sair da UE não libertará o país do impacto das decisões comunitárias. “Se sairmos da UE não podemos obviamente sair da Europa”

que “permanecerá durante muitos anos o nosso maior mercado, e, para sempre, a nossa vizinhança geográfica”. “Estamos ligados (à Europa) por uma complexa teia de compromissos jurídicos”.

Além disso, “mesmo se saíssemos completamente, as decisões da UE continuariam a ter um profundo impacto no nosso país”. Com a diferença que “teríamos perdido todos os nossos vetos e a nossa voz nessas decisões”. Ou seja, defendeu, “teremos de pesar com muito cuidado as consequências de deixarmos de pertencer à UE e ao seu mercado interno enquanto membro de pleno direito”, frisou, sublinhando que “a permanência no mercado interno é vital para as empresas britânicas e para os empregos britânicos”.

cutting through complexity™

Serviços de Auditoria Interna

KPMG é uma empresa com bastante know how em serviços de contratação e terciarização de contratos de auditoria interna, tanto a nível local como na arena internacional. O nosso objectivo é ser líder nos mercados que servimos e, especificamente, ser o número um em reputação no mercado moçambicano.

Os serviços de Auditoria Interna da KPMG Moçambique podem ser diferenciados pelos seguintes factores principais:

- Somos a líder no mercado moçambicano em auditoria interna;
- Usamos auditorias internas estrategicamente focadas na gestão de risco;
- Temos uma equipa qualificada e experiente em auditoria interna com experiência também em auditoria local e regional;
- Temos especialização na indústria e auditores treinados em diversos sectores que vão desde telecomunicações a ONG's;
- Acesso a competências especializadas para complementar o serviço de Auditoria Interna em áreas técnicas que exigem habilidades de especialistas, como a fiscal e legal.

A KPMG tem a capacidade, competência, profissionalismo, entusiasmo e motivação para parcerias no desenvolvimento de soluções de auditoria interna que agrega valor significativo para as organizações e contribui activamente para a consecução de seus objectivos estratégicos e do negócio.

Contacte-nos!

KPMG Auditores e Consultores
Rua 1.233, nº 72C, Edifício Hollard, Maputo
Tel.: +258 21 355 200 | Fax: +258 21 313 358
E-mail: mz-fminformation@kpmg.com

Publicidade

Comunicado

Cidadão informado vale por dois tenha sempre @Verdade perto de si
www.verdade.co.mz

Os rebeldes do ‘streaming’

De smartphones em punho, estes militantes, descontentes com a cobertura dos media tradicionais, filmam manifestações e acções policiais. É a frente mediática do Occupy, os indignados dos EUA.

Texto: **Jornal Los Angeles Times, de Los Angeles** • Foto: **facebook.com**

O homem que se auto intitula CrossXBones abre caminho pelo meio da multidão. O suor brilha na cabeça rapada, um cigarro American Spirit pendente ao canto da boca e tem uma lata gigante de bebida energética presa na alça da mochila.

Centenas de manifestantes ocupam (29 de Julho de 2012) o parque de estacionamento em frente da esquadra da polícia de Anaheim, perto de Los Angeles. Várias cargas policiais com tiros, durante o Verão, provocaram a cólera nos bairros densamente povoados do centro da maior cidade do distrito de Orange. Agora, cercados por uma unidade de polícia a cavalo, os manifestantes rabiscam mensagens a giz e gritam palavras de ordem contra as autoridades.

CrossXBones, nome que o cidadão Sky Adams usa na Internet, não está ali como os outros. Em vez de um cartaz ou giz, usa um smartphone e um auricular. Graças à sua ligação de banda larga, está em contacto com centenas de pessoas. Adams passa a ser os seus olhos e ouvidos naquela manifestação.

“Não sou um activista, sou jornalista”, explica. No entanto, tem mais pontos em comum com estes activistas, indignados com o comportamento dos altos responsáveis da finança, da política ou da polícia. Aos 35 anos, decidiu largar o seu emprego de programador de informática. Garantia-lhe uma certa estabilidade, mas não lhe dava satisfação pessoal. Agora, está em constante movimento e coloca-se em situações tão difíceis que, muitas vezes, anda de máscara de antigás no bolso e capacete à cintura.

A sua nova vida obriga-o a estar na linha da frente dos movimentos de protesto. Adams deu aos internautas uma perspectiva diferente da intervenção da polícia, quando, em Novembro de 2011, esta desalojou do relvado da Câmara Municipal de Los Angeles os últimos indignados do movimento Occupy LA.

Fez o mesmo durante os protestos de Chicago à margem da cimeira da NATO e nas manifestações de Oakland do movimento Occupy, perto de São Francisco. Mais recentemente, em Anaheim, filmou os manifestantes a partirem os vidros de um centro comercial e a incendiarem caixotes de lixo, bem como a resposta da polícia, traduzida em tiros de balas de borracha.

Alguns dias depois, numa tarde de domingo, a poucos quarteirões dos locais onde tinham ardido fogueiras, Theresa Smith, cujo filho foi morto pela polícia, implorava à multidão que parasasse com a violência. “Não estou a pedir, estou a exigir!”, gritava por um megafone. Adams estava muito perto dela, entalado entre os manifestantes e as câmaras dos órgãos de informação tradicionais. CrossXBones transmitia as suas imagens em directo.

Reportagem militante

Adams é um daqueles “jornalistas de rua” cuja paixão nasceu nos acampamentos de indignados que surgiram no ano passado um pouco por todos os Estados Unidos, na sequência do movimento Occupy Wall Street (OWS). Desde então, estes streamers vão de manifestação em manifestação para darem o que consideram ser uma visão não filtrada do desenrolar dos acontecimentos. Graças às tecnologias actuais, podem transmitir os seus vídeos usando apenas um smartphone, uma ligação 3G e uma bateria com suficiente autonomia.

A maior parte desses streamers não tem nenhuma formação formal nem experiência em jornalismo. Alguns fazem comentários e insultam as autoridades. Mas outros respeitam o princípio da imparcialidade jornalística, com uma narração mínima.

“É mais uma ferramenta e a tecnologia é neutra. Não faço parte do projecto deles”, considera Tim Pool, que começou a praticar streaming no Zuccotti Park de Nova Iorque, onde se iniciou o movimento Occupy Wall Street. “É um meio de recolher informações e abrir uma janela para coisas que talvez preocupem as pessoas.”



Pool, de 26 anos, diz que milhões de pessoas o seguiram na sua plataforma Timcast. A certa altura do OWS, cerca de 750 mil pessoas estavam atentas aos seus vídeos. Considera-se jornalista ao serviço de um projecto social. Como outros streamers, entrou nesta actividade por aversão à cobertura feita pela comunicação social tradicional. Durante o movimento Occupy Wall Street, recorda, uma estação televisiva mostrava apenas vagabundos esfarrapados, enquanto outra só filmava profissionais bem vestidos. “Os manifestantes são pessoas como tu e eu. Porque não mostram isso?”

Sob alguns aspectos, o desagrado é mútuo; mas criou-se uma relação simbiótica entre os streamers e os jornalistas profissionais. Ainda que os repórteres tendam a encarar com cepticismo estes cidadãos de telemóvel em punho que se autodenominam jornalistas, isso não invalida que não recorram aos sítios dos streamers ou que alguns canais de TV não ponham no ar as suas filmagens.

Donativos não são suficientes

Tim Pool, que deixou Nova Iorque e foi para Los Angeles no início deste ano, desistiu de aceitar donativos de que muitos streamers dependem -, porque acha que esse modo de financiamento não é sustentável. Procura outras maneiras de financiar o seu trabalho. “Neste momento, estou a queimar as minhas poupanças para fazer isto. Felizmente, tenho poucas despesas.”

Na véspera da manifestação de 29 de Julho, como todas as manhãs de sábado, o Stoddard Park, em Anaheim, estava cheio de crianças a jogar futebol. Um punhado de streamers, experientes e aspirantes, reuniu-se numa colina sombreada para participar numa formação sobre streaming. “É uma arma poderosa e não letal”, dizia uma streamer de Los Angeles que se auto-intitula Freedom (Liberdade).

Freedom, Adams e um streamer de Oakland passaram em revista os aspectos mais importantes: configurar contas no Twitter e no Ustream, o sítio que serve de plataforma aos streamers; certificar-se de que as baterias estão carregadas, porque se não estiverem, duram, no máximo, 90 minutos.

Outra recomendação é que os filmes terão uma vida útil mais longa se forem cortados em sequências curtas, colocadas no YouTube e noutros lugares da Net; por isso, é importante fazer uma pausa de duas em duas horas, senão o ficheiro fica demasiado pesado para poder ser visionado.

O mundo dos streamers é pautado pelo medo e pela desconfiança. Freedom recusa-se a dar o nome verdadeiro desde que recebeu ameaças à sua segurança. Os novatos são incentivados a proteger os telemóveis com uma senha, para o caso de lhes serem confiscados pela polícia ou roubados, como aconteceu com Freedom, em Oakland.

Freedom e Adams encontraram-se no Occupy LA. Ele emprestou-lhe a bateria. Adams, que vive em Studio City (Califórnia), começou a praticar streaming no Outono de 2011, quando assistia ao início do movimento em frente da Câmara Municipal de Los Angeles. “Senti que a comunicação social não estava a passar muita da informação”. Então, deixou o seu emprego numa companhia de seguros para fazer a cobertura dos protestos. “Senti que estava a fazer uma coisa importante.” Agora, vive de donativos de quem assiste aos seus vídeos; mas isso nem sempre permite fazer face às despesas.

Naquela tarde de domingo, Adams não foi o único a preparar-se para o pior. Entre os cerca de 300 manifestantes que se concentravam no estacionamento em frente da esquadra da polícia de Anaheim, na rua e no relvado da biblioteca pública adjacente, muitos levavam máscaras antigás e estojos de primeiros socorros. Os polícias vestiam fatos antitoxina e até os cavalos usavam viseira de protecção.

Adams veste-se como um profissional do movimento OWS: camisa cor de vinho, gravata,

colete e brinco no nariz. Ao peito, um crachá a dizer WAR? (Guerra?).

“E há mais aqueles tipos nos telhados”, comenta, apontando para os polícias no alto do edifício da esquadra e de um banco do lado oposto da rua.

Uma espécie de teatro de intervenção

A multidão, cada vez mais numerosa, está enraivecida, mas os manifestantes acatam o apelo à calma de Theresa Smith. Adams filma durante duas horas e faz uma pausa. “Vou arquivar estas filmagens e já volto”, diz para o seu auricular.

Enquanto espera que os vídeos sejam transferidos, acende um cigarro e oferece outro a um desconhecido que passa. Adams, que estudou teatro, considera que o streaming não é muito diferente do trabalho de palco: “Tem elementos de representação do teatro de intervenção”. A multidão começa a deslocar-se e ele reinicia rapidamente a filmagem. “Os manifestantes vão para o sul”, comenta. “Parece que vão para a Disneylândia.”

Centenas de pessoas avançam pelo meio da rua, bloqueando o trânsito e gritando palavras de ordem contra a polícia. Adams corre ao lado deles até um sinal vermelho. Os manifestantes atravessam a rua, mas Adams espera que o semáforo passe a verde. Não convém apanhar agora uma multa (por infracção à lei dos peões), “É que sou um bom alvo”, lembra, com prudência.

Os manifestantes andam mais de um quilómetro antes de serem encurralados pelas autoridades e escoltados para a esquadra. Adams, de rosto quase tão vermelho como a camisa, avança para o separador central e corre ao lado dos manifestantes, a filmar. São cada vez menos numerosos e os que restam estão exaustos. As palavras de ordem mal se ouvem.

O grupo que se comprimia diante da esquadra, há umas horas, está agora a descansar à sombra das árvores. Adams continua a filmar, ao mesmo tempo que fala para o auricular. CrossXBones continua a emitir em directo.

Na Web Revolução em Directo

O sítio de Sky Adams, que se apresenta como CrossXBones, um dos streamers citados no artigo, está hospedado na Ustream. Lançada em 2007, esta rede pode transmitir vídeos em directo na Web. Os internautas conseguem, assim, acompanhar em tempo real debates políticos, acontecimentos desportivos ou manifestações. Tim Pool, por seu lado, criou a plataforma Timcast para hospedar os seus próprios vídeos. Graças a esta ferramenta interactiva, mantém-se em contacto permanente com o seu público quando faz a cobertura de um acontecimento.

Voleibol de Praia: Maputo cidade domina o “Nacional”

Decorreu no último fim-de-semana (dias 19 e 20), na capital do país, Maputo, a edição 2013 do Campeonato Nacional de Voleibol de Praia. O certame, disputado em quatro categorias, foi marcado pelo domínio total da cidade de Maputo que revelou o seu alto nível competitivo em relação às restantes províncias do país. Entretanto, houve também o registo de alguns detalhes que mancharam o evento, organizado pela Federação Moçambicana de Voleibol.

Texto: David Nhassengo • Foto: Miguel Manguzeze

Foram dois dias de uma verdadeira festa de voleibol, cujas partidas tiveram lugar na praia da Miramar, na cidade de Maputo. A Federação Moçambicana de Voleibol (FMV) conseguiu agregar naquele local 60 atletas nacionais, divididos em trinta duplas, em representação de nove províncias, nomeadamente Cabo Delgado, Nampula, Zambézia, Manica, Sofala, Inhambane, Gaza, Maputo província e cidade.



A prova foi disputada em quatro categorias, designadamente seniores masculinos e femininos, e juniores, também em ambos os sexos. Dado interessante é que esta foi a primeira vez que a FMV

organizou o certame abrangendo o escalão júnior.

Ao todo, para a realização deste campeonato, a

continua Pag. 24 ➔

Desporto em Nampula sem infra-estruturas

A cidade de Nampula enfrenta sérios problemas no tocante a infra-estruturas desportivas, facto que tem influído de forma negativa na massificação de algumas modalidades, ainda que haja vontade por parte dos promotores de ver o problema resolvido. A situação é mais gritante nas zonas suburbanas, onde é visível a inexistência de campos para a prática do desporto.

Texto & Foto: Redacção

Das poucas infra-estruturas existentes até ao início do actual mandato de Castro Namuaca, edil de Nampula, algumas, de noite para dia, transformaram-se em mercados, e outras foram cedidas a terceiros para a construção de habitações, centros turísticos, mesquitas, estabelecimentos comerciais, etc.

Hoje, os bairros existentes na cidade de Nampula não dispõem de espaços para a prática de desporto, sobretudo para o futebol, onde, em tempos idos, quase todos tinham campos, facto que permitiu o surgimento de vários talentos que marcaram a história do futebol moçambicano, com destaque para Paulito, Babai, Duda, Zé Augusto, Mabero, Rui Évora, Aly e Sataca.

Por outro lado, persiste ainda uma manifesta invasão dos campos por parte da população, que constrói residências ou transforma-os em mercados, com a convívência de alguns secretários de bairros e quadros seniores do município.

No que diz respeito às zonas de expansão, o cenário não é diferente, embora existam, de forma isolada, áreas para a prática de actividades desportivas. Aliás, dos planos de ordenamento territorial lançados até finais de 2011, apenas o bairro de Marrere-expansão é que incluiu zonas para tal.

Os amantes de modalidades que são praticadas em pavilhões como o são os casos do basquetebol, andebol, patinagem e futsal, só podem recorrer ao Clube Ferroviário de Nampula, que possui dois espaços, nomeadamente o Pavilhão dos Desportos e o Campo Polivalente, vulgarmente conhecido por Campo Velho. Todavia, existem outras infra-estruturas deste tipo, como, por exemplo, o campo da Escola Secundária de Muatala, bem como o próprio Campo Verde do Conselho Municipal.

“O governo provincial nunca se mostrou disponível para a resolução deste problema”, João Salatiel, presidente da associação provincial de voleibol

Contactados pelo @Verdade, alguns desportistas, com particular atenção aos da modalidade de salão, confessaram ser quase impossível a utilização dos locais acima mencionados devido à burocracia. João Salatiel, presidente da Associação Provincial de Voleibol, a única modalidade que honrou a província com a conquista do Campeonato Regional da Zona 6, mostrou-se indignado com a situação precária a que Nampula está votada.

“Temos muitos problemas para praticar o voleibol em Nampula, sobretudo quando se trata de massificação. Por falta de campo, somos obrigados a recorrer ao Salão Verde do Conselho Municipal de Nampula, que nem sempre tem estado à disposição devido ao facto de



acolher diversas cerimónias da edilidade. O campo da Escola de Muatala, por sua vez, nos obriga a ter transporte de modo a movimentar os atletas e técnicos até lá” disse a fonte, para a seguir acrescentar que “a equipa da Autoridade Tributária, aquela que vai representar o país no Campeonato Africano de Egipto, só para treinar, os atletas e a equipa técnica são obrigados a deslocar-se todas as semanas à vila de Namialo, que dista cerca de 90 quilómetros da cidade capital, cujo transporte é pago pelos próprios atletas”.

Salatiel afirmou ainda que “tentámos várias vezes entrar em contacto com o governo provincial, através da Direcção Provincial da Juventude e Desportos, no sentido de prestar algum apoio, através do Fundo de Promoção Desportiva, ou mesmo uma intervenção para que seja possível a utilização do Pavilhão dos Desportos, mas debalde. Ele nunca se mostrou disponível”.

“Os clubes só priorizam o futebol”, Carlos Tomo, basquetebolista

Por sua vez, Carlos Tomo, basquetebolista, revelou que a falta de infra-estruturas desportivas na cidade de Nampula “é agravada pelo facto de alguns clubes históricos da província, com destaque para o Benfica e Sporting, estarem apenas a dar prioridade ao futebol, relegando para último plano as modalidades de salão”. Aliás, eles dispõem de campos para a prática do desporto de salão, faltando apenas efectuar algumas obras de reabilitação.

“Temos sérios problemas de campos de basquetebol. Os poucos salões existentes não têm tabelas e outros precisam de intervenções profundas. O Pavilhão dos Desportos é o único local com condições para a realização de competições, porém, para a nossa tristeza, tem sido ocupado para eventos que só geram receitas para o município. Por outro lado, sentimos que não há abertura do governo provincial para massificar o basquetebol, a partir da própria Direcção Provincial de Juventude e Desportos, que por várias vezes recusou falar sobre o assunto”, declarou ao @Verdade Carlos Tomo, para a seguir sentenciar: “Não vamos acabar com o basquetebol, continuaremos a explorar os poucos recursos de que dispomos para tornar esta modalidade possível”.

Importa referir que, ainda neste ano, a cidade de Nampula ficou com menos duas infra-estruturas desportivas, nomeadamente o campo polivalente de Napipine, que acolhia actividades de massificação para as modalidades de salão, e o campo de futebol (de onze) do Bairro de

Muatala. Os referidos recintos ficaram parcialmente destruídos devido às intensas chuvas que se fazem sentir um pouco por todo o país.

O Centro Hípico, localizado algures do bairro de Carrupeia, propriedade da Polícia da República de Moçambique, foi encerrado e transformado em centro policial, enquanto o campo de treino da extinta equipa do Estrela Vermelha tem sido “engolido” por construções de barracas.

Campo Municipal sem condições para acolher provas de alta competição

O único campo municipal de que a edilidade dispõe, o Estádio 25 de Setembro, que acolhe as provas de atletismo, encontra-se em elevado estado de degradação e sem condições para receber qualquer que seja a prova de alta competição. Ainda assim, porque “na falta do melhor o pior serve”, como diz o adágio, o mesmo recinto tem sido palco do Campeonato Provincial de Futebol, vulgo Nampulense, e algumas provas de atletismo.

Num passado recente, o próprio município surgiu publicamente a revelar que dos estudos feitos com vista à reabilitação desta infra-estrutura desportiva, ficou concluído que o custo ultrapassava a sua capacidade, tendo deliberado, no lugar de uma reabilitação, a entrega daquele espaço em troca da construção de um novo estádio.

Obras de construção do novo campo municipal a meio gás

No acto do trespasse do Estádio 25 de Setembro ao Grupo Royal Plastics, foi lançada em Agosto de 2010 a primeira pedra para a construção do novo campo municipal, localizado a cerca de 10 quilómetros da cidade de Nampula, na estrada que liga Nampula aos distritos de Angoche e Moma. Na verdade, as obras só arrancaram noventa dias depois, cujo término estava previsto para Agosto de 2012.

A inauguração estava marcada para 22 de Agosto do ano passado, nas festividades do dia da cidade, evento que não chegou a acontecer. Na visita efectuada pela nossa equipa de reportagem ao local, ficou claro que está apenas concluído o campo polivalente, decorrendo, neste momento, obras de acabamento da tribuna de honra, bancadas, balneários, restaurantes e do parque de estacionamento.

Desporto

Futebol: É de pequeno que se torce o pepino

No coração do bairro George Dimitrov, também conhecido por Benfica, na periferia da cidade de Maputo, mora uma tradição que roça a diversão: jogar futebol. No entanto, não é uma prática qualquer, como o leitor pode cogitar. É, na verdade, uma actividade de longa data, responsável pelo surgimento de novos talentos do futebol moçambicano.

Nesta semana, o @Verdade visitou aquele bairro com o objectivo de conhecer a equipa juvenil de George Dimitrov, que há anos descortina craques para os clubes nacionais.

Texto: David Nhassengo • Foto: Miguel Manguze

Na altura da visita do @Verdade, o conjunto de George Dimitrov encontrava-se em período de preparação para mais um jogo do campeonato infanto-juvenil, vulgo Bebec, da capital do país. À hora em que a nossa equipa de reportagem se fez presente ao local, apenas parte da equipa estava presente, uma vez que com o início do período lectivo, a outra encontrava-se ainda na escola.

É um conjunto constituído por meninos de até 12 anos de idade. Este tecto etário, para além de ajudar no processo de aprendizagem dos toques básicos da bola, permite à equipa participar nos diversos torneios juvenis organizados localmente, como é o caso do Bebec. Aliás, é aqui onde eles começam, junto de amigos, a jogar futebol antes de “espreitar” as principais formações do futebol moçambicano.

O período de existência deste conjunto do bairro transcende a memória do próprio treinador, João Cumbe, no comando do mesmo há sensivelmente nove anos, tendo, segundo narra, chegado apenas para dar continuidade ao trabalho que vinha sendo realizado pelo seu antecessor. Entretanto, com nostalgia, lembra-se de que foi aqui que nasceram as referências da actualidade quando se ousa falar de futebol no país: Manuelito II (Costa do Sol), Kito (Maxaquene), Gitinho (Clube do Chibuto), Lanito (Desportivo), Josué (Ex-Desportivo) e Avelino (Ex-Costa do Sol).

Esta equipa juvenil é constituída por um total de 21 jogadores. Porém, neste momento, devido ao facto de estar a participar num torneio competitivo, apenas 15 estão disponíveis, por diversas razões tais como a mudança de residência por se tratar de um período de férias, para além do próprio limite de inscrições imposto pelo certame.

Destes 15, apenas três têm 11 anos de idade e o restante grupo está no limiar da idade: 12 anos.

A formação

Mais do que uma equipa, este conjunto está diante de um autêntico centro de formação de futebol. É ali onde cada um dos atletas começa a jogar de forma regrada, inserido dentro de um grupo unido. Os jogadores são de diversas zonas do Distrito Municipal KaMubukuane, maioritariamente encontrados a jogar na rua. Poucos são, no entanto, os que chegaram por iniciativa dos próprios pais.

A questão do limite da idade é seguida ao extremo, de modo a garantir a progressão dos jogadores, no período “pós-Dimitrov”. É que, segundo a explicação de João Cumbe, a um jogador é recomendável que se torne federado aos treze anos, visto que depois dessa idade pouco ou nada terá de aprender no que ao básico sobre o futebol diz respeito.

Para a formação da equipa final do bairro é realizado um torneio entre zonas com vista a apurar os melhores, numa prova constituída por um mínimo de seis equipas, ou seja, divide-se o total das crianças disponíveis em seis grupos.

Depois de encontrada a equipa final, segue-se um período de treino como se de um clube se tratasse, mas com um objectivo: participar em diversos torneios, sendo o Bebec o mais regular e visível de todos, e que se disputa entre os meses de Dezembro e Janeiro.

Este torneio, para além de simbolizar o ponto máximo em termos de competição para cada jogador, serve de chamariz para os clubes federados do país buscarem os novos talentos para enriquecer as suas escolas de formação, alimentando, deste modo, as equipas dos seus escalões inferiores.

O Desportivo de Maputo é, regra geral, o maior destinatário destes talentos gerados pelo bairro George Dimitrov porque o técnico João Cumbe é também treinador dos iniciados daquele clube. Isto não impede que os outros clubes apresentem propostas, mas o Desportivo de Maputo é o prioritário.

Evertek Futebol Clube na rota

Um dos constrangimentos que se coloca a esta equipa do bairro George Dimitrov é a falta de enquadramento dos jogadores nos



clubes federados depois de ultrapassarem os doze anos de idade. A frustração é tanta que alguns chegam até a abdicar do futebol, primeiro, por estarem impedidos de brilhar no Bebec e, segundo, por não terem mais espaço para provarem o seu talento na equipa.

Este erro, diga-se, foi sempre cometido desde que existe aquela equipa juvenil do bairro. Como forma de estancá-lo, decidiu-se, com o apoio de uma empresa, criar-se um clube local de futebol, designado Evertek Futebol Clube.

Na altura da fundação, ficou decidido que o mesmo não ia acabar com o “projecto” da equipa juvenil do bairro, mas que serviria de destino para os jogadores com idades superiores aos doze anos e sem sorte nos clubes tidos como grandes.

Dado curioso é que a empresa proprietária do Evertek FC é também patrocinadora daquela equipa juvenil, oferecendo quase sempre material desportivo como equipamentos e bolas, garantido transporte durante os eventos desportivos, arcando, por outro lado, com as despesas correntes da equipa.

“É muito difícil e caro ser treinador em Moçambique”

A equipa do @Verdade entrevistou na mesma ocasião o treinador da equipa juvenil de George Dimitrov, João Cumbe. Apesar dos seus 29 anos de idade, foi jogador de futebol, tendo abandonado os campos muito cedo para abraçar a carreira de treinador. Ele, tal como muitos, não precisou – inicialmente – de formação específica de treinador para saber orientar uma equipa de futebol.

@Verdade – Com que idade e em que circunstâncias se tornou treinador de futebol?

João Cumbe – Aos 17 anos de idade. Tudo começou quando, devido ao facto de só poderem participar nos Jogos Escolares atletas com até 16 anos de idade, fui convidado por um professor da Escola Primária Completa de Infulene-Benfica para seu treinador-adjunto, visto que eu conhecia mais as equipas adversárias, podendo transmitir a minha experiência.

@V – Não acha que foi prematuro?

JC – As circunstâncias assim exigiram e o destino foi traçado. Achei interessante o papel de treinador e decidi investir nele. Eis-me aqui.

@V – E qual foi o percurso até chegar aqui?

JC – Depois de ter assumido as funções de treinador-adjunto daquela escola, fui chamado pelo Desportivo de Maputo para trabalhar num dos seus núcleos, pois o clube tinha várias equipas de iniciados espalhadas pelos bairros, tecnicamente designadas por núcleos. Assumi o comando do núcleo do bairro George Dimitrov.

Sem deixar de pertencer às fileiras do Desportivo, por ser um trabalho contínuo, o da formação de jogadores, decidi em 2004 abraçar o projecto juvenil do bairro, com vista a participar na edição daquele ano do torneio Bebec. De 2005 a 2007 orientei também a equipa da Escola Secundária Zedequias Manganhela nas provas da Copa Coca-Cola.

@V – Assumindo que não abandonou o Desportivo de Maputo, viu-se então obrigado a abdicar da equipa juvenil do bairro George Dimitrov para assumir o comando da equipa da Zedequias Manganhela?

JC – Não. As competições decorriam em intervalos intercalados e nunca no mesmo período. Pode parecer incrível, mas quando conhecemos as nossas capacidades tudo é possí-

vel. Até porque essas equipas só são treinadas para competir num torneio específico.

@V – Qual é a sensação de trabalhar com equipas juvenis?

JC – É um trabalho muito difícil. Requer muita paciência porque se trata do nível básico da formação de um jogador. Se um jogador for mal instruído nesta fase, ele fica condenado a ser um péssimo atleta para o resto da carreira. Tudo parte deste princípio.

@V – Já passou pela formação de treinadores?

JC – Sim, embora não tenha completado. Fiz até ao nível dois, como também participei em vários workshops e seminários de capacitação de treinadores de formação.

@V – E porque não volta à escola?

JC – É muito caro ser treinador de futebol neste país. Se no meu caso um clube ou alguém se solidarizar comigo, continuarei assim e a trabalhar nos moldes em que estou. Repare, na Academia Mário Esteves Coluna o nível mais baixo para a formação de um técnico de futebol custa 7.500 meticais, com duração de 15 dias.

E não falo somente de mim. Há muitos treinadores de formação neste país sem formação básica. Ademais, nós trabalhamos na base e fazemo-lo mais por amor à camisola do que necessariamente por dinheiro, que nem sequer recebemos.

@V – Com este cenário todo, pensa um dia em abandonar o futebol?

JC – Como disse, continuarei a trabalhar nos moldes em que estou. Mas se um dia surgir uma proposta melhor e que me obrigue a abandonar o futebol, não pensarei duas vezes.

Neste momento não ganho nada. Trabalho apenas por amor à camisola. Por exemplo, regularmente, a cada ano, realizo torneios seniores de futebol aqui no bairro, como forma de ocupar os jovens e o que ganho com isso? Nada.

@V – Durante estes 12 anos em que é treinador, sobretudo dos escalões de formação, qual é o jogador que se encontra no futebol federado e que tenha passado pelas suas mãos?

JC – Ao longo do meu percurso trabalhei com muitos miúdos que hoje são craques do futebol moçambicano. Posso destacar o Telinho que na temporada passada representou a Liga Muçulmana e foi bicampeão nacional; O Dêrcio Matine do Desportivo de Maputo e o Arsénio, que neste momento milita na equipa júnior dos alvinegros.

@V – Que momentos de sucesso guarda na memória?

JC – Finalista vencido do Bebec em 2012 depois de ser campeão em 2007; em 2011 vencedor dos torneios de abertura do Campeonato da Cidade de Maputo de juvenis e o “africanito” entre bairros.

@V – Fonte de inspiração?

JC – Calton Banze, uma individualidade que sempre me incentivou a trabalhar na descoberta e formação de novos talentos.

Desporto



agregação, sob a direcção de Camilo Antão, gastou cerca de 400 mil meticais que, segundo ele, deviam ser desembolsados por um patrocinador que à última hora se mostrou indisponível. Apesar disso, em duas semanas, a FMV conseguiu encontrar novos patrocinadores para tornar possível o evento.

Um dado que chamou a atenção da nossa equipa de reportagem, logo à primeira, foi o da falta de transporte para os atletas, alguns dos quais foram obrigados a percorrer as distâncias que separam os campos de jogos dos locais de acomodação a pé. Não houve, também, lanche e água, o que contribuiu para o desgaste físico de alguns jogadores, sobretudo os das províncias, que chegavam à praia da Miramar por volta das nove horas, para dali só saírem depois dos jogos, a meio da tarde.

O domínio de Maputo em juniores

No que diz respeito à competição, mais uma vez aconteceu o habitual: a cidade de Maputo amealhou

todas as medalhas que estavam em disputa, mantendo, deste modo, a hegemonia.

Em juniores femininos, dos sete pares inscritos, apenas três eram de fora da cidade de Maputo e dois foram agregados no mesmo grupo. Ainda assim, as três duplas passaram despercebidas, fazendo com que as meias-finais fossem disputadas somente por equipas da capital.

Nesta fase, as quatro duplas deram muito de si e obrigaram a que os confrontos fossem ao terceiro set para que se pudesse encontrar os finalistas. A dupla Lizi e Fauzia ficou pelo caminho diante de Vanessa e Delmira, o mesmo que sucedeu à dupla Júlia e Anabela, que, apesar de ter vencido o primeiro set, escorregou no segundo, e depois perdeu no terceiro e último diante da dupla Elisa e Caclucha.

A final não passou de uma passeata para Vanessa e sua companheira, que com muita facilidade derrotaram a dupla adversária pelos parciais 21 – 14 e 21 – 11.

Já em masculinos, ainda que quatro das oito duplas proviessem das restantes províncias, o cenário das meias-finais não podia fugir à regra. A dupla Ernesto e Vanilo suou bastante para chegar à final, derrotando Agostinho e Alfredo, por 2 a 1. Na outra partida, a dupla Oliveira e Aldo venceu a dupla Lourenço e Armando por 2 a 0.

A final começou com indicações claras de vitória de Ernesto e Vanilo quando, logo no primeiro set, venceu por 21 a 9. Oliveira e Aldo ainda despertaram no segundo, aproveitando-se de uma distração do adversário para forçar a um terceiro sete.

Contudo, não tiveram “estômago” suficiente para deter a tarde inspirada da dupla Ernesto e Vanilo que venceu por 15 a 13, conquistando, dessa forma, o Campeonato Nacional de Voleibol de Praia em juniores masculinos.

Surpresas e regularidade marcaram os seniores

A maior emoção desta competição foi vivida nos jogos dos seniores, em ambos os sexos. Se em masculinos o ranking foi seguido à letra, já na classificação geral, em femininos, a história foi diferente.

A dupla do topo, composta por Délcio e Justino, foi a invicta do certame, conquistando a prova depois de aplicar uma derrota na final a Litos e Macamo, por

2 a 0, com os parciais 21 – 13 e 21 a 18.

Em terceiro ficou a dupla Nito e Sílvia que no ranking também ocupa a terceira posição, atrás de Litos e Macamo. Tomás e Archer ficaram em quarto lugar após uma derrota sofrida no jogo da atribuição do terceiro lugar, por 1 a 2, com os parciais de 21 – 23, 21 – 19 e 10 – 15.

A grande surpresa deu-se em femininos, prova em que o par que actualmente ocupa a sexta posição no ranking da FMV, Sátira Chongo e Joaquina Roque, derrotou na final a dupla do topo as irmãs Amélia e Rezia Cumbi, por 2 a 0 com os parciais de 21 – 18 e 21 – 10. A terceira posição foi ocupada pela dupla Guilhermina Cossa e Hortência João, após derrotar por 2 a 1 Julieta Malate e a companheira Maria Cossa.

Aos vencedores, para além de medalhas (que não chegaram aos seniores masculinos) e as respectivas taças, coube um prémio monetário de 15 mil, 10 mil e 5 mil meticais para o primeiro, segundo e terceiro classificados, respectivamente, em seniores, e 7 500, 5 mil e 3 mil em juniores.

“O campeonato decorreu sem sobressaltos”

Camilo Antão, presidente da Federação Moçambicana de Futebol, falando ao @Verdade, ignorou todos os problemas reportados durante o evento, como, por exemplo, a falta de medalhas para os vencedores seniores masculinos, lanche e transporte, tendo afirmado que “não houve sobressalto durante o evento, apesar de o principal patrocinador se ter retirado no fim do ano passado”.

No tocante às diferenças de nível competitivo entre as duplas que representam a cidade de Maputo e as dos restantes pontos do país, Camilo Antão destacou o trabalho sério que tem sido feito na capital do país, e recomendou às outras províncias que sejam regulares nas competições e que “proveitem bastante os espaços existentes, pois o voleibol de praia não se pratica somente na praia, mas também onde há areia”.

A fonte avançou ainda que o voleibol nacional não vai esmorecer depois deste campeonato e que a partir desta semana “vamos trabalhar com o objectivo de chegar aos Jogos Olímpicos de 2016, no Rio de Janeiro, Brasil”.

O próximo campeonato nacional está marcado para o início do próximo ano.



Sátira Joaquim

“Não foi fácil. Há que reconhecer o mérito dos adversários. Mas é um facto que nós fomos mais rotativas antes de chegar ao campeonato e durante os jogos fomos eficientes. Há que lamentar apenas o facto de a competitividade ser apenas entre equipas da cidade de Maputo. Acho que as representantes das províncias podiam esforçar-se mais, competindo com regularidade, a bem do nosso voleibol”.



Justino Tovela

“Estou satisfeito por ter conquistado mais um título, o sexto da minha carreira. Mas não diria o mesmo em relação aos prémios, sobretudo no que diz respeito ao valor monetário. Nos anos anteriores, os vencedores recebiam sempre trinta mil meticais e neste ano deram-nos apenas 15 mil. Por este motivo, o campeonato foi, quanto a mim, uma autêntica desilusão. Estou decepcionado”.



Vanilo Orlando

“Para mim foi uma grande honra estar aqui a representar a cidade de Maputo, e ser o campeão nacional. Mas, acima de tudo, foi bom competir com atletas provenientes de diferentes pontos do país. O que gostaria de ver neste país, na verdade, é o desenvolvimento do voleibol com o Camilo Antão fora do poder. Ele é uma figura que não ajuda em nada. Por exemplo, não tivemos nem transporte nem direito a lanche. Entretanto, tivemos de chegar aqui por volta das oito horas para sair depois das 16 horas, o que é um absurdo”.



Vanessa Muianga e Delmira

“Sinto-me feliz por ter vencido a competição. Não foi fácil, mas nestes certames vencem sempre os que estiverem bem. Eu e a minha companheira viemos preparadas e soubemos estar. Vencemos! Sobre o campeonato temos apenas a lamentar a falta de algumas condições, tais como transporte, água, lanche e cuidados médicos. Nós não vamos parar por aqui e queremos continuar a trabalhar para atingir o topo do voleibol”.

Comunicado

Cidadão informado vale por dois tenha sempre @Verdade perto de si
www.verdade.co.mz

Desporto

CAN2013 começou com empates

Iniciou no último sábado, na vizinha África do Sul, a vigésima nona edição do Campeonato Africano de Futebol (CAN), evento que decorrerá até ao próximo dia 10 de Fevereiro. Apesar de a cerimónia de abertura ter sido apresentada com pompa e gala, e que teve o National Stadium (Soccer City) como palco, houve falta de espectáculo nas quatro linhas.

A selecção anfitriã, a África do Sul, foi a primeira a entrar em cena para defrontar a estreante numa fase final do CAN, a sua congénere do Cabo Verde. Foi um jogo fraco e carente de tudo, com as duas equipas preocupadas em defender do que em jogar ao ataque.

Em termos de oportunidades de golo, melhor esteve a selecção lusófona, à qual faltou sorte na hora da finalização. O nulo prevaleceu até ao minuto final da partida, para a decepção não só dos caseiros, como também de uma África inteira que esperava um bom início do CAN, como tem sido tradicional.

Inserido ainda na ronda inaugural do grupo A, nem o Marrocos, nem Angola quiseram aproveitar o empate do primeiro jogo entre a África do Sul e Cabo Verde para assaltar a liderança do grupo. Muito pelo contrário, acentuaram o tom da voz dos que consideram que estamos perante o pior início de uma fase final do CAN de sempre.

As duas equipas protagonizaram um jogo monótono, que deixou transparecer o seu despreparo para esta competição. Zero a zero foi também o resultado final, deixando tudo em aberto para a segunda jornada.

Black Stars estenderam o tapete para o Mali passar

Os primeiros golos foram marcados já no segundo dia do evento. Para quem se decepcionou no primeiro, cinco tentos foram suficientes para esquecer a abertura, em apenas dois jogos. A sensacional selecção do Ghana entrou determinada diante da República Democrática do Congo, na primeira partida do grupo, na qual o trinco do Udinese, Emmanuel Agyemang-Badu, escreveu o seu nome na história do evento ao assinalar o primeiro golo.

Porém, o confronto terminou empatado a dois golos, depois de o Ghana ter estado a vencer por dois a zero até ao minuto 54, com o segundo golo a ser apontado por Kwadwo Asamoah. Os tentos dos congoleses foram da autoria de Trésor Mputu Mabi e Mbokani, sendo que o último foi obtido na cobrança de uma grande penalidade à passagem do 69º minuto.

O Mali, por sua vez, soube tirar proveito do empate para adiantar o passo rumo à fase seguinte, ao vencer o Níger, por 1 a 0, com golo de Seydou Keyta, aos 84 minutos.



Drama e empates ao terceiro dia

O Mbombela Stadium, na cidade de Nelspruit, viveu momentos dramáticos de futebol na segunda-feira. O primeiro foi às 17 horas, quando a actual detentora do título, a Zâmbia, entrou em campo para defrontar a até então incógnita selecção da Etiópia.

Mas a partir do primeiro minuto nada demonstrou a diferença de nível entre as duas selecções. Antes pelo contrário, houve um jogo bem disputado, rápido e táctico, que não deu tréguas aos dois sistemas defensivos montados para o confronto.

A equipa da Etiópia foi a primeira a dar indicações claras de querer sair com os três pontos, mas viu o guarda-redes Mweene defender uma grande penalidade. Logo a seguir, na resposta, ao minuto 35, Tassew, guardião das redes etíopes, viu a cartolina vermelha ao parar violentamente a progressão de Chisamba.

Aproveitando-se do desfalque da equipa adversária, já no minuto final da primeira parte, Mbesuma, do Orlando Pirates, abriu o marcador para os campeões.

Na segunda parte, esperava-se um domínio claro dos zambianos mas tudo ocorreu às avessas. A Etiópia implantou-se e arriscou no jogo ofensivo e, no minuto 64 o capitão Girma restabeleceu a igualdade.

O segundo jogo da noite, que colocou frente a frente a Nigéria e o Burkina Fasso, foi mesmo à inglesa. Os nigerianos foram os primeiros a chegar ao golo, por intermédio do avançado Emenik, à passagem do 23º minuto da partida.

Quando tudo indicava que a Nigéria sairia do Mbombela com os três pontos, o evitável aconteceu: depois de as águias terem perdido o esférico na zona defensiva contrária, quando faltavam apenas 30 segundos para o apito final, os burkinabes acreditaram e lançaram-

-se rapidamente ao ataque, chegando ao reduto dos nigerianos.

Traoré, que acabava de entrar, recebeu o esférico na confusão, olhou e rematou para o fundo das malhas, para a tristeza total e completa dos jogadores, da equipa técnica e dos adeptos da Nigéria.

Costa do Marfim não vacilou e somou

A vice-campeã africana em título, a Costa do Marfim, iniciou de forma positiva a sua caminhada rumo ao troféu mais cobiçado de África, a nível de selecções. No jogo da primeira jornada do grupo D, os elefantes liderados por Didier Drogba derrotaram por 2 a 1 a selecção togolesa, do astro do Tottenham Hotspur, Emmanuel Adebayor.

Yaya Touré, o melhor jogador de África, que teve uma tarde super-inspirada, foi o autor do primeiro golo do jogo à passagem do sétimo minuto. Servindo de maestro nas investidas ofensivas da equipa, com uma forma de estar de encher o olho, Yaya ainda viu a trave negar-lhe o golo, quando o relógio assinalava o minuto 44.

Porque em futebol “quem não marca arrisca-se a sofrer”, Ayte, no primeiro minuto das compensações, restabeleceu a igualdade, resultado com que se foi ao intervalo.

Já no segundo período, assistiu-se a um jogo bem dividido, sobretudo na zona intermediária. Contudo, a selecção marfinense não desperdiçou uma soberba oportunidade, ao minuto 88, quando Yaya Touré cobrou um livre de forma meticulosa, que encontrou Gervinho isolado na grande área, que nada mais fez senão atirar a contar.

A Tunísia conquistou também os três pontos e igualou a Costa do Marfim no topo da tabela. O único tento que deu a vitória aos tunisinos surgiu já no período de compensações (90+1) e teve a assinatura de Youssef Msakni.

Benfica bate Moreirense e volta a isolar-se na liderança

O Benfica venceu na noite de segunda-feira (21) o Moreirense, em Moreira de Cónegos, por 2-0, com golos de Salvio e Lima. Com este resultado, os encarnados voltaram a isolar-se na liderança da classificação, quando já foram realizados os 15 jogos referentes à primeira ronda.

Texto: Agências • Foto: LUSA



a partida que encerrou a jornada 15 da Liga portuguesa, última da primeira volta, o Benfica foi a Moreira de Cónegos vencer o Moreirense por 0-2, com golos de Salvio e Lima na etapa complementar. Após uma primeira parte muito equilibrada, os encarnados entraram fortes no início da etapa complementar e decidiram o encontro, conquistando uns importantes 3 pontos e isolando-se provisoriamente no comando.

De facto, na primeira metade, o Benfica não conseguiu encontrar soluções ofensivas para criar perigo junto da baliza de Ricardo, perante um Moreirense sempre muito agressivo sobre

a bola e bem posicionado dentro das quatro linhas.

No segundo tempo tudo foi diferente, começando logo pelo primeiro minuto desta etapa complementar, quando Gaitán atirou uma bola ao poste. Dois minutos mais tarde, aos 48, Salvio arrancou de forma imparável e rematou rasteiro e colocado, sem hipótese de defesa para Ricardo. Estava feito o mais difícil para os encarnados, que a partir daqui controlaram a partida a seu bel-prazer, beneficiando até de um notório desgaste físico da formação minhota, que se debate com muitas baixas no seu plantel.

Aos 70 minutos chegou o segundo golo do Benfica e o ponto final deste encontro. Lima rubricou um belo tento, fazendo a bola passar por cima do guardião do Moreirense, após um passe a rasgar de Ola John.

Com este resultado, a turma benfiquista perfaz um total de 39 pontos e isola-se na frente do campeonato.

Barcelona perde pela primeira vez e Real humilha Valência

A Real Sociedad impôs, no último sábado (19), a primeira derrota ao F.C. Barcelona na Liga espanhola de futebol, ao vencer por 3-2 na recepção à formação catalã, em jogo da 20.ª jornada.

Texto: Agências

O FC Barcelona até começou a vencer com golos do argentino Lionel Messi, aos sete minutos, e de Pedro, aos 25, mas o uruguaio Gonzalo Castro reduziu ainda na primeira parte para os anfitriões, aos 41. O mesmo jogador empatou a partida aos 63, sete minutos depois de Piqué ter sido expulso.

Aos 91 minutos ou seja, um minuto depois do tempo regular, Agirretxe concretizou a reviravolta para a formação basca, que impôs a primeira derrota à formação “culé”, que lidera o campeonato com 55 pontos.

Já o Real Madrid humilhou o Valência em pleno Estádio Mestalla. O festival de golos começou cedo, logo aos 9 minutos por Higuain. A assistência de Di María desmarcou o compatriota no centro da área valenciana e o remate só parou no fundo das malhas.

O Valência ainda esboçou uma reacção, mas a sua fragilidade no meio campo anunciava o pior e Cristiano Ronaldo estava num dia de verdadeira inspiração. Aos 34 minutos, o craque português arrancou uma corrida, deixando Ricardo Costa atrás, e assistiu Di María para o 2-0.

Aos 36 minutos, Ronaldo parte sozinho pelo corredor esquerdo e remata forte junto ao poste para o 3-0, para depois, já aos 41, fuzilar a baliza valenciana depois de uma jogada de entendimento com Higuain e Ozil.

Na primeira parte de pesadelo do Valência, Di María também resolveu bisar e aproveitou a auto-estrada oferecida pela defesa adversária para fazer o 5-0.

Ao intervalo o jogo estava resolvido e muitos adeptos da equipa da casa trataram de abandonar o estádio. Para os que ficaram, valeu o facto de o Real Madrid ter tirado o pé do acelerador no segundo tempo, depois de uma primeira parte de luxo. Com este triunfo, o Real Madrid está agora a 7 pontos do Atlético Madrid e a 15 do líder Barcelona.

Na Galeria Jamuene...

Nas proximidades do Museu Nacional de Etnologia, na cidade de Nampula, encontra-se a Galeria de Arte Jamuene. De fora, por causa do material precário de que é feita, a estância não é atraente. Mas por dentro é surpreendente. Descubra-a na terra das "muthiana horera"...



Texto & Foto: **Redacção**

O que é que um turista (estrangeiro/nacional) aprecia num destino turístico? Gente da terra? A sua gastronomia? Perceber a sua vivência e/ou a sua maneira de conviver? A sua produção artístico-cultural ou o seu artesanato? Será que é em relação ao canto e à dança de uma terra que o cidadão forasteiro se interessa ou, provavelmente, ele encanta-se pela indumentária dos autóctones? Talvez, o turista ganhe interesse de uma boa hospitalidade dos nativos da região visitada. Ao certo nunca se sabe, mas todos esses elementos são importantes.

De qualquer forma, quando se está diante da Galeria Jamuene, na cidade de Nampula, muitas outras questões podem ser formuladas. Porventura, o coordenador daquela organização, Geraldo Constantino Maneira – ou simplesmente Jamuene, como prefere que o tratem no meio artístico – havia pensado nas apetências dos turistas quando, em 2010, por iniciativa própria, criou o estabelecimento? E como é que uma pessoa se torna – mesmo sem passar por uma formação universitária de especialidade – um produtor de objectos culturais (com destaque para o artesanato) e gestor de uma galeria?

Não há dúvidas de que determinadas literaturas científicas – de especialidade nos tópicos – nos deem respostas. De qualquer forma, quando se chega à Galeria Jamuene – onde, invariavelmente, uma série de quinquilharias povoam o espaço prendendo a vista dos visitantes – é quase impossível não se ficar impressionado.

Geraldo Maneira nasceu numa família em que a paixão pelas actividades culturais é algo natural. É por essa razão que há 30 anos, a mesma idade da sua existência, que trava uma relação umbilical com as artes, com destaque para o artesanato.

“Prostituto” das artes

Tratando-se de uma personagem que nasceu para as artes, torna-se muito difícil delinear quantos anos, dos seus 30, dedicou até agora às respectivas actividades. “Dedico-me a (quase) todas as áreas artístico-culturais porque – ao longo da vida – aprendi um pouco de tudo. É que não há necessidade de desprezar nenhum dos conhecimentos que explorei”, afirma quando chamado a justificar a promiscuidade que faz entre o canto e a dança, o teatro e a pintura, incluindo o artesanato.

Digamos que Geraldo Maneira é uma “prostituto” das artes. É por essa razão que vezes há em que o artesão não consegue dividir-se entre as tarefas que possui. “Não é fácil assegurar todo o trabalho sozinho”, afirma ao mesmo tempo que justifica a legião de apoiantes que possui na galeria.

Quando criança, Geraldo Maneira trabalhava o barro e materiais metálicos, sobretudo latas, para produzir brinquedos e instrumentos musicais. Na adolescência, na igreja, aprendeu o canto, ao mesmo tempo que se filiou em algumas associações culturais locais como, por exemplo, a Casa Velha, a Casa da Cultura Provincial, entre outras, na Ilha de Moçambique. Essa relação proporcionou-lhe o aprimoramento dos seus conhecimentos sobre o teatro, o canto, a dança, o corte e costura, sendo essa experiência a sua fonte de motivação.

Lamentações

Ainda que a moral, como é claro, seja uma força motora essencial para a efectivação de qualquer actividade, quando Geraldo Maneira se recorda de que os bens materiais, sobretudo o dinheiro, são factores determinantes na sua materialização não



consegue abrigar as lamentações da classe artística. “O que está a acontecer na nossa província é muito triste. Não difere de carregar a cruz nas costas, sabendo que tu vais morrer e sem nenhuma esperança. Nós, os artistas de Nampula, temos dado o nosso máximo, o nosso melhor no trabalho que fazemos, porém, ao fim e ao cabo, a população e o Governo não valorizam a nossa obra”.

Foi a fim de fazer face a esta realidade que Geraldo Maneira criou a Galeria Jamuene – um espaço onde se produzem e comercializam obras de arte e de artesanato. O mais importante é que o espaço está aberto para acolher os outros artistas de Nampula. “É com o dinheiro que se adquire nesta galeria que consigo financiar a produção de algum material, como camisas, chinelos, mochilas, incluindo a compra de tinta para a criação de telas”, refere.

Granjear simpatias

E como nem tudo pode estar errado, apesar do fraco apoio que se direcciona à cultura, a imaginação criativa dos artistas acaba por se impor como a força motriz para a sua evolução. Caso contrário, como se explicaria a demanda (cada vez crescente) em termos de visitas que cidadãos idos das cidades da Beira, de Quelimane, de Maputo, incluindo outros que se deslocam de diversas partes do mundo para Nampula? A resposta é simples: os poucos que visitam a Galeria Jamuene ficam impressionados com o que vêem e, multiplicando a (boa) mensagem sobre o espaço entre os seus próximos – fazendo, por essa via, publicidade –, atraem-nos para conhecer a estância.

Para manter o ritmo, Geraldo Maneira afirma que “trabalho todos os dias. Crio novos produtos a fim de poder atingir um patamar alto no panorama das actividades culturais da província de Nampula. Espero que se chegar a vez de me tornar um artista conceituado, não fique preguiçoso, como tem acontecido, sob pena de cavar a própria derrocada”.



Não te cales!

Uma poetisa moçambicana admirável, Márcia dos Santos, ou simplesmente Rinkel, como prefere que lhe tratem nas lides da literatura, impele-me a tomar uma postura. “Não te cales”, exorta-me para, instantes depois, sentenciar: “Diz/ Fala/ Grita/ Mas nunca te cales”.

Sou amante de vários temas – organizações, literatura, ciências sociais, artes e cultura no geral – e se, efectivamente, como Maria Antonieta Rabeil Correia afirma, “as organizações são criações humanas geradas para produzir o bem-estar na sociedade e para satisfazer as necessidades das pessoas e grupos que habitam o mundo social”, longe de qualquer romantismo, vou abordar o assunto sob o ponto de vista do caos, da crise, da instabilidade. Só não me vou calar.

No ano passado, altura em que escrevi este texto – estou a falar sobre as organizações – Roberto Porto Simões, autor de Relações Públicas – Função Política, convenceu-me de que “Ao reflectir sobre a premissa de que o conflito sobre a organização e o seu público é algo sempre eminente, infere-se a probabilidade de essa relação comportar dois estágios alternáveis: com conflito e sem conflito”.

Trata-se de um evento que se inaugura numa situação de aparente satisfação geral. Ou seja, no primeiro nível (de acordo com Simões, os níveis do problema são dez, mas esse é outro assunto) “a organização e o público se relacionam bem. Tudo o que ela faz é bem aceite pelo seu interlocutor. Não há qualquer tipo de reacção contrária, quer porque a acção organizacional ocorre em sintonia com os interesses do público, quer porque esse não está consciente dos factos contrários aos seus interesses, ou porque até mesmo desconhece os seus direitos” (Sic.).

Entretanto, apesar da aparente estabilidade que se assiste entre determinadas organizações e os seus públicos, (no meu jeito extremista, como interpreto a vida – o que não significa que eu vivo intensamente) diria que se trata de uma precariedade, a qual, em todas elas, carece de um trabalho – intenso e contínuo – de Relações Públicas.

Richard H. Hall, autor da obra Organizações – Estruturas, Processos e Resultados –, não permite que eu me equivoque. O seu livro é o maior que já li sobre o assunto, por essa razão permitam-me que o rotule *bíblia das organizações*. Diz ele que “As organizações são dotadas de capacidade para fazer um grande bem ou um grande mal. (...) Estudamos organizações porque elas produzem impactos. Elas não são objectos benignos. Elas podem disseminar o ódio, mas também salvar vidas e, talvez, almas”.

Em tudo isso, o que me encanta neste assunto é a forma como – em Organizações – Estruturas, Processos e Resultados –, se aborda o tema com particular destaque para a maneira simplista, quase trivial, de responder à difícil questão “Porque temos organizações?”. “A resposta é simples: Para que as coisas sejam feitas. Temos organizações para realizar tarefas que indivíduos não podem desempenhar sozinhos”. Explicando-se em outras palavras, a sua existência fundamenta-se no facto de que “As organizações constituem a resposta”.

Compreenda-se, então, que no nosso mundo contemporâneo nenhum processo – desde o nascimento até a morte dos homens – está inune da acção das organizações. Ganhar a consciência disso tem uma importância vital nas relações humanas, incluindo as inter-organizacionais. Na compreensão desse papel holístico das organizações, no desenvolvimento social, posso, agora, introduzir a questão que fundamenta todo o palvreado até agora exposto.

Como é que os amantes, os produtores, os promotores, os consumidores, os mecenas culturais e todos os que constituem a matriz de relacionamento no contexto da produção, promoção e consumo dos objectos artístico-culturais no país, neste ano novo, se irão comportar para o desenvolvimento do sector das artes em Moçambique? Será que nós, os moçambicanos, continuaremos a ser os que menos exportam a produção local e mais importam – e, por isso, pagamos muito caro aos actores internacionais, em detrimento dos nossos – mesmo no sector de actividades culturais?

Tudo depende da forma como nós, os moçambicanos, faremos as nossas organizações agirem e funcionarem ao longo do ano.

Sobre a importância da produção artística, Harold Osborne expressa uma posição ímpar e clara. Considera ele que “as artes plásticas e a literatura – aqui permitam-me incluir o teatro, o cinema, o canto e a dança, etc. – têm o propósito de melhoria social e moral, aspirando ao ideal”. Em virtude de tudo isso, do reconhecimento do papel que jogamos para a materialização do desenvolvimento artístico-cultural, no país, reafirmamos a nossa vontade de divulgar e promover os artistas nacionais e a sua produção.

Quero, por fim, reconhecer – como Richard H. Hall atesta – que “As pessoas têm um interesse económico óbvio nas organizações em que trabalham, pois elas *afectam* o bem-estar económico dos trabalhadores e, portanto, dos seus dependentes”. Isso equivale o mesmo que concentrar-se “em factores como moral e satisfação desviam a atenção do facto de que os factores económicos constituem a preocupação central para dirigentes e trabalhadores”.

Portanto, como admoesta Rinkel, quando o assunto compromete o nosso desenvolvimento colectivo – por causa de acções individuais e egoístas – “Diz/ Fala/ Grita/ Mas nunca te cales”.

“Onde não se constata nenhuma Evolução, a arte deve ser usada para a Revolução”

Texto: Inocêncio Albino • Foto: Cedidas por Vasco Manhica

Em Maputo, as chuvas que caem no país – além de semearem luto e miséria no “maravilhoso povo” – agudizam a crise habitual. No entanto, intrépida em relação à dor alheia, a “Senhora Faztudo” exhibe-se com a sua Limusine. Aqui está tudo estagnado, “não se constata nenhuma evolução”. Por isso, a arte deve fecundar a Revolução...

Na cidade de Maputo, a capital moçambicana – ninguém está imune aos problemas do sistema de transportes públicos moribundo como os que, presentemente, se tem. A diferença é que, o povo – que nitidamente constitui a maioria desfavorecida – é que sente mais os efeitos da dura (ditadura imposta pela) realidade.

Em resultado das chuvas que se abatem um pouco por todo o país, na altura em que escrevemos este artigo, a população resente-se do seu impacto. A informação da meteorologia não é consoladora: “haverá uma bolsa de chuvas intensas no próximo fim-de-semana e com consequências devastadoras”. A vida deve continuar. O problema é que, em pouco tempo, ao que tudo indica, a população experimentará o ápice da perturbação implantada por um Sistema de Transportes Públicos falido.

Em contra-senso, os dirigentes do país – na sua arrogância habitual – fazem-se à rua nas suas viaturas de luxo. Tudo o que se escreve, até aqui, discute-se num objecto artístico. Pode ser lido por qualquer pessoa. O que se nos impõe como um grande espanto é o seguinte: Como é que uma obra de arte, “A Limusine da Senhora Faztudo”, pode sintetizar, de forma fiel, as vivências de um povo sobre quem se diz *Maravilhoso*?

Talvez, nesta semana, não falássemos sobre a produção artística de Vasco Manhica. Este artista plástico, ainda que atento à realidade local do seu país, Moçambique, está em Alemanha. Lá na Europa. Mas aqui, em Maputo, chove. E quando é assim, a vida das populações fica estagnada. Deslocar-se de um ponto para o outro é um risco de saúde, ou seja, quase de vida: noticiou-se sobre duas crianças, nesta cidade de Maputo, que durante estas enxurradas foram engolidas pelas águas.

Aqui no Jornal, pela natureza do trabalho, há que se produzir informação sobre tudo o que acontece – para o benefício do estimado leitor – mas o fenómeno da chuva moveu um dos nossos entrevistados a desmarcar o encontro. “Vire-se o repórter”, afinal não faz parte dessa “geração da viragem”?

Foi assim que, a par de outros factores, conhecemos o artista plástico moçambicano, Vasco Manhica que, presentemente, vive na Alemanha há sete anos. Foi igualmente nesse contexto que conhecemos “A Limusine da Senhora Faztudo”, uma das suas belas telas que naquele dia prendeu a nossa vista.

Uma interacção necessária

A página de Facebook de Vasco Manhica pouco difere de uma galeria (virtual) de arte. Na verdade, é isso. Por essa razão, os apreciadores das artes plásticas, sempre que o visitam, perdem-se por lá. Não se querem desconectar. No nosso caso, naquele dia chuvoso, o que nos prendeu foi a obra com o título “A Limusine da Senhora Faztudo”.

“Parece-nos que, nessa obra, o artista capta uma realidade local de Moçambique, concretamente de Maputo. Não é verdade?”, curiosos, perguntámos, pelo que Vasco confirmou o facto ao mesmo tempo que nos esclareceu que a criação foi gerada no ano passado, em Soweto, na África do Sul.



Em relação à criação, Vasco Manhica considera que se está diante de um retrato dos acontecimentos que, infelizmente, têm inquietado o país. Na verdade, este é apenas um exemplo de muitas peripécias brutas que mancham o nosso dia-a-dia nesta terra. Ou seja, por exemplo, em Moçambique “enquanto o povo é obrigado a ser empacotado como sardinhas, ou pendurado como cabritos, nos escassos meios de transporte públicos, os *top-funcionários* do Governo desfrutam de Limusines e outros meios de transporte luxuosos. (...) a bomba explodiu da parte do povo e eu venho deste meio, como mensageiro ou amplificador do clamor popular, para que o mundo oiça o nosso grito. Basta!”

Uma rica experiência em Soweto

Em 2012 Vasco Manhica, ou simplesmente Kito, esteve na África do Sul – concretamente em Soweto – onde participou numa oficina de criação de arte. Foi no referido encontro que nasceram “A Limusine da Senhora Faztudo” e “Senhora Faztudo”, criadas com base em técnicas mistas sobre as telas. Entretanto, ainda que Soweto seja uma cidade de contrastes, nada nos podia convencer de que a narrativa que se desenvolve na primeira obra tinha muito a ver com a realidade sul-africana.

A verdade é que, ainda que estejam noutros pontos do mundo, os artistas moçambicanos não ignoram a realidade local. “Tenho acompanhado os acontecimentos do país. Muito recentemente estive em Moçambique, antes de ir para a oficina artística em Soweto. Desta vez, a crise dos transportes foi terrível. É uma realidade que experimento sempre que visito o país”, enfatiza.

Ora, se uma pessoa leiga em matérias de artes ficou impressionada com “A Limusine da Senhora Faztudo”, qual, então, teria sido a crítica dos especialistas? A obra é um sucesso irrecusável. Os críticos sul-africanos, entre outros que participaram na oficina de criação artística, sancionaram-na favoravelmente.

No entanto, ainda que isso seja importante para a promoção das artes, da cultura e do artista moçambicano no mundo, o mais importante para Kito foi a possibilidade de interagir com outros criadores – no contexto das artes africanas – como, por exemplo, o célebre artista plástico sul-africano Ayanda Mabulu, bem como granjear daquele alguma admiração.

Sabe-se, porém, que, perante as obras de Vasco Manhica, os artistas sul-africanos viram-se impelidos a reconhecer que estavam a apreciar uma forma diferente de ser e estar no panorama artístico-cultural. É em resultado disso que, na segunda metade de 2013, depois de o artista realizar uma mostra em Maputo – agendada para Setembro que será acompanhada de *workshops* sobre temas afins do mundo artístico – Joanesburgo será o lugar onde a produção artística nacional irá ampliar a sua esfera de acção e representação.

O fim da Senhora Faztudo

Se num momento de crise como o actual, cujos efeitos se abatem sobre os moçambicanos, a “Senhora Faztudo”, sozinha, se faz transportar num carro de luxo enquanto o

povo, por si dirigido, experimenta as mais excêntricas inseguranças deste século XXI, no mínimo, isso possui um significado – “a Senhora Faztudo é egoísta”. Por essa razão, um dia terminará solitária, privada, inclusive, da sua Limusine. Talvez essa possa ser uma forma de justificar a criação de uma obra com o mote “Senhora Faztudo” que se constitui como uma crítica social e política.

De qualquer forma, explicando o seu ponto de vista em relação à dita obra, Manhica – este cidadão africano cujas raízes se denunciam pela valorização, na sua obra, de temas resgatados de uma tradição oral – revela-nos que “durante a infância, os mais velhos sempre diziam que os mentirosos e egoístas, um dia irão *expelir* monstros. Portanto, nesta obra, procurei de uma forma muito simplificada retratar um(a) mentiroso(a), muito elegante, a *defecar* aberrações a sangrar”. Trata-se de um retrato da alma dos mentirosos e egoístas. Do seu final infeliz.

É neste prisma que, na sua intervenção, Kito impõe a arte como uma ferramenta de luta. Um veículo de transmissão de conhecimentos, objecto de registo das manifestações sociopolíticas e culturais de povos como ferramenta de luta contra os males que deterioram uma sociedade, assim como contra a ignorância (produto da contínua e sistemática lavagem cerebral). Portanto, por todas estas razões, Manhica entende que “onde não se constata nenhuma Evolução a arte deve ser usada para a Revolução”.

Belmiro Adamugy: “A relação esforço-benefício é muito desigual no Jornalismo”

Com pouco mais de 20 anos de carreira, o jornalista moçambicano, Belmiro Adamugy, travou uma relação umbilical com as artes – com enfoque para o teatro, a música e a literatura – até que por esse meio acabou por aportar na Imprensa. É lá onde encontra o buraco para a sua agulha. No entanto, as vicissitudes que experiment(a)ou na actividade, fazem com que a conceba como “uma forma de vida”. E não lhe faltam argumentos: “A relação esforço-benefício é muito desigual no Jornalismo”. Na conversa, também falou da sua experiência como artista...

Texto: Inocêncio Albino • Foto: Miguel Manguenze

Na cidade de Maputo, a história de grupos culturais como o Colectivo Gota de Lume (actual GTO), Tchova Xitaduma, Guinguirikani, Grupo Teatral da Associação Cultural Casa Velha, por exemplo, é quase impossível ser narrada sem se fazer menção ao nome de Belmiro Adamugy.

Durante a década de 1980/90, o jornalista relacionou-se com tais organizações não, necessariamente, como repórter mas como artista. Foi nesse contexto sociocultural que, a par da sua sensibilidade para o mundo das artes e letras, se moldou o percurso de uma figura que mais adiante se tornou um escriba a ter em conta no Jornalismo moçambicano.

Falando de alguns aspectos da sua vida que o conduziram ao que hoje é o seu ofício, Adamugy considera que “o Jornalismo sempre existiu em mim, antes de eu abraçá-lo como profissão”. Projectos como a Revista Alvorada, da Associação Cultural Casa Velha, o folheto Fogueira, do Clube Amigos Juvenil, o pasquim Thandy dirigido pelo poeta Jaime Santos, entre outras publicações culturais para as quais – em jeito de expressão de amor à literatura e às artes – Belmiro Adamugy trabalhou, moldando o seu sentido de jornalista cultural, são o seu principal argumento.

Em relação à prática do Jornalismo no país, comparações do que actualmente a profissão é – quando se toma em consideração os anos 1980/90 – podem ser feitas. No entanto, é inegável que um dos maiores ganhos que nos dias que correm se tem é a abundância de meios de trabalho, incluindo o clima do *calar das armas* vigente. Seja como for, para Adamugy, são raros os jornalistas moçambicanos que (como ele) tiveram a oportunidade de trabalhar com célebres personalidades da cultura moçambicana como Maria Pinto de Sá, José Pinto de Sá, Machado da Graça, Leite Vasconcelos, e Ana Magaia. É aí que se encontra o seu privilégio.

Uma tal Geração 70

Depois de explorar os acontecimentos culturais da época e deixar-se debilitar pelo vírus de Jornalismo que existia no seu sangue – agravado pelos escritores com quem se relacionava – Belmiro Adamugy aventurou-se para a escrita jornalística, colaborando para o Jornal Domingo, da Sociedade Notícias, grupo do qual é quadro desde os princípios de 1990.

A par de personalidades como Celso Manguana e Luís Nhachote – que tinham em comum o facto de terem nascido ao longo de 1970 e apreciarem o mundo das artes e letras – Adamugy constituiu uma tal Geração 70. Facto importante é que a maior parte de tais jovens constitui o que, na actualidade, há de precioso no Jornalismo moçambicano.



Com uma participação activa, como artista e “estagiário-amante”, na azáfama da produção artístico-cultural dos anos oitenta e noventa, incluindo o facto de, por essa via, se ter tornado jornalista cultural no país, com uma experiência profissional de mais de duas décadas no sector, em Adamugy há uma personalidade para (e com quem se pode) discutir a situação das actividades culturais.

A sua experiência consolida a nossa percepção porque, de acordo com as palavras, “nessa época participei em inúmeras oficinas culturais ministradas em Maputo”. À guisa de exemplo, “personalidades como Vorn, que era o supra-sumo de iluminação para o teatro e cinema português, e Henning Mankell é que dirigiam as aulas. Na mesma ocasião, participei em duas oficinas de teatro, uma orientada pela Soul City, outra pela SATI (Southern Africa Theatre Initiative), organização na qual acabei por me filiar”.

O resultado das formações em que Adamugy participou é o facto de que a sua percepção em relação às manifestações artísticas melhorou substancialmente, ao mesmo tempo que se aventurou para outras áreas de actividade como, por exemplo, a produção de espectáculos de teatro e de música.

Experiências únicas

Perante Adamugy, chegámos a ansiar perceber, afinal de contas, o que significava – naquela época – fazer Jornalismo sob o ponto de vista de dificuldades, ameaças e desafios. Sobre o tópico, o repórter não se refere a nomes, mas recorda-se de que houve vezes em que “quase fui agredido e ameaçado de morte. Passei por situações constrangedoras na via pública. O importante é que isso nunca me fez desistir porque percebi que, algumas vezes, se tratava de um problema de incompreensão das pessoas que pensavam que eu estava a meter-me em actividades de que não tinha domínio”.

Talvez, em tudo isso, “a experiência mais marcante foi o facto de em 1993 – algum tempo depois do fim da guerra dos 16 anos – ter feito um percurso por todo o país de carro. As dificuldades eram inúmeras. Havia muitos vestígios do conflito. Recordo-me de que, certa vez, saímos da cidade da Beira às 5.00H para Chibabava, onde só chegámos às 23.00H. Os alojamentos eram complicados, tanto que já dormi numa casa assombrada, em Angónia, tendo passado por locais sobre os quais se narram mitos grotescos”.

Nostalgia do tempo

Adamugy aproveitou a ocasião para olhar para o tempo que passou, de tal sorte que se deu conta de que “nos anos 1980/90 vivemos um momento cultural intenso, forte e vigoroso. Nas escolas havia grupos de teatro e de dança. Foi uma ocasião de boom de algumas bandas musicais como, por exemplo, os Ghorwane, Lokolokwe, Kapa Déch.

Muitos artistas que se tornaram ícones da nossa canção surgiram nessa época”.

Por tudo isso, para o escriba essa fase é nostálgica, muito em particular porque depois dela se instalou um momento de “adormecimento, se calhar, resultante do tipo de economia que o país adoptou: muitas editoras desapareceram. Implantou-se uma conjuntura em que, de certa forma, os artistas não estavam a conseguir inovar”.

De uma ou de outra forma, “nesta última fase começámos a viver uma etapa de alegria marcada pelo surgimento das novas tendências musicais. Ou seja, não podemos ignorar o movimento que se gerou em volta do Pandza e do Rap”.

“Levam o dinheiro e não ombreiam connosco”

Solicitámos a opinião de Adamugy em relação ao facto de, actualmente, em Maputo, investir-se mais em concertos com a participação de artistas internacionais – com uma estada muito efémera no país – ao mesmo tempo que se drena muito dinheiro, sobretudo por parte de algumas empresas públicas.

Entretanto, ainda que apolo-gista da vinda de artistas estrangeiros ao país, Adamugy revela-se crítico em relação à forma como eles trabalham aqui. “O problema é que, muitas vezes, se investe muito dinheiro para um músico que, estando em Moçambique, realiza um espectáculo – às vezes em *playback* –, não interage com os artistas locais, e depois enchem-lhe a mala de dinheiro e regressa ao seu país, sem ter interagido com os cantores nacionais”. Em contrapartida “ao artista local paga-se um cachê mísero, o qual, muitas vezes, para tê-lo passa por inúmeras dificuldades. Deve haver um equilíbrio, nesse proceder, para que haja o fortalecimento dos artistas moçambicanos”.

O Jornalismo é uma forma de vida

Com um bom par de anos de carreira, Adamugy considera que está satisfeito com o percurso que fez. Entretanto, sob o ponto de vista material, o Jornalismo não é uma área profissional de realização. “Costumo dizer que se as pessoas quiserem ganhar dinheiro que façam outras actividades, porque o Jornalismo não é uma profissão. É uma forma de estar na vida, em que a relação esforço-benefício é muito desigual. Ou seja, entre o que temos de fazer e aquilo que, desse esforço, retorna há uma desigualdade violenta”.

SEMANA DStv



CHÁ COM MUSSOLINI

Um italiano é criado por um grupo de inglesas, mas a sua vida altera-se drasticamente com a tomada do poder de Mussolini.

DIA 28 DE JANEIRO, 21:05, TVC3

A PROGRAMAÇÃO

SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO	DOMINGO
GLOBO 19:55 Malhação 20:20 Lado a Lado 21:15 Guerra dos Sexos 22:15 Salve Jorge 23:25 Fantástico TVC3 18:05 Scooby-Doo! A Lenda do Fantossauro 19:25 M Butterfly 21:05 Chá com Mussolin DISCOVERY 21:35 O Segredo das Coisas 22:05 Trabalho Sujo 23:30 Off the Hook: Pesca Arriscada 00:00 Piratas Ecológicos	GLOBO 19:55 Malhação 20:20 Lado a Lado 21:10 Guerra dos Sexos 22:10 Salve Jorge 23:20 Big Brother TV RECORD 20:30 Prova de Amor 21:30 Fala Portugal 22:00 A DEFINIR 23:00 Balacobaco 00:00 Câmera Record TVC4 16:40 Polícia sem Lei 18:45 A Vingança É Minha 21:15 Tempo de Heróis	GLOBO 19:55 Malhação 20:20 Lado a Lado 21:10 Guerra dos Sexos 22:10 Salve Jorge 23:20 Big Brother SS1 MÁXIMO 18:00 CAN 2013: Argélia x Costa do Marfim 21:45 Liga Inglesa: Arsenal x Liverpool SS2 MÁXIMO 18:00 CAN 2013: Togo x Tunísia 21:45 Liga Inglesa: Man. United x Southampton FOX 22:17 Os Simpson	GLOBO 19:55 Malhação 19:25 Lado a Lado 21:15 Guerra dos Sexos 22:15 Salve Jorge 22:10 Big Brother AXN 20:50 Londres Distrito Criminal 21:44 C.S.I. Miami 22:36 Investigação Criminal Um infante da Marinha morre ao tentar salvar um importante político. 23:30 O Mentalista PANDA 21:30 Bairro do Panda 21:45 Os Contos de Tatonka	GLOBO 19:55 Malhação 20:20 Lado a Lado 21:10 Guerra dos Sexos 22:10 Salve Jorge 23:20 Big Brother FOX CRIME 20:25 Lie to Me 21:11 The Chicago Code 21:57 Lei & Ordem 22:43 Lie to Me 23:29 C.S.I. MIAMI TVC1 18:25 Quarteto Fantástico 20:10 Ghost Rider: Espírito de Vingança 22:45 Homem no Limite, Um	TVC2 17:30 Gatos Africanos 19:00 Histórias de Nova Iorque 21:00 Grey Gardens 22:40 Águas Mil 00:00 Uma Separação SS1 MÁXIMO 16:00 CAN 2013: Quartos de Final (2) 20:00 CAN 2013: Quartos de Final (1) SS2 MÁXIMO 16:45 Liga Inglesa: Newcastle x Chelsea 19:00 Liga Inglesa: Fulham x Manchester United	SS1 MÁXIMO 16:00 CAN 2013: Quartos de Final (4) 20:00 CAN 2013: Quartos de Final (3) SS2 MÁXIMO 15:00 Liga Inglesa: West Bro. Albion x Tottenham 17:30 Liga Inglesa: Man. City x Liverpool FOX LIFE 19:16 Uma Família Muito Moderna 19:38 Tudo Acaba Bem 20:00 Tudo Acaba Bem 20:22 Medium Joe compra um carro em segunda mão.

OS DESTAQUES



DANCIN' DAYS

Duarte perde o rasto de Júlia, que deixou o hotel, antes dele ter podido falar com ela e recorre à recepcionista do hotel que, a custo, lhe diz que a mulher que procura se chama Júlia Matos, sendo esta a única informação de que dispõe. Júlia instala-se em casa de Carminho. Combinam que Júlia vai fazer de conta que é convidada, para ajudar a pagar as suas dívidas.

DE SEGUNDA A SÁBADO, 23:30, SIC INTERNACIONAL



SALVE JORGE MUSTAFÁ SEPARA-SE DE BERNA

Sheila fica chocada com a revelação de Morena sobre o tráfico de mulheres. Morena decide denunciar Wanda por tráfico de bebés. Fátima insinua a Mustafá que Pepeu roubou o dinheiro de Berna. Lucimar acusa Morena de estar a consumir drogas. Antônia pede dinheiro a Lívia para pagar a fiança de Wanda. Mustafá avisa Pepeu que tem como saber se foi ele quem roubou o dinheiro de sua casa. Mustafá anuncia que se irá divorciar de Berna. Stênio tira Wanda da cadeia. Mustafá exige que Stênio pague o dinheiro que Pepeu roubou de Berna.

DE SEGUNDA A SÁBADO, 22:15, TV GLOBO



SELVA SOBRE RODAS

Um pequeno grupo de divertidos e adoráveis animais com rodas que exploram uma selva bem diferente preenchida com uma rede de estradas flutuantes. Os habitantes da selva são metade animal e metade viaturas e têm a missão de animar os mais novos diariamente. As mensagens transmitidas pretendem ser positivas e as personagens têm consciência da fragilidade da natureza e da importância de respeitá-la.

TODOS OS DIAS, 13:20, DISNEY JUNIOR



FINAIS, DERBIES E MUITO MAIS...

O próximo fim-de-semana está repleto de grandes partidas de futebol internacional:

- CAN2013, dias 2/3 de Fevereiro, 16:00/19:30, SS1 Máximo
- Granada x Real Madrid, dia 2 de Fevereiro, 22:55, SS1 Máximo
- Valência x Barcelona, dia 3 de Fevereiro, 20:55, SS2 Máximo
- Man. City x Liverpool, dia 3 de Fevereiro, 17:30



Pode efectuar o pagamento da subscrição mensal por internet Banking, via ATM da Rede Ponto24, com quaisquer cartões de débito nacionais de todos bancos do país ou ainda por telemóvel - apenas para detentores de cartões de débito da Rede Ponto24 através de *124#.

* Para mais informação sobre o pagamento por telemóvel, contacte os bancos da Rede Ponto24.

DStv

Ligue para (linha fixa) 21 220 217/18 ou 82 3788 para Mcel, 84 3788 para Vodacom ou envie e-mail para moz@dstv.com ou visite www.dstv.com

Nota: Informação correcta à data de impressão; para obter grelhas actualizadas diariamente visite www.dstv.com





Sábado 26, 17h00

Campeonato Africano das Nações em Futebol:
Costa do Marfim vs Tunísia

Sábado 27, 20h00

Campeonato Africano das Nações em Futebol:
Argélia vs Togo

Domingo 27, 19h00

Campeonato Africano das Nações em Futebol:
Marrocos vs África do Sul

Domingo 27, 22h00

Campeonato Africano das Nações em Futebol:
Cabo Verde vs Angola

Segunda-feira 28, às 19h00

Campeonato Africano das Nações em Futebol:
Níger vs Gana

Segunda-feira 28, às 22h00

Campeonato Africano das Nações em Futebol:
RD Congo vs Mali

Terça-feira 29, às 19h00

Campeonato Africano das Nações em Futebol:
Etiópia vs Nigéria

Terça-feira 29, às 22h00

Campeonato Africano das Nações em Futebol:
Burkina Fasso vs Zâmbia

Quarta-feira 30, às 19h00

Campeonato Africano das Nações em Futebol:
Argélia vs Costa do Marfim

Quarta-feira 30, às 22h00

Campeonato Africano das Nações em Futebol:
Togo vs Tunísia



Segunda a Sábado 20h35 LADO A LADO

Zé Maria, Laura, Isabel e Guerra convencem Praxedes a soltar Jurema. Esther aceita reatar seu romance com Albertinho. Edgar conversa com Guerra sobre o envolvimento de Fernando com Catarina e sua preocupação com a proximidade entre o irmão e Melissa. Isabel sofre por Elias resistir em se aproximar dela. Laura aprecia a matéria de Antonio Ferreira sobre a violência contra a mulher. Celinha avisa a Guerra que Constância oferecerá um jantar de noivado para eles. Laura sente ciúmes ao

acreditar que Edgar esteja com Heloísa, e divide sua angústia com Sandra. Sandra tenta acalmar Laura, e afirma que Edgar a ama. Sandra conta a Laura que Ângelo é seu filho. Berenice tenta chantagear Constância, mas a baronesa se nega a lhe dar dinheiro. Mário diz a Diva que Luciano não está pronto para estrear no teatro. Albertinho pede que Laura interceda junto a Isabel, para que ele possa se encontrar com Elias. Albertinho vai à casa de Isabel e encontra Zé Maria.



Segunda a Sábado 21h35 GUERRA DOS SEXOS

Felipe garante a Roberta que ela está sendo enganada por seu contador. Nieta não deixa Dino confessar o que fez para Roberta. Juliana tenta seduzir Nando. Kiko mente para Analú e afirma que os capangas não machucarão Nando. Roberta rejeita Felipe. Isadora finje não conhecer Ronaldo e o deixa confuso. Nando foge de Juliana. Carolina se enfurece ao saber que Nieta discutiu com Otávio e Charlô na loja e resolve ir até a mansão. Felipe sonha com Roberta. Roberta procura Dino. Nando e Juliana pensam um no outro. Nieta acusa Nando de ter convencido Roberta a ficar contra Dino. Semíramis ouve um dos capangas falando com o comparsa, antes de sequestrar Nando. Charlô tenta convencer Otávio a procurar Felipe. Vânia diz que ajudará Juliana a seduzir Nando. Ro-

berta flagra Kiko e Nenê falando sobre o sequestro de Nando. Carolina questiona se Nieta aceitou suborno de Otávio. Nieta confessa que aceitou o suborno de Otávio e deixa Dino e Carolina indignados. Roberta se enfurece com Kiko e expulsa Nenê de sua casa. Carolina e Dino deixam Nieta sozinha. Otávio pede para Felipe voltar para a loja. Nando suspeita de que Felipe tenha encomendado seu sequestro. Felipe pensa em uma forma de seduzir Roberta. Charlô fica intrigada ao ver Isadora com Ronaldo. Juliana decide seguir o conselho de Vânia. Fábio leva Cica para visitar Manoela. Carolina humilha Nieta. Juliana não tem coragem de se declarar para Nando. Charlô comparece ao treino de Ulisses e Zenon se anima. Roberta pede Nando em casamento.



Segunda a Sábado 22h15 SALVE JORGE

Helô comenta com Barros que Livia pode ter mandado interditar o banheiro para evitar o escândalo em seu desfile. Berna culpa Helô por sua separação. Leonor conta para Helô que Drika e Pepeu estão mantendo Salette presa. Lena conta para Livia detalhes sobre o atentado contra Helô. Russo avisa a Wanda que eles foram intimados para comparecer à delegacia. Rosângela ganha um quarto na boate. Salette e Fatma encontram diversos recibos de compras entre os pertences de Pepeu e Drika. Isaurinha percebe que Celso conseguiu deixar Raissa confusa com as insinuações contra Antonia. Áurea fica desconfiada quando Morena

diz que nunca se envolveu com drogas. Russo e Wanda chegam à delegacia. Barros lembra a Helô que Jô não estará presente no depoimento de Wanda e Russo. Wanda e Russo afirmam a Helô que Jéssica era viciada em drogas. Morena tenta conversar com Sheila. Antonia assina os contratos de novas meninas para serem traficadas. Amanda fala para Celso que instruiu o detetive a coletar provas da traição de Carlos e Antonia. Helô avisa a Stenio que Berna prestará queixa contra Pepeu. Lurdinha e Aisha observam as pulseiras que receberam ao nascer. Aida não aceita que Nunes não dê atenção.

Publicidade



Publicidade



Comunicado

Cidadão informado vale por dois tenha sempre @Verdade perto de si
www.facebook.com/JornalVerdade

ENTRETENIMENTO

PARECE MENTIRA...

Os instrumentos de aço, cortantes, perdem a tempera se os expusermos durante muito tempo à luz do sol.

O poder da mente é algo muito superior ao que a maior parte dos mortais tem ideia.

Um dos exemplos é o hipnotismo. Quando se induz alguém a “ver” um determinado objecto, e se colocar um electroímã por detrás da cabeça da pessoa hipnotizada e se mover o mesmo de um para outro lado, a imagem segue o mesmo trajecto.

Premonição significa presságio ou pressentimento.

Estudos sobre este fenómeno ilustram com este exemplo ocorrido num edifício onde se encontrava um indivíduo à espera do elevador, num andar intermédio.

Quando a porta do ascensor se abriu, o morador vislumbrou cadáveres em forma de esqueleto no seu interior. Com é óbvio, ele ficou estarecido, tendo deixado o elevador prosseguir a sua marcha fatal.

Todos os seus ocupantes morreram esmagados na cave do prédio.

As mulheres velhas da Suíça, conservando uma antiga tradição, acreditam que S. Bernardo tem o diabo sempre acorrentado nas montanhas próximas da abadia de Claraval; é sobre esta tradição que se funda o costume seguido pelos ferradores de todo o país, de não começarem a trabalhar à segunda-feira sem dar três grandes pancadas com o martelo na bigorna. Dizem eles que assim apertam os elos da cadeia do diabo para evitar que ele consiga soltar-se.

Milton, poeta e ensaísta britânico, cegou ao mesmo tempo que enviuvou. Mas, porque a sua viuvez tornava ainda mais sombria a sua cegueira, voltou a casar-se. Apesar da auréola de ouro que o envolvia, não faltou quem se admirasse de haver uma mulher que o quisesse, cego e doente. Milton, sabedor do que se dizia, comentou para um amigo íntimo:

– Acham estranho? Pois sou um bom partido e, se, além de cego, fosse surdo, seria o mais desejado homem da Inglaterra.

PENSAMENTOS...

● É tão benévolo o homem para consigo mesmo, que nunca julga ter-se aproveitado bastante da liberdade de se portar mal.

● As coisas de valor são as que se sujam.

● Entre bêbados são iguais rei e criado.

● O que se guarda apodrece. Vive o momento, porque é mais tarde do se pensa.

● Quem mete o nariz onde não é chamado sai com ele esmurrado.

● Cabaça que assobia com o vento não tem água. Muito palavreado, pouco arrazoado.

● Quem se atira à água é porque sabe nadar.

● Palavras não se querem muitas senão boas.

● Quem o não quer ser, não o pareça.

● Ao pobre não é preciso mandar trabalhar.

● Cada um sabe onde o sapato lhe aperta.

SAIBA QUE...

No Equador, a duração do dia e da noite, em todo o ano, mantém-se quase a mesma.

Quando se dá o Solstício (altura em que sol se encontra mais afastado do Equador, a 21 de Junho) de Verão, o Ártico fica iluminado durante vinte e quatro horas, e a Antártida permanece em total escuridão. Já no Solstício de Inverno (em 21 de Dezembro), dá-se o inverso.

As fronteiras internacionais que vigoram em Moçambique foram traçadas por um tratado rubricado entre Portugal e a Grã-Bretanha, no ano de 1891.

O Império de Gaza nasce da queda do Império do Monomota-pa, tendo sido formado pelo povo Nguni, da África do Sul, ao passar a controlar os reinos dos Tonga.

A Reflexologia é uma das técnicas milenares da medicina chinesa através da qual podemos avaliar o nosso estado de saúde, com base no princípio segundo o qual temos áreas ou pontos nos pés que correspondem a cada órgão, glândula e estrutura do corpo.

Quando se activa esse reflexo, combatemos a tensão a nível do organismo. A energia flui pelos canais ou regiões do corpo, que terminam formando os pontos reflexos nos pés.

Estando esse fluxo de energia a ocorrer livremente, encontramos-nos saudáveis. Contudo, quando está bloqueado, por tensão ou congestão, adoecemos.

Ao tratar-se um pé de cada vez, em toda a sua extensão, reduz-se a tensão, o que melhora a irrigação sanguínea e, consequentemente, se combate o stress.

Os pés representam um microcosmo do corpo, sendo que todos os órgãos, glândulas e outras partes do corpo se encontram distribuídos de forma similar.

A técnica de aplicação da Reflexologia é fácil, devendo-se incidir a pressão nas áreas reflexas com os dedos das mãos, com recurso a métodos apropriados, o que resulta no estímulo do tratamento do organismo.

RIR É SAÚDE

– Ó vizinho, tomara que o senhor vendesse o seu cão. A minha filha, ontem, teve de parar de cantar porque ele esteve a uivar todo o tempo.
– Queira desculpar, caro amigo, mas foi a sua filha quem começou.

– Puxa! Então o senhor deixaria criticar a sua esposa sem fazer nada para defendê-la? – pergunta indignada uma amiga de casa.
– Perdoe-me – responde, confuso, o homenzinho – pensei que a senhora tinha dito enforçar, e não criticar.

O Buchande escreve uma carta. De repente, dá um murro na mesa e berra a plenos pulmões:
– É o diabo! O Shangano herda uma fortuna fabulosa e eu tenho de lhe enviar os pêsames!

Uma funcionária das LAM, já lá vão décadas, querendo perguntar a um sujeito se era trabalhador da Empresa Nacional de Turismo (ENT), do género feminino, portanto, dirige-se – cometendo um erro gramatical – ao pacato funcionário nos seguintes termos:
– O senhor é doente? (Do ENT).
Como se deve imaginar, a gargalhada foi geral, tendo sido necessário proceder-se a esclarecimentos, contudo, de pouca monta.

HORÓSCOPO - Previsão de 25.01 a 31.01



carquejeio

21 de Março a 20 de Abril

Profissional: Será um período caracterizado por problemas de diversa ordem. Este aspeto, durante esta semana, poderá ser um pouco complicado. Tomar decisões será importante e, não estará muito receptivo a torná-las.

Finanças: Este aspeto poderá ser o espelho das suas indecisões. Trata-se de uma área que requer uma atenção muito especial; uma vez que passa por questões económicas e que não são, de momento, caracterizadas por aspetos positivos.

Sentimental: No caso de ter uma relação sentimental, viva o seu amor de uma forma romântica. Vai fazer-lhe bem e encontrará forças para enfrentar outras tarefas.



caranguejeio

21 de Junho a 21 de Julho

Profissional: Esta será uma boa altura para começar a zelar pelos seus interesses. Estabeleça objetivos bem definidos e não adie projetos.

Finanças: A sua especial apetência para gastos desnecessários poderá criar-lhe algumas dificuldades. Para o seu próprio interesse, não entre em despesas não que não se justifiquem.

Sentimental: Será um período de grande equilíbrio. Poderá, durante esta semana, viver momentos agradáveis, desde que, conceda ao seu par a oportunidade de se manifestar.



balança

23 de Setembro a 22 de Outubro

Profissional: Não se deixe adormecer em cima de sonhos. Tem de encontrar o seu próprio caminho de uma forma objetiva. Marque a sua posição com muita ponderação, mas, igualmente, com muita firmeza.

Finanças: Este aspeto constitui a sua maior preocupação. Tente aceitar, com calma, as dificuldades que lhe possam surgir e, não se esqueça, que as tempestades também acabam; depois, normalmente vem a bonança.

Sentimental: Trata-se de um bom período para manifestar toda a sua capacidade de amar. No entanto, não deixe de ter em conta a personalidade da pessoa eleita pelo seu coração.



capricórnio

22 de Dezembro a 20 de Janeiro

Profissional: Trata-se de um período muito favorecido em todas as áreas da sua vida profissional. Para que tire desta semana os melhores resultados basta que se aplique ao máximo.

Finanças: Semana sem grandes alterações mas que poderá ser marcada por algumas despesas que poderão desequilibrar temporariamente o seu orçamento pessoal.

Sentimental: Este é um período em que todas as precauções que tomar serão poucas. Não procure a discussão e evite confrontos com o seu par. Não se deixe influenciar por pessoas mal-intencionadas.



touro

21 de Abril a 20 de Maio

Profissional: Este período encontra-se favorecido para que os seus objetivos possam ser alcançados. Deverá ser persistente em alcançar as metas que estabeleceu.

Finanças: Possibilidades de ser confrontado com algumas dificuldades. Por outro lado, graças à forma como administra as suas economias, a semana passará sem que este aspeto lhe traga preocupações de maior.

Sentimental: Semana muito favorecida para todas as relações de ordem sentimental. Caso tenha par e saiba agir com inteligência e sensibilidade, poderá tornar-se num período muito agradável.



leão

22 de Julho a 22 de Agosto

Profissional: Esta será uma semana indicada para a reflexão no âmbito profissional. O seu trabalho é muito importante, mas, não é tudo, trata-se só de uma parte da sua vida.

Finanças: Embora a semana apresente características de normalidade, algumas despesas (que já eram esperadas), poderão causar-lhe algumas dificuldades momentâneas.

Sentimental: O seu par em termos sentimentais será o mais importante. Assim, tente aproximar-se mais dele e, não se esqueça, que saber ouvir é uma grande qualidade.



escorpião

23 de Outubro a 21 de Novembro

Profissional: O seu trabalho não poderia encontrar melhor altura para o desenvolvimento. No caso de trabalhar por conta própria invista mais em si.

Finanças: O excesso nas despesas deverá ser mais controlado; caso contrário, poderá vir a sentir falta do que gastar hoje, de uma forma, perfeitamente desnecessária.

Sentimental: O amor é uma coisa maravilhosa. Mas se der ouvidos a pessoas mal-intencionadas poderá vir a ter problemas com o seu par. Seja coerente consigo com os seus sentimentos e nada acontecerá no plano negativo.



aquário

21 de Janeiro a 19 de Fevereiro

Profissional: Período favorecido para que tome iniciativas e decisões de carácter profissional. É uma boa fase para o desenvolvimento de projetos que aguardavam por uma altura mais favorecida.

Finanças: Não se deverão verificar grandes alterações. Algumas despesas durante esta semana já estavam previstas. Para o fim deste período a tendência é para que tudo comece a melhorar.

Sentimental: Este aspeto exige da sua parte alguma atenção. Não se exceda com o seu par e tente uma aproximação que poderá tornar o ambiente mais leve.



gémeos

21 de Maio a 20 de Junho

Profissional: Este aspeto encontra-se neste período uma boa fase. No entanto, não tome atitudes isoladas. Escute as opiniões dos seus colegas ou colaboradores e tudo correrá bem.

Finanças: Algumas dificuldades poderão ser a característica desta semana. Não se deixe arrastar pelo desespero. Melhores dias virão, mas, até lá, seja prudente e cauteloso.

Sentimental: O essencial será compreender o seu par. Não se perca em análises pessoais que o poderão induzir em erro. Um bom período para se iniciarem novas relações de ordem sentimental.



virgem

23 de Agosto a 22 de Setembro

Profissional: Concentre-se no seu trabalho e não se deixe arrastar para situações pouco claras. A palavra-chave para esta semana pode ser “reflexão e maturidade”.

Finanças: As perspectivas financeiras encontram-se favorecidas. Aproveite este período, use a sua inteligência e, os resultados poderão ser muito positivos.

Sentimental: Semana em que deverá agir com alguma cautela. O bom e o mau poderão confundir-se. Fique alerta e a semana passará sem grandes problemas.



sagitário

22 de Novembro a 21 de Dezembro

Profissional: Os aspetos de ordem laboral encontram-se favorecidos. No entanto, terá de fazer algo para que tudo evolua favoravelmente. Da sua vontade e esforço sairão os resultados. Mais do que nunca a sua persistência é absolutamente necessária.

Finanças: Os aspetos financeiros atravessam uma boa fase. Os investimentos quando bem analisados poderão encontrar neste período resultados muito favoráveis.

Sentimental: O aspeto sentimental encontra nesta semana umas condições muito favorecidas para que tire deste aspeto o melhor partido. O seu par será muito importante para si e, não se deve esquecer dele.

Cartoon





**VIVE UMA
VIDA LITE
BEBE CASTLE LITE**



LOOK GOOD. FEEL GOOD.

SEJA RESPONSÁVEL, BEBA COM MODERAÇÃO.